

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

LUIZ HENRIQUE RODRIGUES PAIVA

**POSSESSÃO E EXORCISMO:
OS MÚLTIPLOS ASPECTOS DE UM FENÔMENO**

**RECIFE
2015**

LUIZ HENRIQUE RODRIGUES PAIVA

**POSSESSÃO E EXORCISMO:
OS MÚLTIPLOS ASPECTOS DE UM FENÔMENO**

Dissertação apresentada por Luiz Henrique Rodrigues Paiva como exigência À obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, Sob a orientação do Prof. Dr. Gilbraz Aragão.

**RECIFE
2015**

P149p

Paiva, Luiz Henrique Rodrigues

Possessão e exorcismo : os múltiplos aspectos de um fenômeno /
Luiz Henrique Rodrigues Paiva ; orientador Gilbraz de Souza Aragão,
2015.

106 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Pró-reitoria Acadêmica. Coordenação Geral de Pós-graduação. Mestrado
em Ciências da Religião, 2015.

1. Demônios. 2. Exorcismo. 3. Teologia. 4. Demonologia. I. Título.

CDU 235.2

LUIZ HENRIQUE RODRIGUES PAIVA

**POSSESSÃO E EXORCISMO:
OS MÚLTIPLOS ASPECTOS DE UM FENÔMENO**

Dissertação apresentada por Luiz Henrique Rodrigues Paiva como exigência À obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, Sob a orientação do Prof. Dr. Gilbraz Aragão.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão
Orientador

Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos

Prof.^a Dr.^a Emanuela Sousa Ribeiro

FICHA CATALOGRÁFICA

LUIZ HENRIQUE RODRIGUES PAIVA

**POSSESSÃO E EXORCISMO:
OS MÚLTIPLOS ASPECTOS DE UM FENÔMENO**

Dissertação apresentada por Luiz Henrique Rodrigues Paiva como exigência À obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, Sob a orientação do Prof. Dr. Gilbraz Aragão.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão
Orientador

Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos

Prof^a. Dr^a. Manuela Sousa Ribeiro

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, por todas as maravilhas que realiza em minha vida e por ter me permitido dar mais esse passo em minha caminhada acadêmica. A minha família, principalmente aos meus avôs: Gilberto Afonso Ferreira Paiva e Djalma Rodrigues Barbosa, que sempre me incentivaram e me apoiaram em vida. Aos meus amigos queridos que sempre estiveram presentes em minhas conquistas acadêmicas e pessoais. Aos professores e professoras queridos que em todos os momentos estiveram ao meu lado, me ensinando com maestria e que me proporcionaram todos os conhecimentos adquiridos até hoje e ao meu grande amigo Batista, falecido em 2014.

AGRADECIMENTO

Agradeço em primeiro lugar a Deus por todas as vitórias proporcionadas neste curso acadêmico, desde a aprovação na seleção para o Mestrado até sua conclusão, pelas grandes conquistas atingidas nas disciplinas cursadas, onde vários conhecimentos foram incorporados com afinco. Agradeço aos professores e professoras que sempre acreditaram em mim e em minha pesquisa, principalmente ao professor Gilbraz de Souza Aragão, que em momento algum deixou de acreditar nesta temática um tanto polêmica. Aos professores Sérgio Sezino Douets Vasconcelos, Luiz Alencar Libório, Luiz Carlos Luz Marques, Newton Darwin de Andrade Cabral, João Luis Correia Júnior, Cláudio Vianney Malzoni e Drance Elias da Silva, por todos os conhecimentos ensinados com maestria e por sempre nos incentivarem em busca de nossos ideais. À Universidade Católica de Pernambuco, por sempre nos acolher como filhos e filhas amados. À minha família, por estar sempre do meu lado, me apoiando nas horas difíceis e aos queridos amigos e amigas de Mestrado que também me proporcionaram um crescimento acadêmico incrível.

“O demônio existe, não o confundamos com doenças psicológicas.”

Papa Francisco.

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade apresentar o fenômeno da possessão e exorcismo na tradição judaico-cristã, ao longo da história; partindo da antiguidade judaica até os dias atuais. A possessão demoníaca, bem como a prática do exorcismo, são temas estudados desde a antiguidade até os dias atuais. Pretende-se apresentar uma síntese, em chave historiográfica, desses fenômenos do Campo Religioso, além de uma análise crítica apoiada nos estudos de biblistas como Karl Kertelge, Antônio Lazarini Neto, Irineu José Rabuske e Luigi Schiavo e historiadores como Jacques Le Goff e Jean Delumeau. Para que isso seja feito, o trabalho foi dividido em três capítulos: no primeiro, analisaremos a questão do panorama histórico do fenômeno; no segundo, retrataremos as evoluções sofridas no fenômeno mediante as crenças do mundo medieval e moderno, culminando na análise teológica do fenômeno de possessão e do exorcismo no último capítulo.

Palavras-Chave: Demônios. Cristianismo. Teologia.

ABSTRACT

This work aims to present the phenomenon of possession and exorcism in the Judeo-Christian tradition throughout history; starting from the Jewish antiquity to the present day. Demonic possession, as well as the practice of exorcism, are studied themes from antiquity to the present day. It is intended to provide a summary, in historiographical key, these phenomena of Religious Realm, and a critical analysis supported in studies by scholars like Karl Kertelge, Antonio Lazarini Neto, José Irenaeus Rabuske and Luigi Schiavo and historians as Jaccques Le Goff and Jean Delumeau . For this to be done, the work was divided into three chapters: the first, we analyze the question of the historical overview of the phenomenon; in the second, portray the developments in the phenomenon suffered by the beliefs of the medieval and modern world, culminating in the theological analysis of the possession and exorcism phenomenon in the last chapter.

Keywords: Demons. Christianity. Theology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – As torturas do inferno.....	30
Figura 2 – A figura do diabo.....	31
Figura 3 – Sacrifício a Moloque.....	32
Figura 4 - Prática da Circuncisão no final da Wachnacht.....	62
Figura 5 - A cadeira de Elias.....	63

LISTA DE ABREVIATURAS

1Pd	-	Primeira Carta de Pedro
1Rs	-	Primeiro Livro dos Reis
1Sm	-	Primeiro Livro de Samuel
AO	-	Antigo Oriente
AT	-	Antigo Testamento
Br	-	Baruc
Cr	-	Crônicas
DC	-	Depois de Cristo
Dt	-	Deuteronômio
GC	-	Grego Clássico
Is	-	Isaías
Jr	-	Jeremias
Lv	-	Levítico
LXX	-	Septuaginta
Mt	-	Mateus
Nm	-	Números
NT	-	Novo Testamento
Os	-	Oséias
Sl	-	Salmos
Tb	-	Tobias

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – REFLEXÃO SOBRE AS CULTURAS QUE INFLUENCIARAM DIRETA OU INDIRETAMENTE NA TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ.....	18
CAPÍTULO 2 – DESENVOLVIMENTO DA COMPREENSÃO DO EXORCISMO NA TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ.....	47
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DO FENÔMENO DA POSSESSÃO E EXORCISMO NA TEOLOGIA CRISTÃ	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS.....	101

INTRODUÇÃO

Demônios são seres presentes em inúmeras crenças e lendas que povoam a imaginação de todos os povos da terra desde tempos imemoriais até os dias atuais. A esses seres se atribuem forças malévolas assim como também são ditos como causadores de grandes tragédias que ocorrem com os seres humanos; desde pequenos infortúnios até mesmo catástrofes naturais como terremotos, enchentes, tempestades, pragas e doenças.

Ao longo da história da humanidade temos vários casos de como povos diferentes lutaram contra a ação do “maligno”. Quase todos os povos de hoje que ainda vivem isolados, à base da coleta e da caça, creem na interação entre nosso mundo e o dos espíritos. Para se protegerem de “entidades” más recorrem aos xamãs, que podem ser considerados “exorcistas tradicionais”. Por isso, pesquisadores como Rabuske acreditam que desde os povos mais antigos já existia essa crença, como podemos ver em suas afirmações:

Desde os tempos mais remotos do pensamento humano, existem formas diferenciadas de possessão (possessão demoníaca). Paralelamente, existiam também, desde os tempos imemoriais, mecanismos de defesa contra a possessão, entre eles e o exorcismo¹.

Historicamente, Satã, do jeito como o visualizamos hoje no Ocidente – um ser que concentra em si a maldade absoluta – é resultado de uma longa gestação cultural na qual os arquétipos² do “mal” foram ganhando formas concretas tanto a partir de sincretismo – por meio da mistura da ideia do mal que há nas diversas religiões – quanto de processos de transferência – em que as pessoas descarregam num mito, numa figura externa, todo o mal que enxergam dentro de si.

O demônio fascina a humanidade porque ele nos ajuda a identificar – e a exorcizar – nossos impulsos primários. É demoníaco tudo aquilo que lembra ao homem que ele é um animal: a excreção, o vômito, a violência, a doença, a morte, o aspecto grotesco do sexo. Ao lado disso, é divino tudo aquilo que dá ao homem a impressão de que ele pode colocar-se acima dos outros animais: o amor, a inteligência, a renúncia aos instintos básicos, o aspecto sublime do sexo.

Para Rabuske, o demônio e seu mundo não só constituem um aspecto da teologia ou

¹ RABUSKE, Irineu José. **Jesus exorcista**: estudos exegéticos e hermenêuticos de Mc. 3:20-30. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 19.

² JUNG, Carl. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

da doutrina cristã, mas também povoam o universo cultural que se desenvolveu nos dois últimos milênios de nossa história³. Logo, o diabo chega ao século XXI deitado sobre a fama arrecadada ao longo do tempo. É verdade que ele não se apresenta mais como nos murais antigos, com a aparência grotesca de um bode alado, coroadado de enormes chifres, com rabo de dragão, olhos nas asas, na barriga e no traseiro. Além disso, também já não é acusado em toda parte de estar por trás das doenças, das hecatombes, das tragédias cotidianas. O diabo teve que ceder aos progressos da ciência, à liberdade de pensamento e ao avanço da razão sobre a superstição. Mas é inegável que, mesmo reduzido à ideia original que o criou, ele continua influente em nossos dias, em qualquer que seja a classe social ou o nível cultural das pessoas. Não é exagero dizer que, de certa forma, a figura de Satã tem sido revalorizada nos últimos tempos, seja através de filmes, relatos, revistas, dentre outras fontes.

Percebemos claramente que ocorreu uma grande evolução em relação ao fenômeno que chamamos de exorcismo em praticamente todas as sociedades e à própria figura que levaria as pessoas a caírem neste tipo de situação, porém é possível perceber, que apesar desta evolução, muitas pessoas ainda levam em consideração antigas crenças sobre “atuações sobrenaturais” em nosso meio, justificando a partir desta visão acontecimentos inusitados do seu próprio dia a dia, como afirma o antropólogo Cuppit:

A crença em espíritos é encontrada em todas, ou quase todas, as sociedades humanas. Ela assume formas variadas, mas um espírito parece ser um agente invisível, quase humano, que é imediata, e quase instintivamente, postulado como sendo a causa de um acontecimento repentino, estranho e inesperado⁴.

Com o florescer do Iluminismo as crenças nos dogmas foram se modificando, uma vez que a tentativa de transformar a própria ciência em dogma ou ainda, a religião em ciência, derrotou o espírito de interação entre as duas⁵. O escolasticismo, no entanto, já anunciava essa ruptura. Podemos afirmar que o mundo moderno, dominado pela razão, não consegue perceber que o mito faz parte do imaginário e, conseqüentemente, do mundo do crente. Contudo, esse mesmo mundo dominado pela ciência, não consegue também explicar a Deus, a divindade, gerando assim uma alternância na história sobre a interpretação das crenças e também da confiança nas mesmas, como afirma Lara:

Há aqueles que querem o retorno aos fundamentos e ao literalismo bíblico, e há aqueles que preferem uma abertura para compreender melhor a vida e qualquer outra

³ RABUSKE, Irineu José. **Jesus exorcista**: estudos exegéticos e hermenêuticos de Mc. 3:20-30. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 21.

⁴ CUPPIT, Don. **Depois de Deus**: o futuro da religião. Rio de Janeiro: ROCCO, 1999, p. 23.

⁵ LARA, Aroldo. **Possessão e exorcismo**. São Paulo: Biblioteca 24 Horas, 2011.

dimensão inexplicável, concluindo que o finito não pode compreender o infinito nem o relativo atingir o absoluto⁶.

Percebemos através destas análises que é necessário buscar explicações no passado e no presente para podermos analisar de forma mais conveniente o que caracterizaria o fenômeno da possessão, como afirma O'grady:

Por volta do século IX o diabo começava a ocupar uma posição central na crença dos cristãos ocidentais. A teologia ortodoxa do oriente dava pouca atenção às doutrinas a respeito do maligno. Os padres bizantinos enfatizavam de maneira mais específica a transcendente unidade de Deus; todas as coisas, independentemente de parecerem boas ou más, vinham de suas mãos. Tudo procedia de Deus e tudo estava destinado a retornar a ele⁷.

Assim, através desse passado percebemos que nem sempre a preocupação se centralizava no diabo e nem sempre este deveria estar na tônica da religião, ou das crenças religiosas, pois quando tudo procede de Deus, não haveria muito espaço para o chamado mal.

Percebemos que o imaginário humano dá força a essas práticas antigas, onde a evocação de seres horrendos que aparecem com asas de dragão ou morcego, chifres e rabo, acaba sendo uma tentativa de explicar e personificar os nossos sonhos e medos interiores.

É importante notar as diferenças de pensamento sobre o mesmo conteúdo com o passar dos tempos: para Jesus e os autores do Novo Testamento a possessão não era apenas uma expressão de enfermidade física ou mental de um determinado indivíduo. Percebemos em muitas passagens do Novo Testamento que pessoas diversas apresentam “demônios” ou “espíritos impuros” sem que seja mencionado algum tipo de enfermidade em particular. Isso denota uma leitura pré-moderna do processo de possessão sobre uma determinada pessoa que se acha favorável ou exposta, no qual essa interferência sobrenatural se apodera dela e a modifica atingindo sua essência. Logo, podemos afirmar sobre esse tipo de mentalidade vivida na época de Jesus que ela entende o possesso em tal comunhão, tal união com o demônio, que não parece ser mais ele mesmo, passando a impressão de que o que o possesso afirmava parecia ser produzido ou pronunciado pelo espírito demoníaco.

A partir da institucionalização religiosa as práticas de exorcismo ficaram cada vez mais restritas, uma vez que os sacerdotes que eram instituídos como exorcistas deveriam passar por um aprendizado rigoroso e saber distinguir o que era na verdade um ataque demoníaco ou uma doença grave. Devemos lembrar nesta afirmação que, para a Igreja

⁶ LARA, Aroldo. **Possessão e exorcismo**. São Paulo: Biblioteca 24 Horas, 2011, p. 35.

⁷ O'GRADY, Joan. **Satã, o Príncipe das Trevas**. São Paulo: Mercuryo, 1991, p. 67.

Católica, o diabo é um ser verdadeiro e que nos tenta a cada momento de nossas vidas.

No mundo moderno as características de tal fenômeno são vistas e interpretadas como sendo uma alienação da pessoa em si mesma, ou seja, como afirmam os teólogos Lehmann, Kasper, Kertelge e Misco⁸, a perda da estrutura relacional que atinge profundamente a sua vida no aspecto humano. Através do exorcismo ou expulsão do demônio, a pessoa enferma “retorna a si” ou em si, de modo que se apresenta novamente em “são juízo”.

Ainda nos dias atuais é espantoso o número de pessoas que acreditam, mesmo vivendo em contato com toda a cientificidade da modernidade, em seres como duendes, fadas, gnomos, assim também como a objetos como talismãs, búzios, cartas, dentre outros fatores que incluem também a existência de anjos e lógico, demônios. Isso apresenta uma grande recorrência em nossos dias e reflete um campo muito vasto aos cientistas da religião.

Este trabalho tem como uma das finalidades demonstrar um pouco dessa história tão antiga da luta contra o “mal” e como essa cruzada contra as chamadas “forças demoníacas” foram vistas e interpretadas tanto na tradição judaico-cristã como pelas religiões que influenciaram na tradição judaica, como o zoroastrismo, por exemplo, e como são reinterpretadas aos olhos de uma nova visão do mundo espiritual.

Para a realização deste trabalho foi desenvolvida uma pesquisa e levantamento de fontes bibliográficas como livros, artigos e periódicos sobre o tema, fazendo que com o trabalho se apoie em teorias de teólogos como Lazarini Neto⁹, Schiavo¹⁰, Rabuske¹¹,

⁸ LEHMANN, Karl; KASPER, Walter; KERTELGE, Karl; MISCO, Johannes. **Diabo, demônios e possessão**. São Paulo: Loyola, 1992, p. 35

⁹ LAZARINI NETO, Antonio. **Messias exorcista: combate aos espíritos imundos e a estrutura do Evangelho de Marcos**. (Exegese de Mc 1.21-28). Universidade Metodista de São Paulo. 2006.

¹⁰ SCHIAVO, Luigi. **2000 demônios na Decápole: exegese, história, conflitos e interpretações de Mc 5.1-20**. São Bernardo do Campo-SP: UESP, 1999.

_____. A apocalíptica judaica e o surgimento da cristologia de exaltação na narrativa da tentação de Jesus (Q 4.1-13). In.: **Revista Oráculo**. n. 1, p.1-56, 2005.

_____. As três redes de satanás. In.: **Fragmentos de Cultura**, Goiânia - GO, v. 11, n.5, p. 849-858, 2001.

_____. Com Satanás ao redor da terra. As tentações de Jesus (Lc 4,1-13) como relato de experiência visionária de viagem. In.: **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo - SP, v. 19, p. 105-132, 2000.

_____. Jesus Taumaturgo: elementos interpretativos. In.: **Revista de interpretação Latino-Americana (RIBLA)**, Quito - Equador, v. 47, n.1, p. 74-85, 2004.

_____. O mal e suas representações simbólicas: o universo mítico e social das figuras de satanás na bíblia. In.: **Estudos de Religião**. v. 19, p. 65-83, 2000.

_____. O simbólico e o diabólico: a vida ameaçada. In.: **Phoenix (UFRJ)**, Rio de Janeiro, n.8, p. 230-243, 2002.

¹¹ RABUSKE, Irineu. **Jesus exorcista: estudo exegético e hermenêutico de MC 3, 20-30**. São Paulo: Instituto Ecumênico de Pós Graduação, 1999.

historiadores como Fernandes¹² e arqueólogos como Mega, Silva, Matos¹³, todos com trabalhos divulgados sobre a temática. Esta pesquisa foi essencialmente bibliográfica.

Para Lazarini Neto¹⁴, a imaginação no demoníaco é sempre muito forte, evocando imagens de seres horrendos que aparecem com asas de morcego, chifres, rabo e em cores flamejantes e tenebrosas que, apesar de assombrar o dia-a-dia das pessoas, acabam sendo nada mais do que tentativas de explicar e “personificar” a realidade abstrata do mal. Ainda para Lazarini Neto¹⁵, na Bíblia hebraica, a figura de satanás e os demônios fazem parte do cenário, mas são quase que ignorados e servem aos propósitos soberanos de Iahweh, enquanto que nos relatos de exorcismo tais figuras adquirem uma importância fundamental. Todavia, o que ameaçava a ordem social estabelecida por aquele grupo, no mundo antigo, onde a narrativa se concentra, acabava sendo identificado como manifestações de demônios e espíritos malignos.

Schiavo¹⁶ considera que se a crença no mal fazia parte sempre da teologia de Israel, sobretudo da religiosidade popular, ela se expandiu no judaísmo tardio. Ressalta ainda que a figura do demônio como “figura independente do mal” é difícil de ser identificado no Antigo Testamento, por ser fruto de uma grande mistura cultural, com influências da magia, da religiosidade popular, do ritualismo apotrópico¹⁷ oficial e do simbolismo poético.

Rabuske¹⁸, afirma em seus estudos que não há lugar para dualismo na fé do Antigo Testamento. Assim, professava-se a unicidade de Iahweh, do qual tudo procede, tanto o bem como o mal. O bem pode ser interpretado como um sinal ou dom gratuito por parte de Deus. Já o mal pode ser visto como castigo pela infidelidade do povo. O mesmo ainda teoriza que se pode observar a citação de uma série de demônios na tradição judaico-cristã e isso poderia levar ao erro de pensar que toda a crença em demônios e exorcismo tem base na Bíblia hebraica. No entanto, essas figuras vistas mais de perto nos revelam que se tratam de ocorrências episódicas, como Lilit, em Isaías (Is. 34:14), que devem ser vistas como

¹² FERNANDES, José Lucas Cordeiro. As marionetes do diabo: as representações de Satã no corpo na Idade Moderna. XIII Encontro Estadual de História do Ceará, 2012, Sobral. **Anais do XIII Encontro Estadual de História do Ceará**, 2012. v. 1.

¹³ MEGA, Orestes Jayme; SILVA, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado; MATOS, Lennon Oliveira. As metamorfoses de satã: as ressignificações do mal. **IX Fórum de Debates em História Antiga**. Rio de Janeiro, 2010.

¹⁴ LAZARINI NETO, Antonio. **Messias exorcista: combate aos espíritos imundos e a estrutura do Evangelho de Marcos**. (Exegese de Mc 1.21-28). Universidade Metodista de São Paulo. 2006, p. 04.

¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 6

¹⁶ SCHIAVO, Luigi. Com Satanás ao redor da terra. As tentações de Jesus (Lc 4,1-13) como relato de experiência visionária de viagem. In.: **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo-SP, v. 19, 2000, p. 133.

¹⁷ Apotrópico vem do grego *apotrepein* (afastar-se), que tem poder de afastar (influência maléfica, desgraça, etc.), que os antigos invocavam para afastar malefícios e desgraças.

¹⁸ RABUSKE, Irineu. **Jesus exorcista: estudo exegético e hermenêutico de MC 3, 20-30**. São Paulo: Instituto Ecumênico de Pós Graduação, 1999, p. 9-10

elementos importados do mundo extrabíblico.

Fernandes¹⁹ afirma que a principal função do diabo é nos levar à tentação, fazer com que nós inflijamos à ordem, ceder aos pecados, entregar as nossas almas para o “inferno”, nos afastar de Deus e para isso ele toma o corpo como sua ferramenta de corrupção. Para Fernandes o corpo é a principal fonte para a suposta manifestação do mal, pois, através dele, vemos diariamente nos meios religiosos espetáculos de expulsão, espetáculos de cura com a saída do “encosto” diabólico.

Para Mega, Silva, Matos²⁰, o diabo pode ser considerado um símbolo universal presente no espírito humano e que ora foi interpretado de maneira benéfica e ora de maneira maléfica. Para eles, dramas existenciais e fenômenos sócio-históricos, além de psicológicos, no caso dos exorcismos, passam pela figura alegórica de satã, tanto de indivíduos isolados como de sociedades inteiras.

Percebemos, através desses teóricos, que muitas destas características sobre o fenômeno da possessão e exorcismo, assim também como a crença em supostas atuações de seres maléficos prevalecem na mentalidade moderna. Este trabalho tem como principal função analisar essas passagens e compreender por que ainda no mundo moderno, dominado por tanta ciência e tecnologia, a figura do diabo e o medo de ser possuído por este subsiste e ganha força em muitas sociedades atuais.

No primeiro capítulo temos como objetivo, a procura de um início para essas crenças, assim, verificamos que em todas as culturas existe um princípio comum, ou seja, além do Judaísmo e do Cristianismo também existem fontes e referências para identificar o que são “demônios”. Este capítulo abordará justamente esses relatos ao longo da história, nas mais variadas religiões e civilizações da antiguidade, podendo desta forma atingir o ponto onde a crença evoluirá para a formulação e compreensão das contravenções atuais.

O Judaísmo, foco principal do primeiro capítulo, incorporou, ao longo de sua trajetória, diversas características da região em que se desenvolveu (antiga Mesopotâmia). Acredita-se que somente após a saída do Egito os Hebreus passaram a acreditar na figura dos demônios. Sabemos que para os Estóicos a alma dos mortos, ou o espírito dos mortos,

¹⁹ FERNANDES, José Lucas Cordeiro. As marionetes do diabo: as representações de satã no corpo na Idade Moderna. XIII Encontro Estadual de História do Ceará, 2012, Sobral. **Anais do XIII Encontro Estadual de História do Ceará**, 2012. v. 1. p. 1-12

²⁰ MEGA, Orestes Jayme; SILVA, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado; MATOS, Lennon Oliveira. As metamorfoses de satã: as ressignificações do mal. **IX Fórum de Debates em História Antiga**. Rio de Janeiro, 2010.

poderia se tornar um demônio de acordo com as devidas ocasiões e é justamente esse conceito que dará forma à crença da possessão de um indivíduo pelos parentes ou por pessoas próximas na mitologia grega. Ainda falando na Grécia Antiga, que iremos aprofundar mais adiante, o sábio grego Heráclito acreditava que o espírito é o caráter que habita em um homem e não uma entidade separada como muitos antigos afirmavam.

Sobre a origem da palavra grega *daímon*, sabemos que a mesma é de origem erudita, onde temos *daímon* – *onos* como sendo interpretada por divindade, gênio, espírito, espírito supra humano ou ainda infra divino. Posteriormente, no que se refere aos conceitos eclesiásticos, teremos interpretações como espírito mau, gênio, desfavorável.

No capítulo dois, ao analisarmos o termo exorcismo, percebemos que, no sentido específico, não ocorre na língua hebraica uma palavra que possa ser utilizada com este significado. O que temos presente muitas vezes é a palavra *Ashap*, com o sentido de “astrólogo, encantador ou até mesmo necromante” como nos afirma Carlos Vailatti. Podemos analisar esse tipo de expressão em algumas passagens do AT, nos Apócrifos, nos pergaminhos do Mar Morto, nos Pseudepígrafos, o que contribui bastante para a compreensão da evolução do pensamento sobre o referido fenômeno.

Voltando ao termo *Ashap*, temos o exemplo da passagem de Daniel, em 1.20; onde o termo é citado. Acredita-se que o termo seja retirado da antiga Babilônia, cuja palavra inicial era “*Shiptu*”, ou conjuração, traduzindo literalmente. Em Daniel, vemos também o transparecer de outro termo, como nos mostra Vailatti, sendo ele o vocábulo “*Gazer*”, com o sentido de advinho, em Daniel 2.27; 4.4; 5.7,11. Acredita-se que o termo *Gazer* também possa significar “decretar”, ou seja, decretar que espíritos impuros sejam expulsos com autoridade.

Podemos constatar como era realizado um exorcismo em Israel antigo através de duas passagens que relatam tais feitos, uma delas está contida em 1 Samuel e outra no livro apócrifo de Tobias.

Por final, analisaremos como o imaginário popular foi um grande aliado das forças demoníacas, tanto para sua propagação como para sua consolidação. Como afirma Irineu Rabuske, apesar de os textos chamados sinóticos afirmarem a vitória de Jesus sobre Satanás; essa ideia não teria conseguido atingir as crenças populares na qual o demônio continuava atuante no dia-a-dia das pessoas, tentando fazer com que as mesmas fossem seduzidas e desviadas do caminho de Deus por legiões de demônios.

CAPÍTULO 1 – REFLEXÃO SOBRE AS CULTURAS QUE INFLUENCIARAM DIRETA OU INDIRETAMENTE NA TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ

Como vimos em nossa introdução, os demônios, em suas diversas formas e representações, são considerados os responsáveis pelo fenômeno da possessão e vários outros males que afligem a humanidade. Com o objetivo de procurar um início para essas crenças verificamos que em todas as culturas existe um princípio comum, ou seja, além do Judaísmo e do Cristianismo também existem fontes e referências para identificar o que são “demônios”. Este capítulo abordará justamente esses relatos ao longo da história, nas mais variadas religiões e civilizações da antiguidade, podendo desta forma atingir o ponto onde a crença evoluirá para a formulação e compreensão das atuais.

O Judaísmo, foco principal deste capítulo, incorporou, ao longo de sua trajetória, diversas características da região em que se desenvolveu (antiga Mesopotâmia). Acredita-se que somente após a saída do Egito os hebreus passaram a acreditar na figura dos demônios²¹.

De acordo com Carlos Augusto Vailatti²², o termo “Daímon” era empregado no período do grego clássico como sendo, não apenas em algumas ocasiões, um sinônimo de Theos (Deus). Acredita-se que entre os gregos antigos, a figura do demônio poderia ser um “poder” ou até mesmo a chamada psique humana²³.

Sabemos que para os Estóicos a alma dos mortos, ou o espírito dos mortos, poderia se tornar um demônio de acordo com as devidas ocasiões e é justamente esse conceito que dará forma à crença da possessão de um indivíduo pelos parentes ou por pessoas próximas na mitologia grega. Ainda falando na Grécia Antiga, que iremos aprofundar mais adiante, o sábio grego Heráclito acreditava que o espírito é o caráter que habita em um homem e não uma entidade separada²⁴ como muitos antigos afirmavam.

Sobre a origem da palavra grega *daímon*, sabemos que a mesma é de origem erudita, onde temos *daímon* – *onos* como sendo interpretada por divindade, gênio, espírito, espírito supra humano ou ainda infra divino. Posteriormente, no que se refere aos conceitos

²¹ GALLARDO, Carlos B. **Jesus, homem em conflito**. O relato de Marcos na América Latina. São Paulo: Paulinas, 1997 (Enciclopédia Mirador Internacional), p. 3204.

²² VAILATTI, Carlos Augusto. **Manual de demonologia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p. 54.

²³ CHAMPLIN, R. **Dicionário de teologia, filosofia e história**. São Paulo: Agnos, 2000, p. 47.

²⁴ *Idem*, *ibidem*, p. 49.

eclesiásticos, teremos interpretações como espírito mau, gênio, desfavorável.

Em suas origens, dentro da cultura Mesopotâmica, todos os chamados demônios tinham um nome próprio. Acreditava-se que pessoas que combatiam essas entidades como bruxos e xamãs deveriam conhecer o nome da “entidade” que ali estava habitando no possesso e, apenas com esse conhecimento, poderia expulsá-lo. No Segundo Testamento esse antigo conhecimento sobre expulsão já é mencionado e reconhecido, uma vez que em todos os acontecimentos envolvendo práticas exorcistas, o próprio Jesus pergunta o nome do chamado “demônio” para assim poder retirá-lo²⁵.

Como afirma A Lefrèvre, os demônios desempenharam um papel muito importante na crença e religião cristã, isso desde suas origens até os dias atuais²⁶. No entanto, a figura do diabo nem sempre desempenhou o papel que desempenha atualmente. Vejamos agora como essa personagem se tornou o senhor de toda a escuridão para os cristãos.

A figura de Lúcifer, também chamado por vários outros nomes como, Belzebu ou simplesmente de a Besta, tem tomado muitas formas estranhas e diferentes, além de assumir atuações diferenciadas ao longo da história.

Sabemos que a ideia do chamado inimigo de Deus está viva e tem circulado o mundo há milhares de anos, porém perguntas fundamentais são sempre feitas em relação a esta mesma personagem, como, por exemplo, como teve início sua história? De onde veio? E principalmente, como se tornou o chamado “príncipe das trevas”.

Sabemos que os mitos são narrativas de caráter simbólico-imagético, relacionada a uma dada cultura, que procura explicar e demonstrar, seja por meio de uma ação, um modo, seja por meio de um herói, uma personagem, a origem das coisas. É justamente nas entranhas dos mitos mais antigos que encontramos a experiência humana de entender e combater o mal. No mito encontramos uma narrativa que pondera a experiência do sofrimento, da angustia, dos medos em suas dimensões mais profundas.

Como nos explica Afonso Maria Ligorio Soares, os mitos são como manifestações primordiais da vivência e proporciona, por sua vez, a junção do ser humano, com o abstrato, com o divino absoluto, além de colocá-lo perante símbolos e ritos que representam esse mistério. Para Jung, o mito é proporcionado pelo inconsciente coletivo, ou seja, é proveniente das camadas mais internas da alma e representa uma espécie de manifestação psíquica que

²⁵ CHAMPLIN, R. **Dicionário de teologia, filosofia e história**. São Paulo: Agnos, 2000, p. 47.

²⁶ HUXLEY, Aldous. **Os demônios de Loudun**. São Paulo: Círculo do Livro, 1952, p. 179.

descreve o ser em sua essência. Seguindo esta linha, J. Campbell afirmava que o mito não constitui somente a busca ou a procura por um sentido em nossa existência. Para Campbell, os mitos são como ressonâncias, no interior do ser humano o que o leva a se integrar com a natureza e a sociedade que o cerca, superando assim o informe, o indeterminado, o caos.

Pelo mito, encontramos expressões religiosas, que ajudam a entender um pouco o racional. Através do mito podemos encontrar um elo intelectual, uma vez que, a sua linguagem, permite que ocorra uma transmissão de pensamento ou raciocínio, o que se propaga por meio de rituais, orações, cânticos, relatos históricos, textos, etc. É justamente encima desta tradição que o homem reflete sobre sua origem, destino, nosso lugar no mundo e qual a razão para tudo isso.

Essas perguntas originalmente são trazidas a luz pelas experiências religiosas, que com o passar dos tempos se transformam em imagens, palavras e finalmente símbolos, gerando assim o mito. Com a criação do mito, é o ritual que irá proporcionar sua representação continuamente. Através da oração, entramos no estágio de “expressar” como sendo, segundo Soares, uma visão do mundo que se deseja desde a essência do espírito²⁷. Apesar das culturas existentes serem as mais variadas e diversificadas possíveis, os mitos acabaram se reencontrando em uma espécie de junção ou movimentos cíclicos, onde é possível encontrar inúmeras identificações e similaridades entre, por exemplo, de mitos de culturas americanas com mitos indo-europeus, e até mesmo semitas.

J. M. Gagnelin explica essas similaridades como “invenções linguísticas” e narrativas que o homem elabora para tentar converter em sentidos o real que encontram e que os submerge²⁸. Assim, as semelhanças entre os mitos de origem do mal podem ser entendidos, o que ocorre é uma transição que vai dos mitos que interpretam o mal como sendo este mal anterior ao próprio ser humano com outros mitos que colocam seu nascedouro no próprio homem²⁹. Podemos, assim, chamar o primeiro caso de mal ontológico pré-criacional, ou seja, o mal passa a ser visto e entendido como sendo um fator pré existente, como é o caso do mito Enûma Elish, um antigo mito criacional sumério. Através dele, compreendemos o mal como algo trágico, como uma espécie de destino fatal, sendo assim um mal explicado pelo orfismo.

O segundo caso seriam as narrativas semelhantes, por exemplo, as encontradas no terceiro capítulo do livro de Gêneses. Percebemos através do mito de Adão, uma forma de

²⁷ SOARES, Afonso Maria Ligório. **De volta ao mistério da iniquidade:** palavra, ação e silêncio diante do sofrimento e da maldade. Paulinas: São Paulo, 2012, p. 58.

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 58

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 58

explicação da origem antropológica do mal, isto é, sendo o pecado causado pelo primeiro casal. Inicia-se assim, uma corrente de sofrimentos e angustias da qual fazemos parte e dela não podemos nos afastar. No entanto, dentro desta narrativa encontramos elementos que demonstram simbologias que apontam para um mal pré-humano ou responsável pela falha humana.

No mito do primeiro pecado temos uma situação onde ao mesmo tempo em que se demonstra o mal desencadeado sobre Adão e Eva, percebemos que existe um desejo de deixar ou abandonar a própria situação original ou estado original. Para Croatto³⁰, quando o mito indica que existe uma proibição de uma certa árvore do Jardim do Edem, em Gn 2, 16-17, demonstra que deve haver um destaque para a ação de Deus, como sendo uma ação do bem. Através da obediência o povo poderá reverter os erros cometidos por Adão. Porém, o mito é posteriormente explicado por Paulo da seguinte forma, em “segundo Adão”, encontrado em Rm 5, 12-21, o termo refere-se a “contra Adão”, o que coloca o homem em situação de causador do pecado original e não um mal pré existente.

Paul Ricoeur, com o intuito de observar e analisar a simbologia do mal, busca, no contexto das religiões antigas do Oriente Médio, além da Grécia, formas de como esses povos entendiam e procuravam se defender do mal. Ricoeur sintetizou os seus resultados em quatro modelos de mito: o teogônico, o adâmico, o trágico e por último o modelo órfico. Em relação ao mito teogônico, também chamado de etiológico, percebemos que essas narrativas procuram explicar a origem do mundo, do ser humano e da divindade criadora. Um dos grandes exemplos, geralmente mencionados deste modelo, é o poema sumério Enûma Elish, onde o mesmo celebra ou narra o conflito cósmico entre os poderes da ordem e do caos, onde o caos é sumariamente derrotado³¹.

A luta inicial entre a ordem e o caos não é apenas uma exclusividade do Enûma Elish; diversos outros povos possuem relatos ensinando que no princípio de tudo possuíamos o caos, o abismo sem fim, além de muita violência desferida entre deuses. Geralmente nessas narrativas encontramos uma divindade guerreira ou rebelde que luta contra o caos, no caso da Enûma Elish, encontramos Marduk, que derrota sua mãe, a deusa Tiamat³². Em outras narrativas do mundo antigo observamos Crono reestabelecendo a ordem do universo contra seu pai Urano, para depois ser subjugado por Zeus. A ideia é que a ordem sempre prevaleça

³⁰ SOARES, Afonso Maria Ligório. **De volta ao mistério da iniquidade:** palavra, ação e silêncio diante do sofrimento e da maldade. Paulinas: São Paulo, 2012, p. 59.

³¹ *Idem, ibidem*, p. 65.

³² *Idem, ibidem*, p. 66.

sobre o caos, porem nem sempre isso é possível e novamente o caos, ou o mal, emerge de onde fora confinado.

Essa ideologia é algo que está longe de ser uma exclusividade do Oriente Próximo, por exemplo, observamos esse modelo teogônico também em terras sulamericanas, para ser mais exato em território Mapuche³³, no mito de Kai Kai e Treng Treng³⁴. Logo, percebemos que seja no mito de Kai Kai mapuche, ou na Tiamat babilônica, que tem como correspondente cananeu Yam, a origem do mal é coextensiva das coisas. Outra característica que pula aos nossos olhos é que, segundo Ricouer, no momento da criação do mundo o deus que atua na realização deste feito age como sendo seu libertador e salvador; reservando, de forma definitiva, o caos como papel de mal, ou aquilo que não tem forma.

Para esse modelo de mal absoluto é então a não existência do ser humano, o que faz do nosso existir a salvação do vazio. Percebe-se, então, que neste primeiro modelo de criação mítica, existe um significado para o sofrimento humano, assim também existe uma condição de falta de culpa neste mesmo ser humano, uma vez que este não possui controle sobre as desgraças e injustiças da vida. Na tradição judaica, percebe-se, no entanto uma diferenciação que é muito inovadora se comparado com outros mitos teogônicos, o simples fato de que na versão judaica não existe combates violentos entre forças antagônicas, embora o que mais se aproxime disto seja o fato de que Deus, que cria apenas pelas palavras, apresenta a necessidade de dobrar em seu favor elementos, que são pré-existentes ou não, a sua vontade transformadora.

Para finalizarmos esta análise sobre o mito teogônico, alguns autores afirmam que o mito judaico apresenta, nas palavras de J. A. Estrada, “uma contradição irresolúvel quanto a apresentação do mal”³⁵, ou seja, apesar de Deus ser bom e ter criado tudo de forma boa, existe a figura ou presença do mal, simbolizando a presença do caos, que não sabemos como surgiu ou de onde vem, por não ser considerado divino ou feito por uma obra criadora.

No mito adâmico, que possui como maior referência, embora não a única, a narrativa do capítulo 3 de Gêneses observamos o fator da queda. Logo, percebemos que no mito judaico sua principal função é demonstrar uma experiência religiosa que sugere uma meditação sobre a realidade do pecado e a simples necessidade de expulsá-lo. Assim, mesmo

³³ SOARES, Afonso Maria Ligório. **De volta ao mistério da iniquidade:** palavra, ação e silêncio diante do sofrimento e da maldade. Paulinas: São Paulo, 2012, p. 66.

³⁴ *Idem, ibidem*, p. 66.

³⁵ *Idem, ibidem*, p. 69.

não se tratando de uma história o fato real, tenta-se tirar uma lição de experiências concretas do povo israelita³⁶.

Percebemos que em decorrência da criação vem a fundação da moral, assim a figura da serpente e de Adão e Eva é colocado de uma maneira que possa ensinar que quando uma criatura, o homem, tenta dominar para si todo o conhecimento, o mistério, colocando-se em posição de estar acima da sabedoria, ou seja, Deus, o resultado desta ousadia sempre será uma tragédia como fica claro em Gn 3-11. Ao querer dominar de forma racional e arbitrária o conhecimento do bem e do mal, manipulando assim a realidade ao seu favor, o homem volta a mergulhar no caos, que passa a ser visto por esses mitos como sendo a perda da razão entre os mesmos fatores (bem e mal).

Desta forma para o mito adâmico, somos socorridos em nossas falhas pelos ensinamentos e mandamentos divinos, que saltam aos nossos olhos como orientação na concretização do conhecimento do bem e do mal. Com relação ao mito trágico podemos afirmar que o terceiro modelo criado por Paul Ricoeur aponta uma condição intermediária em relação aos dois primeiros. No mito trágico o conceito de mal está ligado ao destino do próprio ser humano. Nele a figura do deus ou deuses cercam e tentam os humanos a cada momento, embora não cometam, aos seus olhos, pecados ou faltas para com os humanos. Pelo contrário, são os próprios humanos que são culpados de alguma forma.

Diferentemente do modelo teogônico, onde as contendas se davam entre as próprias divindades, no modelo trágico o mal se dá devido ao enfrentamento de deuses e humanos. Para Ricoeur, neste modelo, as divindades passam a serem perigosas, cruéis e mentirosas. Aqui, o bem e o mal estão presentes na natureza divina, porém suas hostilidades são dirigidas para a humanidade; que por sua vez procuram de forma inútil escapar do destino. Para o modelo trágico, a salvação aparece no conceito da liberdade estética³⁷, que os homens podem alcançar por meio de uma emersão na própria tragédia, compreendendo e transformando a mesma em compaixão. Logo a situação de fraqueza dá lugar à liberdade.

Para finalizarmos a questão do mito, encontramos o quarto modelo que é o modelo Órfico, remontando a figura mitológica de Orfeu. Sabemos que o orfismo é uma crença importante e que influenciou bastante filósofos como Platão e Aristóteles. É considerada uma

³⁶ SOARES, Afonso Maria Ligório. **De volta ao mistério da iniquidade:** palavra, ação e silêncio diante do sofrimento e da maldade. Paulinas: São Paulo, 2012. p. 70.

³⁷ *Idem, ibidem*, p. 75.

religião de mistério, que apresenta o conceito que todos os seres humanos são deuses por herança divina e que um dia conseguiremos obter a plenitude novamente.

Neste mito, o mal se faz presente no próprio corpo humano, onde a alma torna-se prisioneira. Desta forma o mal não depende da vontade humana, pois é um fruto de uma degradação da alma para regiões mais densas do nosso interior. Nesses mitos fica claro, então, como a alma tornou-se humana e assim esqueceu-se de sua essência divina, permitindo que o corpo se tornasse um lugar de tentação. Logo, o mal não está na origem de tudo, está presente na queda da alma para a matéria dela decorrente.

A História de Satanás, na perspectiva judaico-cristã, tem início há mais de três mil anos atrás, nos desertos e campos áridos do Oriente Médio, onde bocas desconhecidas começavam a ditar os primeiros capítulos da Bíblia Hebráica. O chamado demônio teve como local de nascimento os primeiros livros que os cristãos conhecem como Velho Testamento ou Antigo Testamento. Nos livros mais antigos da Bíblia surge um personagem chamado Satanás, mas essa figura inicial não é como o diabo que imaginamos, como nos afirma Nicholas Tom Wright.

Quando lemos o Velho Testamento encontramos de vez em quando essa estranha figura sombria chamada Satanás. E essa palavra “Satanás” na verdade é um título que significa “o acusador” e para começar Satanás é um dos anjos do reino celeste. Um dos servos de Deus, que de certa forma, tinha que fazer o trabalho sujo.³⁸

De acordo com Wright, Satanás não possui poderes próprios. Ele só faz tudo aquilo que Deus o pede para fazer, assim como também em sua origem ele não é uma figura de aparência terrível, com chifres e cauda.

Para Helen Bond³⁹, a figura do diabo em sua originalidade não está oposta a Deus e afirma: “Não há nenhum príncipe das trevas que se opõe a Deus. Durante todo o texto não existe nenhum conceito de uma força maléfica específica”.

Como podemos perceber nas escrituras, uma das primeiras aparições de Satanás, em uma das histórias mais conhecidas da Bíblia, é na forma de anjo no livro de Jó. Nesta passagem a figura de Satanás afirma que Jó, um dos servos mais íntegros e fieis a Deus, só lhe tem essa fidelidade porque Deus lhe confere uma existência repleta de bênçãos e proteção. Na história bíblica, Deus permite então que Satanás teste a Jó, atirando contra o mesmo vários

³⁸ WRIGHT Documentário. **History of the Devil**. 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1X-tMUaNPYA&index=21&list=FLZYXda330Fe9Mo-FVfTGbw>>. Acesso em: 14 ago. 2013

³⁹ BOND, Helen. Documentário. **History of the Devil**. 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1X-tMUaNPYA&index=21&list=FLZYXda330Fe9Mo-FVfTGbw>>. Acesso em: 14 ago. 2013

tipos de doenças e calamidades. No final, mesmo com todos esses sofrimentos terríveis, Jó continua a adorar Deus e Satanás perde todo o argumento. Porém, podemos afirmar com tudo isso que a figura de Satanás, que fez da vida de Jó uma desgraça, não é um demônio, nem mesmo pode ser chamado de um anjo perverso. Além disso, as passagens deixam claro que o mesmo não habitava em inferno algum, como novamente nos afirma Helen Bond.

Não existia nenhum conceito de inferno como nós temos atualmente, um lugar de fogo, tormento e tortura. Na verdade para os antigos israelitas, o que acontecia quando alguém morria, era na verdade muito pouco, a pessoa iria para um local chamado “Xeol” que é um tipo de lugar escuro e sombrio, um tipo de submundo onde todos aqueles que já morreram estão, não importa se foram bons ou ruins⁴⁰.

Podemos então, com essas informações, nos perguntar, onde está o Satanás que conhecemos e tememos? Onde começaram as práticas para expulsá-lo, em suas várias formas? Onde está o monstro em eterna guerra contra as forças de Deus? O monstro que governa sobre o fogo do inferno e pune os pecadores? Se o demônio tradicional não vem do AT judeu, de onde ele vem?

A partir do instante em que a humanidade começou a escrever a sua história, em diversas partes do mundo, tem acreditado em demônios ou em outras espécies de espíritos do mau. Em muitas lendas esses seres compartilham de muitas características em comum com o diabo que conhecemos atualmente, mas nenhuma delas é tão poderosa quanto a figura de Satanás.

Segundo Irineu Rabuske⁴¹, a religião no Egito Antigo, desde seus primórdios, sempre conteve o chamado dualismo entre o mundo dos homens e o mundo dos deuses, assim os seus deuses, sendo tanto bons como maus, transitavam pela nossa terra com total interferência do sagrado em nossas vidas. Podemos então dividir as chamadas entidades demoníacas egípcias em duas categorias distintas. Como ponto inicial, segundo o autor, temos uma série de figuras e personagens que são consideradas atemporais no contexto egípcio, e em contra parte temos outra categoria que representa uma verdadeira evolução histórica na referida civilização.

A evolução histórica envolve demônios no Egito Antigo com origem em lutas socioeconômicas entre nômades e agricultores que se encontravam em um momento de ascensão econômica e social. Este grupo ao atingir a hegemonia começou a derrubar os deuses e divindades dos povos nômades, que assim como vimos em páginas anteriores caíram

⁴⁰ BOND, Helen. Documentário. **History of the Devil**. 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1X-tMUaNpYA&index=21&list=FLZYXda330Fe9Mo-FVfTGbw>>. Acesso em: 14 ago. 2013.

⁴¹ RABUSKE, Irineu José. Possessão e exorcismo: da prática do Jesus histórico à atualidade. In.: **Revista Cultura e Fé**. v. 129, ano 33, 2010, p. 191

na categoria de entidades ou divindades malignas, tornando-se demônios⁴².

Em relação às práticas exorcistas, a civilização egípcia manteve algumas práticas muito curiosas como, por exemplo, a utilização de tochas, pois, uma vez que demônios eram seres considerados das trevas, a luz das tochas poderia ajudar no exorcismo de pessoas e também de ambientes considerados assombrados.

De acordo com Rabuske⁴³, também é da civilização egípcia que temos a mais antiga notícia de um ritual de exorcismo. O caso é conhecido como o caso Ben-Tresch. Segundo Rabuske⁴⁴: “Esta narrativa deve remontar aos anos 500 a 300 A. C. O exorcismo basicamente consistiu em enviar a estátua do deus de Karnak para o lugar onde se encontrava a pessoa dominada por um suposto demônio.”

Na antiga Mesopotâmia, atuais territórios de Iraque, Síria e Ásia Menor, vimos que a crença em demônios era bastante difundida e é justamente nessas civilizações que encontraremos personagens universais como as figuras de *Dimne* e *Pazuzu*. *Dimne* ou também chamada *Lamastu* era um demônio feminino que geralmente atacava crianças recém nascidas além das próprias mães gestantes, e segundo a crença também matava homens e mulheres devorando-as.

O famoso *Pazuzu* ou *Pà-zu-zu*, era uma entidade conhecida como príncipe dos demônios do vento. O importante sobre esta “entidade” é que era invocada ou mencionada como espírito protetor, demonstrando um dualismo contra outros demônios e deuses malignos, através de rituais mágicos e outras formas de orações.

A mesopotâmia também é o lar de outra figura menos famosa. Existem vários grupos de demônios e entidades que podem ser reunidas em relação à origem das mesmas, como por exemplo espíritos de ancestrais, deuses, etc. Porém, é curioso notar que para os povos da mesopotâmia apenas pessoas consideradas comuns eram transformadas ou se tornavam em demônios⁴⁵. Os nobres não se tornavam seres malignos, o que demonstra a influência de classe social nas crenças espirituais.

Segundo Rabuske⁴⁶, para povos como Assírios, Caldeus, Babilônicos, muitos desses espíritos eram os causadores de diversas doenças, tanto que os demônios mesopotâmicos eram

⁴² RABUSKE, Irineu José. Possessão e exorcismo: da prática do Jesus histórico à atualidade. In.: **Revista Cultura e Fé**. v. 129, ano 33, 2010, p. 191.

⁴³ *Idem, ibidem*, p. 191

⁴⁴ *Idem, ibidem*, p. 191.

⁴⁵ *Idem, ibidem*, p. 191.

⁴⁶ *Idem, ibidem*, p. 191.

classificados como sendo causadores de tipos específicos de doença, como por exemplo, o demônio que causava peste ou o espírito que trazia pragas.

A. L. Oppenheim⁴⁷ possui uma teoria em relação a certas figuras demoníacas da antiga Mesopotâmia: muitos escritos mostram semelhanças entre figuras e personagens demoníacos e personagens como espiões, informantes, acusadores, além de outros funcionários reais, ou para ser mais preciso, os olhos e ouvidos do rei. Em sua teoria, o próprio povo poderia ter demonizado muitas atividades encontradas nos funcionários reais.

Na cultura helenística, temos no que diz respeito à cultura popular, um grande número de figuras que representa demônios, não necessariamente sendo estes maus. Porém os mesmo estão também presentes na filosofia grega, no pensamento de grandes filósofos como Platão, que imaginava os demônios como fazendo o papel de intermediação ente humanos e deuses. Xenócrates, que foi posterior a Platão, seguiu os passos de seu mestre e elaborou uma teoria bastante detalhada sobre essas entidades.⁴⁸

Diferentes destes pensadores, o estoicismo tardio admite que almas de pessoas mortas possam se tornar demônios, realizando assim tarefas iguais àquelas realizadas por entidades espirituais de origem sobrenatural. É importante notar que as ideias aqui demonstradas, segundo Rabuske⁴⁹, não ficam só no campo dos debates e discussões filosóficas, mas sim tiveram grande divulgação no contexto popular e encontraram um vasto campo para se expandir através do fenômeno do helenismo, alcançando assim várias partes do mundo conhecido.

Por consequência, devido às grandes expansões de conquista, esses pensamentos, atingiram o mundo judaico e colaboraram para amplificação da visão sobre os demônios. Ainda na cultura helênica, eram consideradas normais as práticas exorcistas. Temos informações valiosas que chegaram até o mundo contemporâneo através de narrativas como as de Flávio Josefo, no século I, em sua obra *Antiguidades Judaicas* VII, 2,5, e Filostrato entre 170 a 250 AC em sua obra *Vita de Apolônio de Tiana* IV, 20⁵⁰.

Mas nem tudo era concordância sobre os demônios: Luciano de Samósata, em sua conhecida obra, *Amigo da Mentira*, chega a zombar de tais figuras, assim como a zombar dos

⁴⁷ OPPENHEIM, A. L. The eyes of the lord. **Journ Am Or Soc.** v. 88, p. 173-180, 1968.

⁴⁸ RABUSKE, Irineu José. Possessão e exorcismo: da prática do Jesus histórico à atualidade. In.: **Revista Cultura e Fé.** v. 129, ano 33, 2010, p. 193

⁴⁹ *Idem*, *ibidem*, p. 192.

⁵⁰ VAILATTI, Carlos Augusto. **Manual de demonologia.** São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p. 61.

processos utilizados para expulsá-las.⁵¹

Há três mil e quinhentos anos atrás, na antiga Pérsia, onde hoje encontramos os atuais Iraque, Síria e Irã, havia muitos deuses, sendo os mesmos bons e maus. Um religioso chamado Zoroastro ou Zaratustra reduziu o complicado grupo de personagens ou o amplo panteão dos deuses Mesopotâmicos em apenas dois.

Para Nicholas Baker Brian, Zoroastro era um revolucionário,

Principalmente porque ele, de certa forma, personifica essas categorias éticas em um deus do bem chamado Ahura Mazda e um deus do mau chamado Ahriman, e essa é uma ideia extremamente importante por que formou a base para as concepções posteriores do pensamento dualista, em outras palavras a separação entre o bem e o mau⁵².

O pensamento de Zoroastro é bastante simples. Ahura Mazda é um deus que reúne a luz e a ordem, enquanto que Ahriman é um deus que reúne o mau e o caos, as trevas e a mentira. Elementos opostos que simplesmente poderiam ser escolhidos pelos seres humanos.

Para Zoroastro, o universo deveria ser visto como um imenso campo de batalha. Algo como um grande jogo de xadrez, no qual cada pessoa na terra deveria escolher um lado como foi mencionado acima, Richard Holloway nos explica com clareza esse processo: “Esse é um daqueles atraentes tipos de dualismo. O de que essa vida é uma luta entre o bem e o mau”⁵³.

Sob o reinado do Imperador persa Dario o Grande, os ensinamentos de Zoroastro se tornaram oficiais, ou seja, a religião do Império Persa. Com a expansão do Império, o mesmo iria incluir as terras de Israel, e assim as novas ideias persas sobre o bem e o mal rapidamente encontrariam aceitação entre as escrituras sagradas hebraicas. Sobre isso Nicholas Brian afirma que:

Assim temos uma clara demarcação do que chamamos de ideias judias, e podemos encontrar as ideias de Zoroastro no Velho Testamento; elas estão lá. Noções do céu e do inferno. O início do que podemos ver como o diabo personificado como o terrível inimigo de Deus⁵⁴.

Em relação à cultura grega, assim que o Império Persa foi derrotado por Alexandre o Grande, a mesma foi introduzida em Israel. Com essa introdução, um enorme número de

⁵¹ VAILATTI, Carlos Augusto. **Manual de demonologia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p. 62.

⁵² BRIAN, Nicholas Baker. Documentário. **History of the Devil**, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1X-tMUaNpYA&index=21&list=FLZYXda330Fe9Mo-FVfTGbw>>. Acesso em: 14 ago. 2013

⁵³ HOLLOWAY, Richard. Documentário. **History of the Devil**, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1X-tMUaNpYA&index=21&list=FLZYXda330Fe9Mo-FVfTGbw>>. Acesso em: 14 ago. 2013

⁵⁴ BRIAN, *op. cit.*

deuses e deusas, incluindo aquele que moldaria a nossa imagem de Satanás. O deus grego Hades era conhecido por ter a face negra com uma barba negra. O mesmo também se sentava em um trono de ébano e usava como arma um tridente; porém não para espetar os pecadores, mas para destruir coisas aos pedaços. Logo, para os Gregos Clássicos (GC) o submundo era governado por Hades, o deus dos mortos.

Assim como a figura do deus Hades, os gregos ainda deram ao mundo antigo outro conhecimento interessante na construção da história do diabo. Em um de seus mitos mais famosos, o deus Zeus, o maior dos deuses, derrotara a grande serpente do vento chamada Tifon e a jogou no Tártaro, a região mais baixa do submundo.

Com o passar dos séculos o mito foi ganhando força e crescendo por toda a região e se transformou na história de como o anjo Satanás se rebelou contra Deus e foi jogado no inferno com todos os seus seguidores. Assim, tem início a versão de como os aliados de Satanás, os chamados anjos caídos, se transformam em sua legião demoníaca.

Em relação à evolução de sua morada, quando pensamos no inferno, pensamos em um lugar de fogo, com lava, e inúmeros pecadores sendo terrivelmente torturados e massacrados. Porém, podemos pensar, como surgiu essa ideia? Sabemos através da própria mitologia grega que o submundo de Hades não possuía fogo, porém na Jerusalém antiga um local assim existia.

Wright afirma que: “Quando lemos os evangelhos encontramos Jesus advertindo o povo que existe esse destino perigoso que pode estar esperando por eles chamado Geena. Que era o depósito velho de lixo na Jerusalém antiga”⁵⁵.

E Helen Bond complementa da seguinte forma: “E por causa do mau cheiro do lugar, e por que estava tão cheio de lixo, periodicamente era ateado fogo e o fogo ficava queimando por vários dias, quando não semanas”⁵⁶.

Percebemos então que Geena era o local onde as autoridades da cidade de Jerusalém queimavam o lixo da cidade, assim como os corpos dos criminosos executados pelos mais diversos crimes. Logo, com o passar dos anos, o lugar ficou conhecido como um território sobrenatural.

⁵⁵ WRIGHT. Documentário. **History of the Devil**. 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1X-tMUaNPYA&index=21&list=FLZYXda330Fe9Mo-FVfTGbw>>. Acesso em: 14 ago. 2013

⁵⁶ BOND, Helen. Documentário. **History of the Devil**. 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1X-tMUaNPYA&index=21&list=FLZYXda330Fe9Mo-FVfTGbw>>. Acesso em: 14 ago. 2013

Figura 1 – As torturas do inferno⁵⁷



Fonte: <http://www.ufjf.br/secom/2011/03/31/releitura-de-auto-da-barca-do-inferno-de-1517-encerra-curso-de-teatro/>

Geena foi a inspiração que faltava para completar os terrores do inferno, na época no qual os evangelhos cristãos foram escritos, por volta do século I D.C. Assim sendo, a personagem de Satanás se tornou uma figura poderosa, valendo também para aumentar essa fama o fato de que as terras judias eram neste período governadas pelo poderoso Império Romano. Os romanos eram neste período bastante odiados pelos povos que governavam. Para muitos judeus e principalmente cristãos perseguidos, Satanás era a grande força maligna que movia o Império Romano, estando ele próprio controlando o trono dos cesares.

No famoso livro do Apocalipse, o escritor entrega a Satanás um de seus nomes mais misteriosos e estranhos, a Besta, representado pelo número 666. Acredita-se que pelo ódio que os judeus tinham do romanos a besta poderia ser uma representação dos próprios imperadores romanos.

Helen Bond nos esclarece esse fato:

O autor do apocalipse disse que a besta possuía um número humano que é 666. E isso tem tradicionalmente sido visto como uma referência ao impedador Nero, e isso por que se você pegar “Nero Caesar” em Aramáico e contar os valores

⁵⁷ O inferno, lugar de fogo e sofrimento, obra do pensamento dos antigos israelitas ao observarem o velho depósito de lixo de Jerusalém quando a este se ateavam fogo. A figura representa justamente este pensamento no período medieval.

numéricos dessas letras surge um número que é 666⁵⁸.

O mesmo livro afirma que o diabo fora jogado por Deus no Abismo, onde ficaria trancado por volta de mil anos. Quando a figura de Satanás saísse, o fim do mundo estaria anunciado. O livro do Apocalipse ainda conta que neste período ocorreria uma grande batalha entre o bem e o mal até o fim. Ainda referente à figura do diabo em sua evolução histórica podemos nos indagar: Com o que se parecia o diabo no início da era cristã?

Vemos através de várias imagens e fontes antigas, como estampas do século XII e XIII, que na maioria das vezes ele possuía pele a cabelos negros, assim como no Hades da mitologia grega. Suas asas vieram da estória de que um dia foi um anjo, embora elas se parecessem mais com as asas de um dragão e é neste ponto que encontramos mais um elemento.

Figura 2 – A figura do diabo⁵⁹



Fonte: <http://cleofas.com.br/o-demonio-sim-ou-nao-eb-parte-1/>

Por vários anos, a figura mitológica do dragão foi interpretada como o símbolo de uma força maligna ou demoníaca, e foi de um dragão que Satanás herdou seus pés. Da mesma

⁵⁸ BOND, Helen. Documentário. **History of the Devil**. 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1X-tMUaNpYA&index=21&list=FLZYXda330Fe9Mo-FVfTGbw>>. Acesso em: 14 ago. 2013.

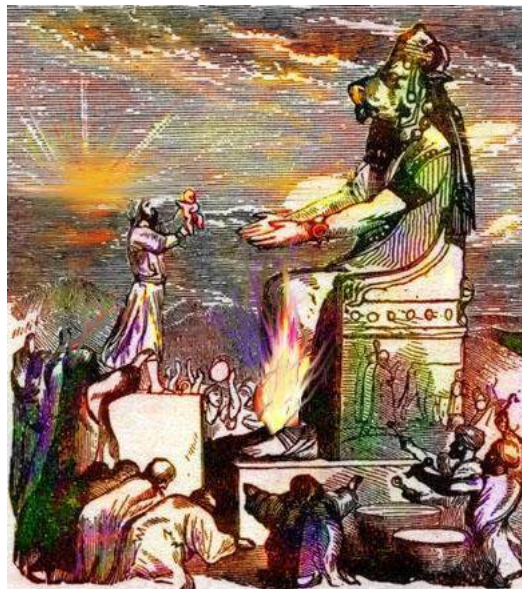
⁵⁹ A imagem de satanás que conhecemos atualmente foi forjada ainda no mundo antigo, em detrimento a elementos incorporados de várias culturas

forma que o dragão era um símbolo do mal, temos também a famosa serpente, criatura essa que ousou tentar Eva no Jardim do Éden, associado à divindade cananéia da prostituição sagrada, recriminada pelo judaísmo.

A figura de Satanás, embora seja sempre associada ao mal, também irá servir aos próprios cristãos como justificativa de poder. Quatro séculos mais tarde o imperador Constantino o Grande irá se converter ao cristianismo, fazendo com que a religião que outrora fora perseguida se tornasse o credo oficial do mais poderoso império da Terra. As autoridades cristãs logo passaram a possuir grande poder e agora eram aparadas pelo Estado. Os mesmos usariam a figura de Satanás para ajudá-los a manter essa posição, gerando o medo pelo pecado e pelo acúmulo de bens materiais.

Ainda no mundo antigo, além da personagem de Lúcifer, é importante notar como outros deuses de povos distintos foram sendo demonizados pelo próprio judaísmo e posteriormente pelo cristianismo. Isso ajuda bastante no entendimento da evolução do fenômeno da possessão, onde esses mesmos deuses seriam os causadores de tais males.

Figura 3 – Sacrifício a Moloque⁶⁰



Fonte: <http://setimodia.wordpress.com/2010/03/24/os-falsos-deuses-da-biblia/>

Para Ronaldo Salles Senna⁶¹, quando os seres humanos criaram os deuses, em seus

⁶⁰ Deuses antigos se tornaram figuras demonizadas no processo de evolução teológica do povo hebreu. Na figura temos a representação do deus amonita Moloque.

⁶¹ SENNA, Ronaldo Salles. Deuses antigos, demônios atuais. In.: **Revista Sitientibus**, Feira de Santana, 1986, p. 13.

mundos, criaram a própria imagem do mundo que nos cerca e neles depositaram seus desejos mais subjetivos. Porém, dentro desse contexto muitas vezes os valores se invertem e deuses se tornam demônios, assim como demônios se tornam deuses. Flávio de Carvalho esclarece esse pensamento:

O fato etnológico estabelecido de que deuses da religião anterior se tornam os diabos da nova religião demonstra que aqueles que estão por baixo são os eternos descontentes que procuram atrapalhar, desfazer e derrubar os que estão por cima: os novos deuses. Os reformadores de religião de todos os tempos transformaram os deuses anteriores em demônios⁶².

Assim sendo, percebemos que os deuses ou entidades de um povo passado, tornam-se demônios para aqueles que apresentam um processo de reconstrução étnica, sendo interpretados pelos mesmos como deuses primitivos ou bárbaros, como nos explica Pierre Mariel:

Os deuses quando morrem, morrem de mortes diversas. Os deuses dos povos vizinhos da Israel tornaram-se demônios aos olhos de Moisés e dos profetas. Da mesma forma os deuses da Grécia e de Roma tornaram-se demônios para os primeiros cristãos. Todo deus vencido por um novo deus desce ao nível de divindade maléfica, infernal, enquanto seus adoradores obstinados se refugiam em cultos secretos, frequentemente perseguidos, sempre caluniados⁶³.

Em relação aos antigos ritos percebemos também a presença de seres ameaçadores e é uma prática comum, em todas as religiões, orações preces e cânticos para expulsá-los. Um grande exemplo disso é a oração do Pai Nosso, onde nas traduções atualizadas pedimos a proteção de Deus para sermos livres do mal, mas será que o *apotau ponerou* é neutro, em vez de significar um ser masculino? Não estaria implícito na própria oração, em sua estrutura, que a palavra se referiria a uma pessoa? Assim sendo teríamos não nos deixe em cair em tentação, mais livrais nos do diabo, do tentador⁶⁴.

Para analisarmos o desenvolvimento do termo e conceito “demônio” na antiga tradição judaica é preciso verificar as fontes bíblicas disponíveis, ou seja, tanto o primeiro como o segundo testamento, como foi feito sobre a figura do diabo até então. Verifiquemos agora esse aprofundamento sobre seres demonizados e antigas práticas exorcistas que eram realizadas por diversos povos e influenciaram os próprios judeus.

Essa tarefa é um tanto quanto complicada, principalmente quando nos referimos ao

⁶² CARVALHO, Flávio. **A origem animal de Deus**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973, p. 19.

⁶³ PIERRE, Mariel. Quando um deus se torna diabo. In.: **Revista Planeta**. São Paulo: Três, 1985, p. 22.

⁶⁴ Na bíblia de Jerusalém encontramos o fragmento “e não nos submetas a tentação, mas livra-nos do maligno”.

Antigo Testamento, por pelo menos três motivos, como nos afirma Carlos Augusto Vailatti⁶⁵. Em primeiro lugar a terminologia, em segundo lugar os próprios desenvolvimentos históricos e, em terceiro lugar, questões teóricas sobre o referido assunto.

O uso do termo demônio, principalmente no Antigo Testamento, é considerado problemático por duas razões fundamentais. Em primeiro lugar, não há um único termo no hebraico bíblico que possa ser considerado de forma sólida e inquestionável como demônio. Na língua hebraica a falta de tal ferramenta constitui-se em nosso primeiro obstáculo. Logo após essa dificuldade temos a segunda, que consiste em muitos dos termos que são referidos aos demônios são *hapax legomena*, ou seja, termos que ocorrem uma única vez em todo o texto, ou ainda aparecem poucas vezes em poucos exemplos mencionados. Logo, essa escassez de dados não permite a comparação e a correlação com outros textos da bíblia, tornando essa demonologia falha.

Sabendo que o Antigo Testamento apresenta uma grande carência de demônios, as considerações sobre demônios no Antigo Israel se tornam muitas vezes complexas e negativas. Porém devemos analisar como isso aconteceu.

Segundo Carlos Vailatti⁶⁶, várias são as possibilidades sugeridas pelos estudiosos do tema. A primeira delas é que a crença em geral de demônios como sendo realmente espíritos malignos independentes foi sempre parte de uma teologia israelita antiga, principalmente, ao nível popular, sendo amplamente desenvolvida em períodos futuros. A segunda possibilidade é que a crença em demônios como sendo espíritos ambivalentes ou aspectos do próprio Deus já fazia parte da teologia israelita que em tempos posteriores separou os seres espirituais em duas categorias diferentes, os bons e os maus espíritos, chamando os mesmos, respectivamente de anjos e demônios⁶⁷.

A terceira possibilidade afirma que a crença em demônios, sendo os mesmos figuras independentes, teria sido um desenvolvimento tardio que surgiu mediante a não aceitação, de forma teológica, de acontecimentos ruins no dia a dia das pessoas serem vistos como aspectos de Deus. Por último, temos a quarta possibilidade, que afirma que a crença em demônios se refletia nos textos de cunho poético (*Deber, Qeteb*)⁶⁸ e gradualmente teria diminuído à medida em que crescia a idealização em outras formas de representações malignas, como

⁶⁵ VAILATTI, Carlos Augusto. **Manual de demonologia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p. 53.

⁶⁶ *Idem, ibidem*, p. 54.

⁶⁷ GARMUS, Ludovico. **Diabo, demônios e poderes satânicos**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 25-27 (Série Estudos Bíblicos).

⁶⁸ O vocábulo significa “pesta, praga”.

anjos malignos e as mais variadas formas do próprio Satanás, encarregado de comandar legiões de demônios.

É comum a utilização de materiais que determinam comparações nos estudos demonológicos em relação ao AT, em particular estudos que remetem a culturas do Oriente Antigo. Evidências encontradas procuram promover um maior esclarecimento sobre os aspectos do conhecimento veterotestamentário sobre entes malignos. Percebemos que muito desta linguagem, tanto no AT como no Antigo Oriente (AO) aparece em materiais e textos de caráter poético com bastante referências a fenômenos naturais que são interpretados como ação demoníaca; assim também como fenômenos físicos apresentando simbolizações ou personificações de demônios ou de divindades.

Além das influências já vistas, existem também outras que atrapalham na interpretação da tradução em geral. Podemos citar aqui outros fatores como evidências filológicas, tendências teológicas e divisões antecipadas com respeito a conhecimentos do termo “demônio”, além disso, temos as próprias maneiras de interpretação de cada texto em particular. Conhecimentos sobre demônios no AT são, em muitos casos, fortemente levados pelo contexto em que se situam, porém temos uma amplitude de contextos que podem se remeter com mais frequência e por eles os demônios podem ser analisados.

Compreendemos assim, diante desta análise interpretativa, que no AT os demônios estão presentes, porém estão ocultos, no AT eles raramente se manifestam, enquanto que no NT temos a nítida impressão de que em cada capítulo podemos nos defrontar com muitos tipos deles e é justamente seguindo essa linha de raciocínio que demonstraremos a seguir informações que tanto o AT como o NT nos fornecem para compreender o fenômeno da possessão e do exorcismo nas culturas antigas.

Baseados em vários termos da língua hebraica, percebemos claramente na análise dos testamentos que é possível subdividi-los em algumas categorias bem distintas. Começaremos esse fator pelos textos do AT.

O termo Shedim que aparece em Dt 32,17; Sl 106,37 é, segundo Unger, um termo etimológico pouco estabelecido que se acredita que possua um vocábulo derivado da raiz Shudh, ou seja “governar, ser senhor”, assim como temos por exemplo a palavra árabe Sala⁶⁹. No entanto, para Bauer⁷⁰, este nome poderia ter alguma ligação com a palavra acádia Shedu,

⁶⁹ UNGER, Merrill F. **Biblical demonology: a study of the spiritual forces behind the present world unrest**. Wheaton, IL: Scripture Press, 1973, p. 59.

⁷⁰ BAUER, Johannes B. **Dicionário de teologia bíblica**. São Paulo: Loyola, 1988, p. 92

significando assim “anjo protetor”⁷¹. A palavra *Shed* (singular), tem ligação com o vocábulo babilônico *Shedû*, que também significa demônio, porém, neste sentido temos a utilização tanto para o bem como para o mal⁷².

Acredita-se que esse emaranhado de termos e significados ambivalentes se deva a uma teologia criada e desenvolvida na mesopotâmia, onde os demônios são seres ou personagens ambivalentes, sendo assim como os deuses gregos dotados de características boas e ruins; reflexos estes do próprio comportamento humano, com suas falhas e acertos.

O termo *S'eirim* que encontramos em Lv 17,7; Dt 32,2; 2Rs 23,8; 2Cr 11,15; Is 13,21; Is 34,14 é um termo interpretado como o termo anterior e que também possui uma forma plural. *S'eirim* deriva do hebraico *S'air*, significando “bode”⁷³. Podemos então tem uma compreensão aproximada do que seria “demônio cabeludo”⁷⁴, onde também de acordo com Unger⁷⁵, as referidas personagens eram vistas como sendo elementos de culto. A LXX⁷⁶ traduz este vocábulo também como aparece em Is 34,21 e 34,14, o que para muitos estudiosos prova que para os antigos hebreus de Alexandria o termo era utilizado para identificar realmente uma figura maligna⁷⁷.

É espantoso o número de fenômenos naturais que foram demonizados, criando assim termos que representavam seres ruins também para fatores da natureza. Podemos citar os mais comuns como o termo *Deber*, que aparece em Sl 91,6; Os 13,14 e Hab 3,5. O termo possui o significado de “praga, pestilência”. Estamos aqui diante de uma terminologia aplicada a qualquer tipo de peste ou doença que para os hebreus resultaria em morte, o interessante é que em apenas cinco casos, de acordo com Carlos Vailatti⁷⁸, esse termo é aplicado aos demônios. Os demais são atribuídos ao próprio Deus, como forma de castigo ao homem⁷⁹. A pestilência, no entanto, foi demonizada de forma geral pelos grandes males que causavam às pessoas do mundo antigo.

⁷¹ BAUER, Johannes. **Dicionário bíblico teológico**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 92.

⁷² HARRIS, R. Loird. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1998, p. 1527

⁷³ HOLLADAY, William L. **A concise hebrew and aramaic lexicon of the old testament**. Mich.: William B. Eerdmans Publishing Company, 1988, p. 353.

⁷⁴ UNGER, Merrill F. **Biblical demonology: a study of the spiritual forces belsintot the presente world unrest**. Wheaton, IL: Scripture Press, 1973, p. 60.

⁷⁵ *Idem, ibidem*, p. 59

⁷⁶ LXX – Septuaginta é o nome da versão da bíblia hebraica para o grego *Koiné*, traduzida em etapas entre o terceiro e o primeiro século a. C. em Alexandria.

⁷⁷ UNGER, *op. cit.*, p. 60.

⁷⁸ VAILATTI, Carlos Augusto. **Manual de demonologia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p. 61.

⁷⁹ GARMUS, Ludovico. **Diabo, demônios e poderes satânicos**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 25 (Série Estudos Bíblicos).

Ainda em relação a termos utilizados para demonizar elementos da natureza temos em sequência o termo *Qeteb*, em Dt 32,24; Sl 91.6; Is 28,2; Os 13.14 significando de forma literal “destruição”. Acredita-se que este termo seja muito utilizado para descrever calamidades causadas por doenças e pragas. É importante lembrar que esse termo aparece no enredo do Sl 91, provavelmente com o sentido de polemizar a utilização de fórmulas mágicas para afastar demônios⁸⁰.

Ainda dentro deste contexto encontramos também o termo *Fahad Layla* ou simplesmente “terror noturno”, que se refira a algum tipo de personagem que supostamente assombrava na noite. Já o termo *Hets Ya’ûp Yômam*, ou “seta que voa de dia” pode descrever o ataque dos demônios perversos. O termo *Deber Ba’ôpel Yahalôk* “peste que se propaga nas trevas” pode ter uma forte ligação com o personagem conhecido como Nantar, uma espécie de demônio⁸¹.

Destas manifestações, encontradas ou idealizadas em fenômenos naturais, a que chama mais atenção é a *Qeteb Yashûd Tsaharayim* ou “destruição que ataca ao meio dia”. Pesquisadores como Vailatti⁸² acreditam que na antiga tradição hebraica existia uma figura como sendo um demônio de um olho só, e que tal figura era muito comentada na tradição rabínica. A destruição que ataca ao meio dia nada mais era que as altas temperaturas que possuíam as regiões desérticas do Oriente Próximo e devido ao mau estar causado por essas temperaturas acabou sendo demonizada, pois tal clima é bastante severo até mesmo para os nômades que ali residem⁸³.

Para finalizarmos essa parte dos fenômenos naturais temos mais dois termos utilizados como sendo ação dos demônios. O primeiro é o termo *Reshep* que ocorre em Dt 32,24; Jo 5.7; Sl 76.4; Sl 78.48 e Hab 3.5 e pode ser interpretado como “chama, relâmpago, faísca”. Essa influência se deve mais aos povos pagãos que circundavam o povo hebreu, povoando a natureza de espíritos das mais variadas formas. Ainda acredita-se que o termo possa ter relação com a palavra *Reshep*, antiga divindade ligada à febre e à propagação de epidemias, sendo desta forma demonizado⁸⁴.

O segundo termo final é *Bahad*, descrito em Sl 78.48; Is 28,2 significando a palavra

⁸⁰ VAILATTI, Carlos Augusto. **Manual de demonologia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p. 70

⁸¹ *Idem, ibidem*, p. 72.

⁸² *Idem, ibidem*, p. 62.

⁸³ PFEIFFER, Charles F.; HARRISON, Ereerett F. **The Wycliffe bible commentary**. Chicago: Moody Press, 1987, p. 529.

⁸⁴ HARRIS, R. Loird. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1998, p. 1460.

“saraiva”. A saraiva era demonizada devia ao claro prejuízo que trazia principalmente às lavouras e plantações. Atingia muitas vezes também a criação de gado, prejudicando os animais. O mundo hebraico antigo viu surgir termos demonizados para animais, onde em alguns casos eram considerados como seres ou espécies do submundo, saídos do plano inferior. Poderemos nos aprofundar em alguns exemplos como o termo *Alûqah*, que representa nada mais nada menos que “sanguessuga” essa espécime de animal muitas vezes segundo Vailatti⁸⁵, era visto como sendo uma espécie de vampiro⁸⁶, algo que iria muito além do que o simples parasita que na verdade é.

O famoso termo *Serapim*; encontrado em Nm 21,6.8; Is 14,29; Is 30,6 e que possui o significado de “serpente abrasadora” era considerada uma personagem forte nas culturas do vários povos mesopotâmicos. Assim como muitas figuras da mitologia mesopotâmicas, tais seres poderiam realizar tanto o bem como o mal.

Os *Tsiyyim* que aparecem em Sl 72,9; 74,14; Is 13,21; 23,13; 34,14 e Jr 50,39 significavam, de acordo com Bauer⁸⁷, seres malignos que habitariam no deserto, que diga-se de passagem era visto como um local de perdição. Ligado ao deserto também teríamos representações como *Ohim* em Is 13,21, *Iyyim* e *Tannim* em Is 13,22; 34,13. O primeiro termo significa “criatura uivante” podendo este estar restritamente ligado ao segundo termo aqui apresentado uma vez que *Iyyim* significa hiena, demonizada principalmente devido aos seus hábitos de caça e uivos aterradores que lembram risadas. Já *Tannim* tem como significado mais precisamente, chagal ou cachorros selvagens, criaturas que também possuem o hábito de caçar em grupos e durante a noite, provavelmente assustando povoados por serem comedores de carniça.

O termo também famoso *Liwyatan*, em Jo 3.8; Jó 41.1, Is 27.1, pode ser traduzido como serpente ou ainda monstro do mar, acredita-se que na verdade seja uma demonização de crocodilianos. Mas segundo Vailatti⁸⁸, as lendas antigas também podem representar o leviatã como sendo símbolo da figura de Samael, príncipe do mal e que seria destruído no futuro⁸⁹. Findando esta lista temos *Aza'zel* em Lv 16.8; 10; 26, que dentre muitas traduções pode também ser traduzido como “bode” ou como compreenderam os tradutores da LXX e da

⁸⁵ VAILATTI, Carlos Augusto. **Manual de demonologia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p. 65

⁸⁶ *Idem, ibidem*, p. 65.

⁸⁷ BAUER, Johannes. **Dicionário bíblico teológico**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 92.

⁸⁸ VAILATTI, *op. cit.*, p. 67.

⁸⁹ UNTERMAN; Alan. **Dicionário judaico de lendas e tradições**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, p. 152.

Vulgata, “o bode que se vai”⁹⁰. A literatura judaica ainda descreve tal personagem como sendo o chefe dos demônios, que habitaria na terra, e que teria sido banido para o deserto.

Sobre seres que habitariam no submundo temos o termo *Mawet*, em 18.13; 28.22; 38.17; Is 28.15;18; Jr 9.20; Os 13.14; Hab 2.5, com o sentido de “morte”, além de “moribundo”. Observamos que, neste sentido, a própria condição de mortal nos forneceu uma imagem negativa da morte, o que fez com que ela fosse demonizada em algumas culturas. Em relação a *Debar Beliya'al*, em Sl 41.9, o sentido também é de peste maligna⁹¹.

Melek Lallahôt, Jo 18.14, temos uma tradução como “rei dos terrores”, onde o termo ocorre em um contexto que procura descrever o final dos homens perversos, onde percebemos claramente que diante das maldades cometidas em vida os ímpios terminariam nas “garras” do rei dos terrores. Também é comum imaginar que esta personagem possa se tratar da própria morte ou algum outro tipo de demônio, sendo este responsável por castigar as pessoas perversas no mundo dos mortos⁹².

Repain, citado em, Jo 26.5; Sl 88.11; Pr 2.18; 9.18; Is 14.9; 26.14,19, seria algo como “sombras da morte” porém é sabido que nem todos demonizavam este termo. Quando analisamos o contexto histórico no qual esse termo surge, percebemos que aqui temos uma aproximação com os espíritos dos antepassados mortos. Bauer explica que apenas quando o culto aos antepassados passa a ser rejeitado, esses espíritos começam a ser considerados figuras ruins⁹³.

O terror das batalhas encontradas em grandes partes do mundo antigo também demonizou objetos e criou entidades como podemos observar na palavra *Hets*, em Sl 91.5; Jo 6.4, onde o termo quer dizer flecha ou seta, uma provável referência aos grandes danos causados nas batalhas por esses objetos às pessoas que conseguiam ferir. O termo *Elilim*, em Lv 26.1; Is 19.3 significa “deus ou divindade”, porém no sentido de imagem ou ídolo. É comumente referido a objetos de pouco valor que eram muitas vezes motivo de culto e adoração por povos vizinhos. No vocábulo da LXX, temos o conceito de deuses pagãos que foram demonizados por representarem falsos deuses⁹⁴.

O termo *Ittim*, que ocorre em Is 19.3; é um termo muitas vezes referido a algum tipo

⁹⁰ HARRIS, R. Loird. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1998, p. 1099.

⁹¹ VAILATTI, Carlos Augusto. **Manual de demonologia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p. 73.

⁹² PFEIFFER, Charles F.; HARRISON, Ereerett F. **The Wycliffe bible commentary**. Chicago: Moody Press, 1987, p. 475.

⁹³ BAUER, Johannes. **Dicionário bíblico teológico**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 93.

⁹⁴ VAILATTI, *op. cit.*, p. 73.

de prática oculta ou mágica. Pode ser traduzido por encantadores ou mágicos, ainda que por vezes posamos encontrar o termo adivinhadores. Outro termo interessante é *Ôbôt*, em Is 8.19, que assim como *Repain*, significa espírito dos mortos ou espírito dos familiares. Sabemos que em várias culturas do Oriente Próximo esses espíritos eram bastante consultados por adivinhos ou mágicos e até mesmo em Israel muitas pessoas recorriam a tal prática quando se encontravam em estado de desespero espiritual; era considerada uma prática demoníaca por ir contra a fé em *Yahw*⁹⁵.

Enfim, como último dos termos demonizados pelos hebreus no AT, temos o termo *Yidde'oni*, encontrado em 1 Sm 28.9; IS 19.3. Representaria também uma pessoa ligada ao misticismo, porém com contexto mais pejorativo. O sentido aqui encontrado é o de agoureiro, alguns também atribuíam o termo a supostos “espíritos imundos” que trariam maus presságios aos seres humanos⁹⁶.

Concluimos com isso os principais termos demonizados no AT, sejam eles representado supostos seres inferiores, assim como fenômenos naturais, animais, pessoas, ou seja, fatores que estavam no dia a dia de Israel e também no contexto das civilizações vizinhas. Uma vez compreendida a concepção do que era considerado demoníaco em Israel Antigo, veremos agora com mais clareza o que era considerado demoníaco nas demais civilizações e grandes religiões destas mesmas regiões próximas a Israel, lembrando que serão justamente esses costumes que farão com que os hebreus antigos partam para uma melhor formulação de sua demonologia e práticas de expulsão.

Sabemos que o povo hebreu reagiu de forma bastante acolhedora ao dualismo apresentado por culturas animistas que o rodeava. Assim, as relações entre anjos e demônios foram aos poucos se aprimorando e cada vez mais se avolumando. Porém devemos aqui fazer uma ressalva: diferente do cristianismo, no judaísmo as figuras dos demônios sempre terão um poder limitado, como é o caso de Jó.

Apesar das diferenças, podemos traçar alguns pontos comuns:

No mundo antigo os demônios têm preferência por certos âmbitos e esferas da vida e das pessoas. Preferências por certos tipos de lugares como terra, o ar, casas e campos, lugares desertos e ruínas, lugares impuros como cemitérios, lugares com

⁹⁵ PFEIFFER, Charles F.; HARRISON, Ereerett F. **The Wycliffe bible commentary**. Chicago: Moody Press, 1987, p. 19

⁹⁶ VAILATTI, Carlos Augusto. **Manual de demonologia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p. 73.

água como cisternas, além de determinados tipos de árvores e arbustos⁹⁷.

Na concepção dos antigos hebreus os demônios penetravam no corpo das pessoas, utilizando-se de qualquer orifício para isso como a boca, ouvido, nariz, etc. Muitas pessoas acreditavam que também poderiam fazer o mau através de “outros” como por exemplo os chamados pagãos, os samaritanos, mágicos, adivinhos, falsos doutores, falsos profetas, ignorantes, criminosos, dentre outros. Eram acusados de serem na cultura judaica os grandes causadores da perda dos bens materiais, causando assim o empobrecimento do indivíduo⁹⁸.

Mais uma vez Rabuske⁹⁹ afirma que: “Assim sendo, na tradição judaica, praticamente todos os âmbitos da vida também podem ser instrumentos dos demônios. Podem, mas não precisam ser necessariamente, pois tudo é ambivalente”.

Para acabar com todas essas influências malignas no dia a dia foram desenvolvidas, com o passar dos tempos, mecanismos que garantiriam a segurança das pessoas, expulsando os demônios. Assim foram criadas medidas apotropaicas como o uso de “magias”, cânticos, preces, e por fim exorcismos para o caso daqueles que eram ditos como possuídos.

Para o povo do antigo Israel só havia uma forma segura de se conseguir proteção contra essas entidades: através de proteção de Deus e de seus anjos. Porém existiam formas de se evitar as tentações, como o cumprimento de Lei, por meios de amuletos, a realização de certas regras de prevenção, além dos esconjuros realizados por pessoas especializadas.

Rabuske¹⁰⁰ nos explica que a prática exorcista poderia ser realizada de forma simples. Para realizá-la dever-se-ia colocar as mãos sobre o possesso e através de sua imposição recitar palavras consideradas poderosas contra os demônios. Essas palavras poderiam ser gritos, palavras mágicas, palavras em línguas estranhas também eram bastante utilizadas.

Outros elementos como no exorcismo egípcio também eram utilizados como fogo, luz e fumaça, líquidos como água, sangue. Em culturas como a helenística era utilizado o vinho, óleo, saliva. O próprio ar também era utilizado através de sopros e elementos sólidos como terra, barro, areia, cinzas e farelo.

Temos também conhecimento sobre certos fatores que colaboravam com a não possessão por parte de um espírito ruim. Renúncia com relação a certos tipos de vestimentas,

⁹⁷ RABUSKE, Irineu José. Possessão e exorcismo: da prática do Jesus histórico à atualidade. In.: **Revista Cultura e Fé**. v. 129, ano 33, 2010, p. 194.

⁹⁸ *Idem, ibidem*, p. 194.

⁹⁹ *Idem, ibidem*, p. 195.

¹⁰⁰ *Idem, ibidem*, p. 195.

renúncia à comida e à bebida (prática do jejum), renúncia ao sexo, renúncia ao dormir (vigília), renúncia ao ver (fechar os olhos para o pecado e cobrir a cabeça) e por último renúncia a conversas consideradas profanas que deveriam ser complementadas com o silêncio e a oração.

O local onde eram realizados os rituais de expulsão também influenciavam nas práticas exorcistas. Para Rabuske¹⁰¹: “certos lugares como desertos, montanhas e cavernas eram mais apropriadas para a prática do exorcismo”.

Continuando com nossa narrativa pelo mundo antigo devemos também citar como os demônios são vistos e entendidos na tradução da LXX. Escrita aproximadamente entre os séculos III e II A.C. a LXX contribuiu de forma decisiva para os escritores do NT, pois quando o NT cita o AT a forma de fazê-lo muitas vezes segue a maneira da LXX¹⁰².

Como podemos observar em Dt 32,17, o termo *Shedim*, significa senhor, porém a LXX o traduz como demônios e nos afirma, na referida passagem “sacrifícios ofereceram aos demônios e não a Deus”. Assim também como no livro apócrifo de Tobias, onde encontramos duas referências sobre demônios, em Tb 3,8, onde temos “Asmodeu, o pior dos demônios” e em Tb 6,8, que se refere a uma espécie de demônio ou espírito maligno.

No Sl 90,6 da LXX, observamos, assim como em Sl 91,6, na versão usual, a seguinte frase “do demônio que ataca ao meio dia” e em Sl 95,5 da LXX, mesmo que Sl 96,5 em nossas versões, a expressão “por que todos os deuses dos povos” são “demônios, mas o senhor fez os céus”. Ao analisarmos a LXX nestas passagens específicas, percebemos que interpretam o termo hebraico *Elilim*, ídolo ou objeto sem valor, como *daimónia*, ou seja, como demônios. Logo podemos afirmar que os judeus de Alexandria ao traduzirem essa expressão para o grego terminaram por demonizar as demais divindades pagãs que eram representadas por imagens, sendo assim um claro ataque ao politeísmo de outros povos vizinhos¹⁰³.

Ainda nos textos da LXX temos a passagem de Sl 105,37, o equivalente a Sl 106,37 da nossa versão, que afirma “sacrificaram os seus filhos e as suas filhas aos demônios”. Neste vocábulo, demônios pode ser substituído por *Shedim*, que novamente foi interpretado e traduzido por *daimónia*. Em Is 13,21, a LXX interpreta desta vez o termo *S'eirim* por

¹⁰¹ RABUSKE, Irineu José. Possessão e exorcismo: da prática do Jesus histórico à atualidade. In.: **Revista Cultura e Fé**. v. 129, ano 33, 2010, p. 195

¹⁰² GRAYLILL, John B. Septuagint. In.: TENNEY, Merrill C. **Zondervan's Pictorial Bible Dictionary**. Michigan: Zondervan Corporation, 1964, p. 771.

¹⁰³ KEEL, Othmar. **La iconografía del Antiguo Oriente y el Antiguo Testamento**. Madrid: Trotta, 2007, p. 75.

daimónia, onde podemos ler “e os demônios ali dançaram”¹⁰⁴.

Na passagem de Is 34,14, aparece o termo Sair como *daimónia*, ou seja, temos aqui presente o termo plural de *S'eirim*¹⁰⁵. No livro do profeta Isaías podemos encontrar as duas penúltimas referências a demônios na LXX, sendo a primeira delas vista na passagem de Is 65,3, passagem esta que pode ser um tanto quanto difícil de interpretar, afirmando “povo que de contínuo me irrita abertamente, sacrificando em jardins e queimando incenso sobre altares de tijolos” a LXX, faz um pequeno acréscimo à expressão, onde depois de tijolos teremos, “aos demônios que não são”. Ao analisarmos este acréscimo podemos ver claramente que existe aqui uma forma de ridicularização às entidades consideradas malignas, uma vez que a própria LXX passa a visão de que eles não existem.

Em Is 65.11, a LXX realiza a tradução da palavra hebraica *Gad* para *daimónia*. Como sabemos, *Gad* significa sorte e ao que tudo indica nesta passagem é que *Gad* é interpretada como sendo uma espécie de deus ou divindade da sorte, certamente alusão à deusa grega Tique, antiga divindade da sorte. Ainda sobre essa divindade a LXX demonstra um ritual onde podemos perceber claramente que se trata do *Lectisterium*, um antigo ritual onde bastante comida era espalhada diante da referida divindade, para que assim conferisse sorte¹⁰⁶.

Finalizando a interpretação sobre demônios na LXX, temos as duas últimas passagens no livro apócrifo de Baruque, que afirma, em Br 4.7, o seguinte “pois haveis exasperado a quem vos fez, sacrificando a demônios e não a Deus”. E em Br 4.35 “pois o fogo lhe advirá da parte do Eterno por longos dias, e ela será habitada por demônios durante muito tempo”. Fica claro nestas passagens que Baruque as dirige ao povo de Israel. Aqui o mesmo fala sobre a redenção de Jerusalém e como seriam castigadas as outras cidades e povos circunvizinhos que a oprimiam.

Finalizando, podemos afirmar que a LXX apresenta uma tradução que é bastante tendenciosa em relação à crença em demônios e espíritos malignos, o que contribuiu de forma bastante eficaz para criar uma base intertestamentária para a fértil crença demonológica que irá aparecer no NT.

O primeiro século da era cristã é bastante relevante no que se trata de demônios, pois será justamente neste contexto que irão surgir os fatos narrados em Mc 5,1-20, além de ser

¹⁰⁴ Neste trecho do Septuaginta o hebraico significa “os lobos ali dançam”.

¹⁰⁵ UNGER, Merrill F. **Biblical demonology**: a study of the spiritual forces behind the present world unrest. Wheaton, IL: Scripture Press, 1973, p. 60.

¹⁰⁶ HAMILTON, Vitor P. In.: HARRIS, R. Laird. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1998, p. 246.

neste período que irão se desenvolver todas as atividades exorcistas de Jesus.

Por isso iremos aqui estudar duas personagens históricas e seus pensamentos sobre demônios: Filo de Alexandria e Flávio Josefo.

Para Filo de Alexandria, Deus podia ser interpretado como sendo um espírito puro, comandando uma grande quantidade de entidades que seriam tanto anjos como demônios. Para ele, essas entidades estariam todas a serviço de suas ordens¹⁰⁷. A demonologia de Filo consiste em determinar todo o cosmos como sendo possuidor de espíritos.

Para Filo o ar, por exemplo, era a morada dos daimônios, sendo essas entidades tanto anjos como demônios, utilizados por Deus como espécies de mensageiros. Se mantendo na tradição helenística, Filon nos mostra um conceito diferente do encontrado na Bíblia, onde anjos e demônios são totalmente diferentes¹⁰⁸.

Ainda sobre o conceito de Filon, temos a utilização do termo *daimon* em vários contextos e situações diferentes. Um destes exemplos é o próprio tempo, sendo aqui interpretado como destino. Filon também descreve o termo para uma espécie de espírito bom ou protetor, um tipo de “anjo da guarda”, que ajudaria os seres humanos em seu dia a dia¹⁰⁹.

Filon também utilizava o termo *daimon* para descrever entidades consideradas menores, como por exemplo, demônios dos rios, lagos, etc. Assim sendo, fica claro que Filon procura nos dar uma explicação que busca resposta tanto na fé hebraica como também na própria filosofia erudita, mesclando assim ambas em um único conceito de mundo espiritual¹¹⁰.

Flávio Josefo também procura interpretações baseadas no mundo do helenismo e nas concepções judaicas, no entanto as semelhanças com Filon terminam por aí. Para Flávio Josefo a palavra *daimon* significa “algo terrível”, podendo esse terrível ser atribuído a um grande número de fatores. Em sua obra Guerras Judaicas I, 373, ele nos relata um “terrível acidente” que na verdade teria sido um terremoto local, interpretado como uma ação demoníaca. Em Antiguidades Judaicas VI, 214, descreve que Saul era tentado por um “espírito terrível” sendo esta forma vista como mais próxima da chamada tradição rabínica e

¹⁰⁷ PIKE, Edgar Rayston. **Dicionário de religiones**. México: Fondo de Cultura Económica, 2001, p. 190.

¹⁰⁸ KITTEL, Gerhard. **Theological Dictionary of the New Testament**. [S.l]: Eerdmans Publishing Company, 1999, v. 2, p. 9.

¹⁰⁹ VAILATTI, Carlos Augusto. **Manual de demonologia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p. 85

¹¹⁰ CHAMPLIN, Russe Norman. **Enciclopédia de bíblia, teologia e filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2001, v. 2, p. 766.

dos costumes da palestina¹¹¹.

Ainda no caso do rei Saul, Josefo menciona demônios como sendo a causa de sua depressão em Antiguidades Judaicas VI, 166, 168, 211. Para finalizar temos o exemplo de Salomão, no que se refere à utilização de poderes considerados mágicos para aprisionar demônios. Segundo Josefo, Salomão conseguiria expulsar *deminos* que habitariam nos próprios homens, fazendo utilização das práticas mágicas. Provavelmente cânticos e orações eram realizadas neste processo, descrito em Antiguidades Judaicas VIII, 45 – 48.

Voltando ao NT, temos a visão que de o termo *daimones* só aparece em um único caso, Mt 8,31 onde *daimones*, termo plural de *daimon*, está associado ao episódio do endemoniado Genesaré¹¹². No entanto vemos constantemente o termo *daimonion*, que ocorre sessenta e três vezes ao todo no NT¹¹³, sendo visto em maior número nos evangelhos¹¹⁴.

Essa informação nos mostra que 84% da utilização do termo *daimonion* no NT está restrito aos evangelhos, onde podemos observar uma verdadeira obsessão demonológica, com possessões, exorcismos e curas de muitas doenças vistas como ação do demônio, e que se transforma em algo comum no dia a dia das pessoas do Israel do século I D.C. Porém, apesar desta “obsessão crescente” de demonologia, as entidades aqui mostradas parecem estar “controladas”.

Nos estudos sobre o NT também é inconfundível a revelação do demônio, em seus mais variados nomes, onde no total chega a ser 511 vezes¹¹⁵, mostrando a extrema importância e a grande evolução do tema, o que contrasta com o AT. Percebemos que desta forma o tema, apesar de não se tratar de um tema central, é bastante corriqueiro e não se trata apenas de algo periférico na fé cristã, sendo assim considerado uma verdade essencial¹¹⁶.

Sinônimos para o termo *daimonion* também podem ser vistos no que se refere ao NT, dentre as quais podemos destacar palavras como espírito, espírito impuro e ainda anjo do diabo, esta última expressão, ocorrendo com menor frequência¹¹⁷. Logo, a figura do demônio vista no NT é totalmente diferente do que vimos em boa parte da antiguidade, e assim também mudaram as práticas de expulsão. A figura agora apresentada é bem mais distinta, onde o

¹¹¹ VAILATTI, Carlos Augusto. **Manual de demonologia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p. 86.

¹¹² SMITH, Carlos R. **The New Testament Datrime of Demons**. v. 10, n. 2, 1969, p. 26.

¹¹³ BIETENHND, H. In.: BROWN, Coln. **New International Dictionary of New Testament Theology**. Grand Rapids: Zondervan, 1986, v. 1, p. 452.

¹¹⁴ BALZ, Host; SCHNEIDER, Gerhnd. **Diccionario exegetico del Nuevo Testamento**. [s.l.]: Salamano, 2005, v. 1, p. 815.

¹¹⁵ SAYÉS, José Antônio. **El demônio, reslislool o mito?** Madrid: San Pablo, 1997, p. 48.

¹¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 168.

¹¹⁷ BALZ; SCHNEISHER, *op. cit.*, p. 816.

demônio já adquire um caráter essencialmente maligno.

Para Van Der Loos: “Gradualmente o abismo entre divindade e demônio foi-se alargando. O judaísmo, o Cristianismo e o Islã só veem no demônio uma força maligna e inimiga de Deus e dos homens”. Assim criou-se a separação definitiva entre o bem e o mal, pois da mesma forma que a figura dos anjos pertenceria a Deus e ao seu reino de luz e amor, os demônios, ou os anjos caídos, como são colocados no mito de Henoc¹¹⁸, pertenceriam ao mal e ao reino da escuridão¹¹⁹.

¹¹⁸ Mito de Enoc – mito diluviano, descreve o dilúvio como um acontecimento gerado pela corrupção de seres angelicais, seres humanos e dos descendentes homo-angelicais conhecidos como Nephilins.

GUIMARÃES, Filipe de Oliveira. Livro de Enoque: uma chave hermenêutica para a compreensão de crenças cosmogônicas do cristianismo primitivo. In.: Anais do IV Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH: Memória e Narrativas nas Religiões e nas Religiosidades. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá-PR, v. 5, n. 15, jan/2013, p. 01.

¹¹⁹ LOOS, H. Vonsler. **The miracles of Jesus**. Leiden: Brill, 1965, p. 341.

CAPÍTULO 2 – DESENVOLVIMENTO DA COMPREENSÃO DO EXORCISMO NA TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ

Vimos no capítulo anterior como se desenvolveu a figura do chamado diabo e como o mesmo e suas legiões de “demônios” afetavam a humanidade. Percebemos também algumas práticas de exorcismo que eram utilizadas já no período do mundo antigo em diversas civilizações, como a Grega e a Persa. No capítulo corrente veremos como a prática exorcista foi se desenvolvendo e se aprofundando na tradição judaico-cristã, fazendo uma análise do fenômeno nos dias atuais.

Ainda neste capítulo descreveremos fatores importantes para a análise que será construída no terceiro capítulo, como a evolução da crença, as principais características da possessão demoníaca, as formas de possessão, as formas de manifestações e que tipos de endemoniados podemos encontrar.

Ao analisar o termo exorcismo, percebemos que, no sentido específico, não ocorre na língua hebraica uma palavra que possa ser utilizada com este significado. O que temos presente muitas vezes é a palavra *Ashap*, com o sentido de “astrólogo, encantador ou até mesmo necromante” como nos afirma Carlos Vailatti¹²⁰. Podemos analisar esse tipo de expressão em algumas passagens do AT, nos Apócrifos, nos pergaminhos do Mar Morto, nos Pseudepígrafos, o que contribui bastante para a compreensão da evolução do pensamento sobre o referido fenômeno.

Voltando ao termo *Ashap*, temos o exemplo da passagem de Daniel, em 1.20; onde o termo é citado. Acredita-se que o termo seja retirado da antiga Babilônia, cuja palavra inicial era “*Shiptu*”, ou conjuração, traduzindo literalmente¹²¹. Em Daniel, vemos também o transparecer de outro termo, como nos mostra Vailatti¹²², sendo ele o vocábulo “*Gazer*”, com o sentido de adivinho, em Daniel 2.27; 4.4; 5.7,11. Acredita-se que o termo *Gazer* também possa significar “decretar”, ou seja, decretar que espíritos impuros sejam expulsos com autoridade¹²³.

Podemos constatar como era realizado um exorcismo em Israel antigo através de duas passagens que relatam tais feitos, uma delas está contida em 1 Samuel e outra no livro

¹²⁰ VAILATTI, Carlos Augusto. **Manual de demonologia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

¹²¹ VERMES, Geza. **Jesús, el judío**. Barcelona: Muclsnik Editors S.A., 1984.

¹²² VAILATTI, *op. cit.*

¹²³ VERMES, *op. cit.*, p. 73

apócrifo de Tobias. Vamos agora descrever esses eventos para posteriormente poder analisá-los.

Em Sm 16.14-23, encontramos a referida passagem “e sucedia que, quando o espírito maligno, da parte de Deus, vinha sobre Saul, Davi tomava a harpa e a dedilhava; então, Saul sentia alívio e se achava melhor, e o espírito maligno se retirava dele”. Observamos, de forma importante, que no monoteísmo de Deus existe inicialmente o fato do conceito ambivalente do mesmo e, conseqüentemente, se para o povo de Israel só havia um único Deus, tanto o bem como o mal emanavam dele.

É possível observar que nesta passagem o “espírito maligno pairava sobre Saul” e posteriormente “adentrava” nele, assim o texto deixa claro que o rei Saul estava possuído por esta entidade considerada perversa¹²⁴. Ou dedilhar a harpa, o texto ainda afirma que o espírito maligno “afasta-se dele” indicando a possível libertação demoníaca de Saul. Como era de costume no Antigo Israel, Davi provavelmente tocava algum salmo ou evocava alguma oração enquanto dedilhava o instrumento.

Em outro exemplo de processo de expulsão, ainda no AT, temos o livro apócrifo de Tobias, onde encontramos em Tb 6.2-9; 8.1-3, sua iniciação às práticas de exorcismo na época. Essas duas práticas foram de extrema importância para o desenvolvimento e a continuação das práticas exorcistas contidas no NT.

Em Tobias temos medidas típicas dessa fase da história israelita contra a ação dos demônios. A utilização de fel, fígado de peixe e o coração do mesmo animal podem ser vistos aqui como elementos farmacológicos, ou seja, um tipo de “remédio” que combina também, de acordo com as crenças vividas, elementos mágicos, necessários para a realização da expulsão.

É importantíssimo perceber na análise da passagem, que tal fórmula ou “receita mágica” não foi concebida por um homem, mais entregue a Tobias por um anjo, uma vez que na LXX¹²⁵ a palavra ángeles é utilizada. E por último, é mencionado que através da queima do coração e do fígado do peixe, a fumaça que esta fórmula reproduz é capaz de afugentar o “espírito maligno”, fazendo com que o mesmo não retorne mais.

O infante Tobias, de acordo com os relatos da passagem, é informado pelo anjo Azarias que este condimento possui características terapêuticas, uma vez que, no fel do peixe,

¹²⁴ BERGER, Klaus. **É possível acreditar em milagres?** São Paulo: Paulinas, 2004, p. 189-190.

¹²⁵ LXX – Septuaginta é o nome da versão da bíblia hebraica para o grego *Koiné*, traduzida em etapas entre o terceiro e o primeiro século a.C. em Alexandria.

existem elementos capazes de curar enfermidades oftalmológicas¹²⁶. Como podemos perceber, tanto na passagem de Davi, que liberta Saul, assim como na atuação de Tobias, trata-se de assuntos que foram demonizados no cotidiano das pessoas. A demonização de fatos corriqueiros era uma prática comum nesse momento da história de Israel e não apenas por motivos considerados pequenos como as dores e preocupações de Saul, mas em casos como os de Sara, onde seus maridos eram assassinados, o que demonizava possivelmente a atuação de um assassino.

Analisando outras práticas exorcistas da antiguidade encontramos informações nos famosos manuscritos ou Pergaminhos do Mar Morto. De acordo com Vidal, os referidos manuscritos tratam de uma determinada “seita judaica” existente no mesmo período de Jesus e suas crenças religiosas podem nos demonstrar mais alguns exemplos que tratam dessas evoluções demonológicas no povo hebreu e em particular suas práticas de defesa¹²⁷.

Podemos citar aqui três exemplos de práticas exorcistas, Abraão, Daniel e os Salmos sobre exorcismo, encontrados na décima primeira caverna de Qumrã. Nestes manuscritos temos o relato do Gênesis Apócrifo, que afirma que Abraão era uma espécie de sábio dotado de poderes especiais, nos quais se destacavam os dons terapêuticos, como um indivíduo que cura.

Em Qumrã, correspondente a Gn 12.10 – 20, encontramos faraó preso em castigos por um espírito maligno que o atormentava, assim como também a sua casa real. Abraão é chamado pelo rei depois da falha de vários sábios e mágicos que tentaram “afugentar” o ser maligno. Percebemos que Abraão utiliza um ritual extremamente simples, ou seja, o ato de impor suas mãos na cabeça de faraó e rezar. O fato ou prática resulta na “expulsão” do demônio que atormentava faraó e assim como mostra Carlos Vailatti¹²⁸, outro aspecto fica bem definido em relação aos possessos. Segundo a mentalidade do Israel Antigo, os chamados idólatras eram os mais vulneráveis a ataques de seres ruins. No caso de faraó, novamente temos Deus como indivíduo que manda o castigo ao soberano do Egito, mostrando, ainda aqui, a concepção de que tanto o bem como o mal emanavam do pai celestial, ou sua forma ambivalente.

Em Daniel, vemos a chamada Oração de Nabônides, que também se faz presente nos pergaminhos de Qumrã, descrevendo um exorcismo realizado pelo sábio Daniel, embora não

¹²⁶ STORMOLO, Irlo; BORTOLONI, José. **Como ler o livro de Tobias**: a família gera vida. São Paulo: Paulus, 2006, p. 40.

¹²⁷ VIDAL, César. **Jésus y los manuscritos del mar muerto**. Barcelona: Phaneta, 2006, p. 187.

¹²⁸ VAILATTI, Carlos Augusto. **Manual de demonologia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

fique claro no texto que a pessoa imbuída do dom da cura seja o próprio Daniel. O termo exorcismo se repete mais quatro vezes, como nos mostra Martínez¹²⁹, em 2.27; 4.4; 5.7,11. Porém, o termo é muitas vezes associado às palavras mágico, astrólogo ou até mesmo adivinho, como já visto anteriormente.

Apesar disso, tal relato ainda é marcante por causa da junção dos pontos que levam a pessoa a ser possuída por entidades malignas, como por exemplo, o texto junta os fatores: doença, pecado e demônio, como sendo associados uns aos outros. No relato sinótico do NT: que trata da cura de um parálítico em Mt 9.1-8; Mc 2.1-12; Lc 5.17-26, esse tema também volta a figurar, sem no entanto envolver diretamente demônios ou exorcismos. Assim percebemos que é notável a presença de demônios no início do século I D.C na população judia, principalmente no que se refere às enfermidades graves. Posteriormente veremos como esses efeitos eram retratados na Idade Média.

Já nos Salmos, encontrados na décima primeira caverna de Qumrã, percebemos conteúdos totalmente voltados para a prática do exorcismo. O importante para quem procura entender esses fenômenos são as amostras contidas através de alguns trechos, principalmente os relatados no chamado fragmento A, nas coleções de I a IV. Como já havíamos analisado no capítulo um, nestes fragmentos de texto, várias figuras são demonizadas, principalmente animais considerados impuros. Também devemos dar destaque a figuras como as de Davi, como sendo um verdadeiro exorcista e, possivelmente, como nos mostra Allegue¹³⁰, Salomão. Também possui destaque a figura de Belial, como sendo aqui tratado de o “chefe” ou “príncipe” dos demônios.

Em relação às escrituras pseudepígrafas, percebemos que as mesmas demonstram o pensamento judaico por volta do período de 430 A.C. e que também possuem alguns casos específicos de possessão demoníaca e a prática exorcista, como vemos no exemplo em 1 Enoque VIII, 2, que afirma: “Semjaza ensinava os encantamentos e as poções de feitiços, Armaros a dissipação dos encantamentos”. Já no chamado Testamento de Levi XVIII, 4, o mesmo revela aos seus filhos que “Ele acorrentará Belial, e dará aos seus filhos o poder de enfrentar os espíritos maus”. Para Carlos Vailatti¹³¹, a referida passagem revela a chegada de um novo sacerdote, que traria o poder de expulsar o mal; Certamente a figura aqui mencionada seria o próprio messias. No chamado Testamento de Dã, tanto em V, 1, como em V, 4, é revelado, na

¹²⁹ MARTINEZ, Florentino Garcia. **Textos de Qumran**. São Paulo: Vozes, 1994, p. 334.

¹³⁰ ALLEGUE, Jaime Vázquez La. **Regla de la comunidad de Qumrán**. Salamanca: Ediciones Segue, 2006, p. 133.

¹³¹ VAILATTI, Carlos Augusto. **Manual de demonologia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p. 114.

primeira passagem que “o Senhor habitará em vós, e Belial fugirá”, assim como na segunda passagem está escrito que “Ele mesmo subjugará Belial, e tomará por vingança eterna dos inimigos. Ele resgata de Belial os que estavam presos”.

Percebemos claramente que as escrituras pseudepígrafas dão destaque aos testamentos dos chamados Doze Patriarcas¹³². Fora estes casos já apresentados dois outros testamentos merecem destaque, o Testamento de Aser VI, 2 e o Testamento de Benjamim III, 1, onde no primeiro caso encontramos o seguinte relato que comprova como uma pessoa poderia ser influenciada por “entidades malignas” até chegar ao ponto de se deixar possuir. A passagem nos fala que “se uma alma estiver em aflição, é por que é atormentada pelo espírito mau, a este outrora serviu nos prazeres e em obras depravadas”. Fica claro nesta passagem que os antigos israelitas consideravam os ladrões, prostitutas, adúlteros, dentre outros que possuíam vida desgarrada da chamada obra de Deus, como pessoas influenciadas e tomadas por espíritos ruins que causavam essa separação com o sagrado.

Já em Benjamim III, 1, temos “temei ao Senhor e amai o próximo. Assim, se os espíritos de Belial vos pressionarem com toda espécie de mal, não poderão vencer-vos”. Notadamente fica clara a ideia de que uma vida correta levava a graça e a comunhão com Deus, enquanto que uma vida considerada depravada, atraía a atenção do demônio, que fatalmente atuaria na vida daquele indivíduo, levando o mesmo a sua ruína.

Ainda nos tempos antigos era notável o uso de fórmulas mágicas no processo de expulsão e uma dessas fórmulas mais eficazes é a porção concedida através de uma planta chamada Bara, como mostraremos mais especificamente nas próximas páginas.

No livro de Jubileus podemos encontrar uma passagem de Noé que descreve a importância do uso dessas porções. Em jubileus X, 12, 14 encontramos as instruções nas quais o anjo do Senhor ensina a Noé como subjugar seres malignos afirmando “escreveu abaixo todas as coisas em um livro como nós o instruímos, concernente a todo tipo de medicina. Desse modo, os espíritos malignos foram impedidos de causar dano aos filhos de Noé”.

Outra curiosidade dos textos pseudepígrafos é a enorme variedade de nomes representando demônios ou seres malignos. Em 1 Enoque VI, 4, encontramos a figura de Semjaza, como sendo uma espécie de líder das forças demoníacas. Além desta personagem encontramos também nomes como: Arakiba, Rameel, Kokabiel, Tamiel, Ramiel, Danel,

¹³² PROENÇA, Eduardo de. **Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005, p. 262.

Ezekeel, Narakijal, Azael, Armaros, Batarel, Ananel, Sakeil, Samsapeel, Satarel, Turel, Jomjael e Sariel¹³³. Aqui, percebemos claramente uma evolução nas figuras demoníacas em sua mais variadas formas e características.

Para Carlos Vailatti¹³⁴, esses demônios, eram os responsáveis por ensinar aos homens várias práticas de bruxaria, além da tradição hebraica descrever que os mesmos mantinham relações com mulheres, familiarizando as mesmas com ervas e raízes consideradas nocivas. Os nomes Azazel e Belial também são citados nos textos pseudepígrafos, destacando a figura de Beelzebul, uma junção entre duas antigas entidades, cananéia e filistéia, Baal e Zebub.

A tradição judaica pode ser definida como sendo um grande conjunto ou junção de leis que foram transmitidos de geração a geração. Através desta tradição, estabelecida por meio da Mishná e do Talmude, temos o fator que foi o grande responsável por ampliar conceitos exorcísticos, bem como figuras que cruzaram o mundo antigo e atingiram um novo conceito no mundo medieval, marcado pela grande religiosidade cristã. Neste período temos uma total separação entre o bem e o mal. Forças antagônicas que jamais podem se misturar, onde uma tenta salvar o homem do pecado, enquanto a outra tenta arrastá-lo para o mesmo.

Sabemos que o diabo foi mostrado das mais variadas formas possíveis no mundo medieval. Para Sérgio Alberto Feldman: “Desde a patrística grega e latina, e por todas as crônicas e relatos do mundo medieval, o diabo era onipotente e exercia uma influência notável no mundo dos vivos, sendo referenciado como atuante e proselitista”.¹³⁵

A transição do cristianismo para a Idade Média foi um processo gradual e localizado. Porém, sabemos que foi com o cristianismo que ocorreram drásticas mudanças nas questões culturais, nas práticas das pessoas e principalmente no imaginário. Com os conflitos gerados, o cristianismo foi aos poucos, moldando o ideológico medieval, fazendo-se valer de várias manobras para isso e uma dessas principais manobras para converter as pessoas e fazerem com que as mesmas abandonassem práticas consideradas pagãs foi o medo ao pecado, que Jose Lucas Cordeiro Fernandes chama de “pedagogia do medo”¹³⁶.

Com esse pensamento a Igreja passava a demonizar inúmeras figuras e colocaram essas mesmas sob a ordem ou comando do maior dos demônios, satanás. Nascia assim às

¹³³ PROENÇA, Eduardo de. **Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005, p. 261.

¹³⁴ VAILATTI, Carlos Augusto. **Manual de demonologia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

¹³⁵ FELDMAN, Sérgio Alberto. A presença do diabo no cotidiano medieval judaico: os ritos de passagem. In.: **Revista de História e Estudos Culturais Fênix**, v. 4, ano 4, n. 2, 2007, p. 01.

¹³⁶ FERNANDES, José Lucas Cordeiro. **As marionetes do diabo: as representações de satã no corpo na Idade Média**. Universidade Federal do Ceará, 2009. Disponível em: <http://www.ce.anpuh.org/1342121799_ARQUIVO_TrabalhoANPUH.pdf>. Acesso em: 15 set. 2014, p. 01.

hordas demoníacas e a figura de satanás ganhara notável destaque. Assim percebemos que o cristianismo em seu momento de afirmação dogmática, tornou possível a chamada “unificação do mal”¹³⁷, pois na antiguidade, como afirma Jose Lucas “o mal era bem variado e haviam apenas poucas representações de maldade”. Com a vitória do cristianismo no ocidente a personificação do mal deixa de ser algo atribuído a divindades distintas.

No mundo medieval iremos observar pouco a pouco um crescimento sobre a produção de obras que retratavam satanás. Isso, no entanto, só foi possível devido à conversão de grandes reis e Impérios como, por exemplo, Clóvis I, do Reino Franco. Com a conversão de Clóvis o cristianismo se expandiu a regiões distantes, derrubando ou incorporando costumes pagãos em várias culturas, logo o cristianismo pode colocar seus dogmas em prática nos processos de conversão.

Com a conversão, dois elementos considerados fundamentais eram utilizados para “fincarem” o crente recém-convertido à nova prática religiosa, novamente entra em cena o medo ao pecado e o fator demonizador. Através dessas duas práticas o homem medieval cristão passava a direcionar sua vida para Deus, sempre em busca da salvação e sempre fugindo das tentações e provocações do diabo, responsável pelos malefícios terrenos como a pobreza e as pragas. Assim o homem medieval passava a ser uma figura fragmentada entre o pecado mundano e a salvação.

Outro fator que fez com que o diabo se fortalecesse neste período foram os surgimentos das heresias, que estarão presentes desde o século IX, os hereges eram sempre considerados uma grande ameaça a Igreja, pois para a mesma eram indivíduos possuídos por uma presença maligna ou ameaçadora, o que faria com que o contato dos fiéis com os hereges causa-se o desvio dos chamados “servos de Deus”.

Com a invasão dos árabes na Europa, a quantidade de obras referindo-se ao diabo aumentou e os próprios sarracenos passaram a encarnar a figura do herege ou infiel que deveria ser combatido a qualquer custo. As preocupações com a figura do diabo já nos primórdios do cristianismo irá formar vários conceitos que se aperfeiçoaram com o passar do tempo, formando assim linhas de raciocínio sobre as tentações do maligno. Para Tertuliano, a figura do diabo estava bastante presente na pessoa da mulher. Essa linha ficará conhecida

¹³⁷ FERNANDES, José Lucas Cordeiro. **As marionetes do diabo**: as representações de satã no corpo na Idade Média. Universidade Federal do Ceará, 2009. Disponível em: <http://www.ce.anpuh.org/1342121799_ARQUIVO_TrabalhoANPUH.pdf>. Acesso em: 15 set. 2014, p. 03.

como Corrente Misógena¹³⁸ e afirmará que Lúcifer havia caído em desgraça não por conta da inveja ou do orgulho como a tradição ensina, mas por conta da luxúria.

Essa corrente de pensamento medieval baseava-se nas leituras e interpretações do livro de Enoque, escrito que posteriormente existia na Bíblia, e que mencionava relações sexuais entre anjos e as filhas dos homens. Através dos trabalhos de Jerônimo, um dos primeiros padres¹³⁹, ocorreu a demonização de seres populares e deuses pagãos como Pã, que será demonizado por volta do século VI e é justamente encima desta personagem que muitas pinturas retrataram o diabo, o que fará da iconografia de um homem nu, com chifres, corpo peludo, cascos fendidos, barba e cauda a grande referência até mesmo na busca por estudos teológicos e servirá de inspiração para amedrontar as pessoas.

Neste período, do século V ao XV da história judaico-cristã não eram incomuns grandes debates entre teólogos e pensadores ligados à cristandade, sobre os limites de sua influência e poder no mundo dos vivos, com a finalidade de evitar que a religião cristã, agora a maior e a mais influente religião do mundo ocidental, ganhasse um ar de doutrina dualista.

Para os pensadores do período medieval a onipotência e onipresença divina de Deus não poderia ser rivalizada pelos poderes ou ações do demônio, o que contrastava com a utilização da mesma figura no cotidiano das pessoas, onde sua presença e atos malignos justificavam a importância dos cultos e de práticas exorcistas de todos os métodos¹⁴⁰.

Para Sérgio Alberto Feldman, já na antiguidade tardia, os autores da Patrística¹⁴¹, definiram e institucionalizaram a chamada Teologia Clássica Cristã, conceituando a mesma. Tais autores já davam grande importância à questão do mal e realizavam grandes debates sobre a figura do diabo, advertindo sobre as ações do mesmo.

Como alguns desses autores e estudiosos na temática temos São Jerônimo, (347 a 420), sendo o mesmo, uma das mais fortes e importantes referências desse período, e João Crisóstomo, (347 a 407) na Antioquia, que em suas afirmações e discursos já chamava a atenção de seus fiéis sobre as tentações do demônio.¹⁴²

¹³⁸ FERNANDES, José Lucas Cordeiro. **As marionetes do diabo**: as representações de satã no corpo na Idade Média. Universidade Federal do Ceará, 2009. Disponível em: <http://www.ce.anpuh.org/1342121799_ARQUIVO_TrabalhoANPUH.pdf>. Acesso em: 15 set. 2014, p. 10.

¹³⁹ *Idem, ibidem*, p. 10.

¹⁴⁰ *Idem, ibidem*, p. 02.

¹⁴¹ Nome da filosofia adotada pelos padres em I DC e que teve duração até VIII DC.

¹⁴² FELDMAN, Sérgio Alberto. A presença do diabo no cotidiano medieval judaico: os ritos de passagem. In.: **Revista de História e Estudos Culturais Fênix**, v. 4, ano 4, n. 2, 2007, p. 03.

Além desses teólogos vale destacar Isidoro de Sevilha, (560 a 636), Agostinho (354 a 430) e São Tomas de Aquino (1225 a 1274). Para Isidoro de Sevilha, o diabo tinha uma influência direta nos pecados e nas ações realizadas pelo homem, por isso o mesmo discursava de forma muito intensa e prolongadamente sobre o diabo¹⁴³.

Santo Agostinho, em sua ótica neo-platônica e cristã, afirmava que o diabo habitava no mundo inferior, porém não devemos compreender aqui mundo inferior como o inferno e sim como o próprio mundo dos homens. Através desses teólogos e pensadores criou-se o conceito ou ideia de uma grande batalha entre o bem e o mal. Batalha esta que era travada entre Deus e o diabo, no próprio mundo dos homens.

São Tomas de Aquino, possuía seu pensamento fundamentado pelo pensamento de Santo Agostinho e afirmava que “tudo o que ocorre visivelmente neste mundo pode ser obra dos demônios”¹⁴⁴. Para Sérgio Alberto Feldman: “A queda do homem teria sido precedida por uma revolta de algumas falanges celestiais contra Deus e estes haviam sido precipitados do céu por Deus. Portanto, transitavam na Terra e seduziam os humanos para obterem adeptos a seu partido”¹⁴⁵.

Porém, nem todos os pensadores e autores medievais compactuavam com este pensamento. Os opositores da igreja demonstravam certa dose de crítica aos pensamentos expostos, porém nunca negaram a existência ou até mesmo a presença do demônio no dia-a-dia das pessoas.

Esses opositores mais exaltados no período medieval, eram conhecidos pela Igreja como os heréticos dualistas, ou como também eram chamados, maniqueus. Os maniqueus¹⁴⁶, assim como outros grupos como os mazdeístas, paulicianos, logomilos, albigenes, por exemplo foram, aos poucos sendo reprimidos e foram desaparecendo do cenário teológico.

Esses grupos tinham em comum o fato de afirmarem que o universo apresentava duas forças antagônicas distintas, ou seja, Deus e o diabo, o que iria de oposição ao monoteísmo trinitário fundamentado pela Igreja. Sérgio Alberto Feldman afirma que: “Isso era a negação

¹⁴³ FELDMAN, Sérgio Alberto. A presença do diabo no cotidiano medieval judaico: os ritos de passagem. *In.: Revista de História e Estudos Culturais Fênix*, v. 4, ano 4, n. 2, 2007, p. 03.

¹⁴⁴ HUIZINGA, J. *O declínio da Idade Média*. São Paulo: Verbo Edup, 1978, p. 219.

¹⁴⁵ FELDMAN, *op. cit.*, p. 03.

¹⁴⁶ Maniqueos – Maniqueísmo é a religião fundada por Mani em 230. De acordo com Joana Paula Pereira Correia, uma vez analisada, como uma religião. O Maniqueísmo desperta curiosidade por convergir elementos gnósticos, cristãos, budistas e do zoroastrismo.

CORREIA, Joana Paula Pereira. Maniqueísmo: religião, seita, ou heresia? *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História ANPUH, Brasil 2013*. Natal, 2013, p. 01.

de dogmas fundamentais da cristandade e sugeria a necessidade de repressão. Eram, portanto, adeptos de presença do mal, com entidade independente”¹⁴⁷.

Esse imaginário, juntamente com a sua perpetuação, desenvolveu-se dentro de um âmbito e de um determinado contexto social. Sabemos também que a perpetuação dessas ideias se deu em um período longo, que foi moldando a figura do diabo no período moderno. Lembrando que essas modificações ocorrem desde o período antigo, como bem vimos no capítulo um.

O diabo surge no cristianismo primitivo como um adversário para Deus, que marca o dualismo responsável pelo firmamento da Igreja nos séculos III e IV. Por isso o mundo medieval é marcado pelo grande conflito entre salvação e perdição. O homem medieval era um homem dividido entre a recompensa do paraíso e o bem, aqui representado pela Igreja e suas fileiras de sacerdotes, e os prazeres mundanos, que seria a personificação das tentações, aqui representando o diabo e suas hordas infernais.

Esse dualismo e confrontos eternos e contínuos entre Deus e o diabo no período medieval também eram retratados no belicismo, no simbolismo, e no contratualismo do mundo medieval¹⁴⁸. Para Hilário Franco, o pensamento medieval sobre as atuações do bem e do mal podem ser resumidos em uma simples expressão “o sobrenatural se mostrando no natural”¹⁴⁹.

Percebemos assim a presença de uma hierofania¹⁵⁰, ou seja, manifestação do sagrado no profano. Percebemos por essas visões que a única diferença entre católicos e outros grupos religiosos era o simples fato de que, para os católicos, o demônio não poderia jamais ser colocado no mesmo grau de poder para com Deus.

Uma vez esse conceito teológico aceito, o diabo poderia “caminhar” livremente pelo mundo, vagando entre os humanos para assim seduzi-los para o mal. Logo a presença do demônio no mundo medieval é intensa. Ele está presente em praticamente tudo e aqueles que

¹⁴⁷ MISCHO, Johannes. A “possessão diabólica” – sobre a psicologia das reações irracionais. In.: KASPER, Walter; LEHMANN, Karl; KERTELGE, Karl; MISCHO, Johannes. **Diabo, demônios, possessão: da realidade do mal**. Tradução de Silvino Arnhold. São Paulo: Loyola, 1992, p. 04.

¹⁴⁸ *Idem, ibidem*, p. 04.

¹⁴⁹ FRANCO *Apud* FELDMAN, Sérgio Alberto. A presença do diabo no cotidiano medieval judaico: os ritos de passagem. In.: **Revista de História e Estudos Culturais Fênix**, v. 4, ano 4, n. 2, 2007, p. 04.

¹⁵⁰ Hierofania é toda e qualquer manifestação do Sagrado. Neste sentido devemos nos acostumar com a hierofania em qualquer lugar e em qualquer tempo nos vários setores da vida, seja fisiológica, econômica, social e espiritual: tudo que o ser humano operou, sentiu, encontrou ou amou pode se transformar em objeto hierofânico.

o seguem são considerados numerosos, além de bastante empenhados em sua causa, como afirma Carlos Roberto Nogueira¹⁵¹.

Mesmo com as críticas e com a contestação dos grupos considerados hereges na Baixa Idade Média, a Igreja era a grande formadora de opinião, e se utilizava de todo um poderio político e religioso para isso. Por isso era normal que a mesma encabeçasse a luta contra o mal e o seu grande líder: Satanás.

Inicialmente a figura de satã não tinha, no período da Alta Idade Média, uma representação em primeiro plano como afirma Le Goff.¹⁵² A mesma irá se firmar como grande adversário no século XI; sendo implementada pelo imaginário da sociedade medieval. Como sabemos o pensamento, assim como o comportamento, do homem medieval eram dominados por um maniqueísmo um tanto quanto sumário.

Logo a concepção dominante era que de um lado estava Deus e do outro o diabo, esse pensamento rejia o dia-a-dia das pessoas, influenciando na moral, na política, na vida social, etc¹⁵³. Sendo efetuada esta divisão, para os homens da Idade Média um ser não era menos real que o outro e ate menos avaro de encarnações e aparições.¹⁵⁴ Para que essa visão se perpetuasse houve a colaboração de uma vasta iconografia.¹⁵⁵

Nesta iconografia, satã muitas vezes era a serpente, colocando-se no caminho de Adão e Eva, ou seja, ele era o símbolo maior do pecado, que para Le Goff, poderia ser descrito como o pecado da carne e do espírito juntos. O símbolo do apetite sexual e intelectual.¹⁵⁶ Segundo Jean Delumeau, a figura de satã aparecia muito pouco na arte cristã primitiva, tendo sido ignorada nos afrescos das catacumbas.

Uma de suas iconografias mais antigas na arte cristã aparece nas paredes da igreja de Baouit, no Egito (Séc. VI).¹⁵⁷ Nela observamos com clareza a imagem de um anjo decaído, cujo os traços mais grotescos são apenas unhas recurvadas e um sorriso irônico. Apenas nos séculos XI e XII o ocidente irá presenciar a primeira grande, como afirma Le Goff, “ explosão diabólica “ na iconografia católica. Nela, satã aparecerá com olhos vermelhos, cabelos de

¹⁵¹ NOGUEIRA, Carlos Roberto. **O diabo no imaginário cristão**. Bauru: UduSC, 2000, p. 71-72.

¹⁵² LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1983, v. 1, p. 200.

¹⁵³ *Idem, ibidem*, p. 200

¹⁵⁴ *Idem, ibidem*, p. 201.

¹⁵⁵ *Idem, ibidem*, p. 201.

¹⁵⁶ *Idem, ibidem*, p. 201.

¹⁵⁷ DELUMEAU, Jean. **A história do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 239.

fogo, asas de dragão; como mostra a obra *Apocalipse*, de Saint-Sever, ou o diabo devorador de homens na obra de Saint- Pierre-de- Chauvigny.¹⁵⁸

Aos poucos essa iconografia passou a fazer parte do mundo dos cristãos, revestindo as paredes e os capitéis das igrejas de uma grande espécie de formas humanas e de animais. No século XIV, a atmosfera se torna ainda mais pesada, logo, a contração entre o diabólico e o sagrado nas catedrais dá lugar a uma progressiva invasão demoníaca.¹⁵⁹ Assim percebemos segundo Delumeau:

Uma obsessão que ganha duas formas essenciais, ambas refletidas pela iconografia: um alucinante conjunto de imagens infernais e a ideia fixa das incontáveis armadilhas e tentações que o grande sedutor não cessa de incentivar para perder os humanos.¹⁶⁰

Assim surgem imagens como *O Inferno* (1396), de Taddeo di Bartolo, mostrando a figura de Lúcifer, com cabeça de ogre, chifres, mãos que esmagam os condenados retratados de dimensões reduzida. Ainda nesta iconografia de dimensões gigantescas é possível ver os diferentes comportamentos de seu reino, onde, demônios desenrolam os intestinos dos invejosos, fazem vomitar os avarentos, impedem os glutões de comer os pratos de uma mesa farta, chicoteiam os adúlteros e cravam estacas em chamas no sexo das mulheres que foram levianas.

Outro exemplo deste tipo de iconografia é a obra *Très riches heures du duc de Berry*, do século XV, nela, Lúcifer, um gigante coroadado, se alimenta dos condenados, deixando escapar fogo e fumaça de sua horrível boca. As iconografias transmitiam medo e o homem medieval era atormentado constantemente por essas visões. Assim, uma terrível angústia vinha na mente dos católicos medievais: ver, segundo Le Goff, o diabo sugar.¹⁶¹ Todos se sentiam constantemente vigiados.

Para os cristãos a figura de satã poderia surgir sob dois aspectos. Como sedutor, onde o imaginário idealizava uma aparência delicada, geralmente uma jovem muito bonita e atraente, e a forma de perseguidor, onde nela o diabo surgiria em sua forma repugnante.¹⁶² Ambas as formas tinham o intuito de enganar e desviar o homem de Deus. Essa angústia

¹⁵⁸ DELUMEAU, Jean. **A história do medo no Ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 239.

¹⁵⁹ *Idem, ibidem*, p. 240.

¹⁶⁰ *Idem, ibidem*, p. 240.

¹⁶¹ LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1983, v. 1, p. 201.

¹⁶² *Idem, ibidem*, p. 201.

seguir o cristão até o dia de sua morte, onde segundo a crença passaria pela disputa final pela sua alma.

A arte medieval também iria retratar tal cena. Nela a alma do morto era puxada de um lado para outro, pelo diabo e por São Miguel, para ser por fim levada pelo vencedor, para o inferno ou paraíso.¹⁶³ É importante salientar que no pensamento cristão medieval, a figura do diabo também era capaz de realizar milagres, com a permissão de Deus; esta faculdade está associada a alguns mortais, na equivocada dualidade entre a chamada magia negra e magia branca, cujos processos eram, em sua grande maioria, incompreensíveis as pessoas vulgares.

Para os católicos medievais a prática do exorcismo, segundo Le Goff, era função dos santos e santas; os mesmos deveriam cuidar de uma grande massa de pessoas, que eram disputados por uma minoria de feiticeiros.¹⁶⁴

Podemos dividir essa luta contra o mal em várias etapas, lideradas por várias ordens e grupos ligados à Igreja. A Ordem de Cluny comandou a luta durante o século X, sendo seguida pela Inquisição medieval, dirigida pelos Dominicanos. A inquisição ira se tornar posteriormente a grande ponta de lança na luta contra as heresias e contra os chamados “filhos do diabo”, durante o século XIII.

Alguns manuais e textos foram divulgados através dos dominicanos, sob a tutela da Igreja. Uma dessas obras se tornaria famosa e seria considerada o grande manual de estudos sobre bruxaria e demonologia no final do século XV, trata-se do *Malleus Maleficarum*, ou o Manual de Caça às Bruxas, também conhecido pelo nome de Martelo das Feiticeiras. Sergio Alberto Feldman¹⁶⁵ afirma que:

O Manual de Caça as Bruxas, que foi editado no final do século XV, por dois frades dominicanos, Heinrich Kramer e Jacob Sprenger era declarado para servir como guia para os inquisidores que interrogavam e torturavam bruxas e seguidores de heresias satanistas. Exorcismos e formas de identificar bruxas e demônios povoavam suas páginas.

Mas não só as bruxas e os considerados hereges eram perseguidos durante a Idade Média. Uma minoria discriminada também se tornou alvo nos períodos sombrios e eram enunciados como causa para pragas e doenças, além de fome e guerras. Tratava-se da minoria judaica.

¹⁶³ LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1983, v. 1, p. 202.

¹⁶⁴ *Idem, ibidem*, p. 203.

¹⁶⁵ FELDMAN, Sérgio Alberto. A presença do diabo no cotidiano medieval judaico: os ritos de passagem. *In.: Revista de História e Estudos Culturais Fênix*, v. 4, ano 4, n. 2, 2007, p. 05.

Sabemos que os judeus, através das perseguições que sofriam eram associados ao demônio no mundo medieval cristão. Os mesmos eram relegados a camadas inferiores da sociedade e expulsos de determinados ramos da produção econômica. Para os cristãos medievais, o povo judeu estava sempre envolvido em artes consideradas profanas e ligadas ao poder do diabo. Assim, temendo por seus fiéis, a Igreja levantou várias regras e leis que afastaram os judeus da sociedade cristã, sendo algumas das mais famosas leis fincadas no quarto Concílio de Latrão em 1215, por Inocêncio III¹⁶⁶.

Várias eram as imposições, que variavam de lugar para lugar, dentre elas a chamada “marca infame” que os judeus deveriam portar em suas roupas como identificação, além de terem que habitar os chamados guetos, ou bairros segregados para desta forma evitar “contaminar” os cristãos. O povo judeu, também era visto e interpretado como uma ameaça à sociedade, devido às suas crenças consideradas “impróprias”.

Apesar da radical imposição de segregação aos judeus e a separação de ambos os povos, o contato e a transmissão de crenças religiosas entre judaísmo e cristianismo foi mútua no período medieval. Ambas as crenças eram muito férteis, o que terminou para alguns pesquisadores como Trachtenberg, na criação de uma chamada “religião popular” ou *Folk Religion*, paralelamente à religião judaica, com regras e normas da Halachá (Lei Judaica)¹⁶⁷.

Podemos aqui realizar duas análises: o judaísmo dito como oficial se fundamentava e se organizava sobre estudos metódicos que exigiam um elevado conhecimento, ou seja, era uma religião erudita; uma vez que era necessária grande leitura e compreensão dos textos talmúdicos. Tais estudos eram demorados e aprofundados. Em alguns locais esses estudos geraram centros de conhecimento como nos afirma Sergio Alberto Feldman: “Em locais e períodos nas quais havia estabilidade e plena tolerância aos judeus por parte da Igreja e das autoridades seculares, os judeus podiam fundar suas academias talmúdicas (Ieshivot)¹⁶⁸”.

Podemos encontrar essas academias em locais como a Espanha na chamada Idade do Ouro muçulmana (século IX a XI), na Espanha cristã do século XII e XIII, além da Alemanha (século X e XI) e na Polônia da era moderna, século XVI e XVII. Por outro lado, no chamado judaísmo popular ou religião popular, temos diferentemente de um grande grau de estudo e aprofundamento, as influências ou as crenças até originalmente opostas ao judaísmo.

¹⁶⁶ RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorger Zahar, 1993, p. 113.

¹⁶⁷ TRACHTENBERG, Joshua. **Jewish magic and superstition: a study in folk religion**. New York: Behmmons Hause, 1939, p. 170-172.

¹⁶⁸ FELDMAN, Sérgio Alberto. A presença do diabo no cotidiano medieval judaico: os ritos de passagem. *In.: Revista de História e Estudos Culturais Fênix*, v. 4, ano 4, n. 2, 2007, p. 06.

Esses judeus, carregados de um judaísmo mais popular, assim como os mitos e as superstições do mundo medieval, serão os responsáveis pela herança e pelo desenvolvimento de práticas “exorcísticas populares” no mundo medieval judaico-cristão. Com essas diferenças percebemos um ponto importante: a religião dita como popular foi capaz de sobreviver às adversidades e até mesmo a tentativa de torná-la culta.

Além disso, por serem acusados de serem “aliados do diabo”, os judeus desenvolveram crenças populares para afastarem este mesmo mal do qual eram acusados de praticar, utilizando exorcismos, a utilização de amuletos, rezas e proteções. Sergio Alberto Feldman¹⁶⁹ descreve a atuação do demônio e suas legiões nos séculos XII a XV, entre os judeus da Europa Ocidental, principalmente na Alemanha, em três momentos específicos da vida: o nascimento do indivíduo e a circuncisão, o casamento, a morte e o sepultamento. Nestes períodos da vida de um judeu medieval acreditava-se que os ataques de satanás eram mais intensos.

No período do parto, a mulher era considerada extremamente sensível e por isso necessitava de cuidados especiais. Muitos desses cuidados, no entanto, tratavam-se de rezas, amuletos e orações. Para Feldman: “Usavam-se frequentemente objetos metálicos como a chave da sinagoga e até da própria igreja, além de facas, pois se acreditava que os metais tinham a capacidade de distanciar os maus espíritos”¹⁷⁰.

Em relação ao período da circuncisão, os judeus acreditavam que uma vez a criança adentra no chamado pacto de Abraão, a mesma estaria livre de possíveis ameaças advindas de “forças malignas”. Podemos então fazer uma comparação do ritual da circuncisão ao ritual do batismo nas sociedades cristãs, onde o batismo, “salvaria a alma” e impediria a criança de mergulhar no pecado e consequentemente nas garras do chamado maligno.

Para proteger a criança nesse período, vários elementos ritualísticos eram acionados ao seu redor. Velas eram, por exemplo, acesas dia e noite, assim como o já tradicional uso de objetos metálicos. Textos e outros amuletos cabalísticos eram frequentes, além de rezas, cânticos e a prática da vigília. Esse ritual se repetia até que se concluísse o período que se estendia desde a semana do nascimento até sua circuncisão.

Feldman afirma que na Alemanha, nesse período, os judeus praticavam um costume

¹⁶⁹ FELDMAN, Sérgio Alberto. A presença do diabo no cotidiano medieval judaico: os ritos de passagem. In.: **Revista de História e Estudos Culturais Fênix**, v. 4, ano 4, n. 2, 2007.

¹⁷⁰ *Idem, ibidem*, p. 08

chamado de Wachnacht¹⁷¹. Este costume constituía-se por uma noite de vigília absoluta na qual a mãe e o recém nascido eram acompanhados a todo o momento. Essa noite antecedia a circuncisão da criança. Além do Wachmacht os judeus medievais tinham o costume no qual a mulher trocava de roupas com seu esposo durante a semana da circuncisão, com a finalidade de que o diabo e seus seguidores se confundissem e observassem na figura da mulher um homem e não uma mãe¹⁷².

Figura 4 - Prática da Circuncisão no final da Wachnacht¹⁷³



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Brit_mil%C3%A1#mediaviewer/Ficheiro:Isaac%27s_circumcision,_Regensburg_c1300.jpg

Era comum também a cerimônia ou ritual no qual havia a concessão do nome judaico do recém nascido. Seu nome judaico era dado apenas no oitavo dia, assim como o nome alemão advinha no trigésimo dia de vida. Essa cerimônia era conhecida pelo nome de Hollekreisch. Para Feldman:

Os pesquisadores não entram em acordo sobre a explicação deste costume, mas concordam que deve estar relacionado com as questões dos perigos oriundos de satã e seus aliados. Alguns dizem se tratar da Frau Holle ou senhora Holle, uma espécie de raptora de bebês que os leva para o interior da terra¹⁷⁴.

É importante notar que algumas dessas práticas medievais não irão ocorrer apenas na Europa. A Wachnacht, por exemplo, vai ser realizada pelos judeus estabelecidos no Marrocos,

¹⁷¹ FELDMAN, Sérgio Alberto. A presença do diabo no cotidiano medieval judaico: os ritos de passagem. In.: **Revista de História e Estudos Culturais Fênix**, v. 4, ano 4, n. 2, 2007, p. 08.

¹⁷² *Idem, ibidem*, p. 09

¹⁷³ O Ritual da Wachnacht era realizado desde o nascimento da criança até o período da sua circuncisão

¹⁷⁴ FELDMAN, *op. cit.*, 2007.

porém o período de vigília será de sete noites para evitar o chamado “olho gordo”. No Marrocos, esse ritual irá adotar o nome de Tahdid¹⁷⁵. Além disso, outras comunidades não europeias irão adotar o uso de velas, luz, orações, metais, amuletos, além de cânticos.

Outra prática considerada tradicional em muitas comunidades judaicas é a evocação do profeta Elias.

Figura 5 - A cadeira de Elias¹⁷⁶



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Brit_mil%C3%A1#mediaviewer/Ficheiro:Chair_of_Elijah.JPG

O referido profeta era considerado um grande defensor da fé judaica e protetor dos oprimidos e das crianças. Para honrá-lo, era comum colocar uma cadeira no ritual da circuncisão, especialmente para ele. Para os judeus medievais, Elias realmente sentava-se na cadeira para ele preparada, onde afugentava demônios. No período do casamento temos o tradicional rito da quebra do copo, que, de acordo com Jacob Lauterbach¹⁷⁷, possui um significado bem diferenciado do original. A pesquisa de Lauterbach causou polêmica no mundo judeu, onde de acordo com a tradição rabínica a quebra do copo simbolizava a destruição e as ruínas do templo de Jerusalém, bem como a esperança de reconstruí-lo, sendo essa uma esperança messiânica.

Para Lauterbach, o sentido medieval era outro, tratando-se de mais uma medida contra

¹⁷⁵ DOBRINSKY, Herbert C. **A treasury of sephardic laws and customs**. New York: Ktav Publishing; Yeshiva University, 1988, p. 11-21.

¹⁷⁶ O referido profeta era considerado um grande defensor da fé judaica e protetor dos oprimidos e das crianças. Para honra-lo, era comum colocar uma cadeira no ritual da circuncisão especialmente para ele

¹⁷⁷ LAUTERBACH *Apud* FELDMAN, Sérgio Alberto. A presença do diabo no cotidiano medieval judaico: os ritos de passagem. *In.*: **Revista de História e Estudos Culturais Fênix**, v. 4, ano 4, n. 2, 2007.

o diabo e suas hordas satânicas¹⁷⁸. Devemos lembrar, no entanto, que esse era um costume popular, assim como outras táticas simples que levavam à luta contra os demônios. Algumas dessas práticas simples constituíam em subornar “espíritos malignos” com presentes ou enganá-los durante o casamento. A farsa era simplesmente fazer com que o diabo acreditasse que as pessoas em matrimônio apenas “pareciam ser felizes”, quando na verdade estavam insatisfeitas e não mereciam atenção sobre si¹⁷⁹.

A quebra do copo, segundo Lauterbach, serviria como uma espécie de distração, onde a partir de sua quebra os olhos do diabo estariam fixados no copo e não no casal. Além do copo são tidos como outros utensílios para afastar demônios do casamento o uso de tochas, sal, pedaços de metal e ruídos sonoros. Algumas dessas práticas seriam ainda incorporadas ao universo cristão¹⁸⁰.

Sobre os presentes com os quais se tentava subornar os demônios, eram comuns a utilização de grãos, trigo, amêndoas, peixe, carne¹⁸¹. O uso da troca de roupas, assim como no período da circuncisão, era uma prática adotada bem como o véu para esconder o rosto da noiva¹⁸². Todas essas cerimônias eram uma forma de ludibriação a possíveis almas ou maus espíritos.

Nos casamentos, em última instância, havia a utilização de círculos mágicos; onde se buscava isolar o casal das influências do diabo¹⁸³. Em outras comunidades não europeias a última instância consistia em tingir os cabelos com hena, além da utilização de amuletos em forma de mão. Essa prática era utilizada por comunidades no Marrocos e em regiões orientais, sendo denominada de Hamsa¹⁸⁴.

A preocupação aumentava ainda mais durante a morte e o sepultamento do indivíduo. Na Idade Média, o tema foi bastante descrito. Músicas, pinturas e outras formas de expressão artística davam ênfase na luta para viver em comunhão com Deus, protegendo-se assim de

¹⁷⁸ Na tradição judaica quebrar o copo significa, segundo a superstição popular, que a pessoa que quebrou o copo terá boa sorte, ou seja, que algo de bom vai acontecer em sua vida. Existe, porém, outra corrente de superstição que acredita na força da energia negativa que algumas pessoas produzem em outras, resultando no mal olhado ou atraindo entidades ruins.

¹⁷⁹ FELDMAN, Sérgio Alberto. A presença do diabo no cotidiano medieval judaico: os ritos de passagem. In.: **Revista de História e Estudos Culturais Fênix**, v. 4, ano 4, n. 2, p. 10.

¹⁸⁰ LAUTERBACH *Apud* FELDMAN, *op. cit.*, p. 10.

¹⁸¹ LAUTERBACH, Jacob Z. The ceremony of livro king a glass at weddings. In.: **Studies in jewish Law, customs and Folklore**. New York: Ktone, 1970, p. 08.

¹⁸² TRACHTENBERG, Joshua. **Jewish magic and superstition: a study in folk religion**. New York: Behmmons Hause, 1939, p. 173-174.

¹⁸³ FELDMAN, *op. cit.*, p. 11.

¹⁸⁴ *Idem, ibidem*, p. 11.

doenças, espíritos imundos, a morte e o diabo¹⁸⁵. Em várias comunidades judaicas e cristãs os mesmos utensílios já mencionados eram utilizados para cuidar do corpo do morto. Destaca-se a utilização de sal em abundância sobre o cadáver¹⁸⁶.

Assim, quando uma pessoa estava agonizando, uma reunião de todos os parentes próximos era realizada junto ao mesmo. Neste ponto ocorria uma cerimônia, uma espécie de extrema unção conhecida com o nome de Vidui, bastante semelhante à existente no cristianismo. A vidui foi bastante acentuada nos séculos XIV e XV. A partir desta cerimônia objetivava-se salvar a alma do moribundo antes que esse caísse em delírios por falta de consciência e por essa razão cometesse alguma blasfêmia contra Deus ou contra sua própria salvação.

Acreditava-se que essas possíveis palavras de maldição seriam colocadas na cabeça dos enfermos por algum demônio¹⁸⁷. Outra característica do mundo medieval era atirar fora toda a água contida na casa do falecido. Muitos afirmavam que o anjo da morte limpava sua foice na água. Outras crenças eram que demônios ou almas penadas faziam a utilização dessa água; podendo permanecer na mesma de forma inerte.

Com o intuito de enganarem o diabo, muitas comunidades judaicas, principalmente do norte da África, se valiam do fato do diabo ser uma “entidade” ambiciosa e materialista. Assim, para supostamente afastá-lo do caixão e do morto, atiravam moedas de ouro para todas as direções¹⁸⁸. Além disso, as rezas eram realizadas até o momento final do sepultamento.

Para Feldman: “A crença dizia que o caixão deveria sair antes do que qualquer ser vivo de dentro da casa do defunto ou do local onde se encontrava para evitar que por engano, os demônios se precipitassem sobre alguém vivo e o vitimasse”¹⁸⁹.

Acreditava-se que o costume judaico de lavar as mãos depois de um enterro, ou sair e entrar de um cemitério, assim como entrar novamente na casa de um defunto, seria um ritual relacionado à proteção contra almas e demônios. No entanto, alguns pesquisadores afirmam que esse tradicional ritual está referido como uma forma de expressão de que se é inocente da morte do moribundo.

¹⁸⁵ POLLACK, Herman. **Jewish folkways in Germanic Lands**. Cambridge: Mit Press, 1971, p. 38.

¹⁸⁶ TRACHTENBERG, Joshua. **Jewish magic and superstition: a study in folk religion**. New York: Behmmons Hause, 1939, p. 175.

¹⁸⁷ MARCOS, Jacob Rodar. **Command sick core in the German Guetto**. Cincinnati: Hebrew Union College, 1947, p. 266.

¹⁸⁸ TRACHTENBERG, *op. cit.*, p. 178.

¹⁸⁹ FELDMAN, Sérgio Alberto. A presença do diabo no cotidiano medieval judaico: os ritos de passagem. *In.: Revista de História e Estudos Culturais Fênix*, v. 4, ano 4, n. 2, 2007, p. 12.

A figura do diabo sempre foi uma temática de bastante reflexão no mundo judeu, em sua rígida estrutura monoteísta. Percebemos então que a presença de sua crença e os meios de proteção utilizados para combatê-lo são devido ao meio circundante, ou seja, devidos a grande influência tanto do cristianismo como do islamismo, que acreditavam e lutavam para que as chamadas “hordas demoníacas” não atacassem seus fiéis. Assim essas ideias também atingiram o judaísmo.

Essas crenças no diabo prevaleceram disfarçadamente em rituais, cerimônias e outras práticas enrustidas do povo simples, tanto judeu como cristão, em suas crenças de cunho místico. Deixando o mundo medieval e chegando à era moderna, percebemos que várias características se modificaram com o passar do tempo. No entanto, com o avanço das ciências, vários foram os questionamentos sobre o referido fenômeno religioso e seus métodos de defesa.

Desta forma, eram comuns perguntas como o que de fato seria uma verdadeira possessão? Como saber o que era verdadeiro ou fraude? Os cientistas buscavam várias respostas para vários sinais que caracterizavam uma possível possessão. Porém, no imaginário cristão, alguns desses sinais eram evidências concretas, como a habilidade de falar “línguas estranhas”. No entanto, para muitos cristãos fervorosos, a habilidade de falar línguas estranhas também poderia ser interpretada como uma “intervenção de Deus” ou uma “incorporação pelo espírito”, uma vez que este sinal era visto como uma revelação ou realização de Pentecostes para o povo de Deus¹⁹⁰.

Outros questionamentos da era moderna eram como supostamente um demônio “entraria” em um homem? Desde a época da Inquisição o interesse e a busca por essa resposta chegavam a pontos extremos, a ponto de cometerem atos considerados grotescos como sendo formas de punição aos considerados possesores.

As explicações eram as mais variadas possíveis e iriam desde a comida em que o indivíduo ingeria, até lugares de maldição, ofensas a Deus, práticas de rituais pagãos, ofensas ao mundo espiritual. No caso da antropologia judaica, o próprio corpo humano é uma espécie de “para raio” de maus espíritos, pois para a antropologia judaica é o corpo que possibilita as atuações e manifestações de demônios no mundo material.

¹⁹⁰ HUXLEY, Aldous. **Os demônios de Lordum**. São Paulo: Círculo do Livro, 1952, p. 181-182.

O mesmo sentido vale para certos locais geográficos, como podemos observar em alguns textos da bíblia, no livro de Daniel e nos livros apócrifos¹⁹¹. Para Champlin¹⁹², existe uma espécie de “lista” ou de condutas que podem desencadear uma manifestação demoníaca.

Para o mesmo, sinais como: fenômenos considerados psíquicos, enfermidades consideradas sem explicação, personalidade múltipla, crenças consideradas errôneas, agitação interior ou nervosismo extremo, descontrole, perversões sexuais, ataques de violência, atitudes consideradas perversas, ódio extremo, comportamento ameaçador, contorções físicas, vozes interiores e melancolia extrema¹⁹³, são considerados como “sinais” de um posseso. Esses tipos de “sintomas” são corriqueiros desde o mundo feudal e permaneceram na atualidade como parte forte do imaginário medievo.

É importante notar que várias dessas características estão descritas no tratado sacerdotal Sammarinus¹⁹⁴, que trata de ensinar como reconhecer pessoas considerados “genuinamente pessoas”. Podemos aqui citar outras características diferentes das citadas acima e que completariam a lista de sintomas demoníacos como: suspiros tristes e lamentosos sem nenhuma causa legítima, olhar espantado e aspecto hediondo, suposto aumento de força, fuga do nome ou da presença de símbolos sagrados ou da figura de Jesus, quando se perde o dom da fala, quando torna-se cego ou surdo, quando blasfema, presença de dores extremamente fortes em várias partes do corpo, urros como os de animais selvagens, bolhas na língua, busca por locais solitários ou até mesmo isolados, fuga de aromas como rosas e outros perfumes.

No século XX existe uma grande retomada, porém de forma lenta, de estudos sobre os fenômenos tidos como sobrenaturais, e em particular da figura dos demônios. Johan Huizinga, em sua obra *O Declínio da Idade Média*, já realizava análises sobre essa presença marcante no dia-a-dia medieval. Segundo Huizinga, o demônio era bastante descrito entre os séculos XIV e XV, sendo praticamente um ser “vidente” nas vilas e aldeias, além das cidades e fortalezas medievais, onde influenciava negativamente as pessoas¹⁹⁵.

Além de Huizinga, outros nomes deram muita contribuição sobre as pesquisas nesta temática, porém somente na terceira geração da Escola dos Annales é que os estudos e

¹⁹¹ SCHIAVO, Luiz; SILVA, Valmor da. **Jesus milagreiro e exorcista**. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 71.

¹⁹² CHAMPLIN, R. **Dicionário de teologia, filosofia e história**. São Paulo: Agnos, 2000

¹⁹³ *Idem, ibidem*.

¹⁹⁴ Antigo documento sacerdotal que descreve dezessete formas de um sacerdote reconhecer a possessão demoníaca.

¹⁹⁵ HUIZINGA *apud* FELDMAN, Sérgio Alberto. A presença do diabo no cotidiano medieval judaico: os ritos de passagem. In.: **Revista de História e Estudos Culturais Fênix**, v. 4, ano 4, n. 2, p. 02.

pesquisas se amplificaram e se aprofundaram com nomes como Delumeau, Áries, Duby, Le Goff, Richards, dentre outros.

Por essas análises, percebemos que a posição da igreja é contraditória, sendo uma instituição que se utilizou de várias formas ao longo de sua trajetória histórica de conceitos ligados ao demônio.

De acordo com Aroldo Lara, a terminologia demoníaca não é uniforme¹⁹⁶. A chamada “presença do demônio” ocorre, segundo as crenças de algumas religiões modernas, como no caso das protestantes, em momentos de fraqueza espiritual ou de impureza do corpo. Para muitos, no mundo moderno, quando um espírito maligno deseja nos atacar, pode se valer de qualquer forma possível, desde pássaros, insetos, animais, objetos¹⁹⁷.

Para Aroldo Lara, “No início dos tempos modernos, apesar de um reavivamento do ‘sagrado selvagem’, ainda não conseguimos ver nenhum esclarecimento maior do aspecto social da possessão”¹⁹⁸.

Muitas pessoas também atribuem o fenômeno a vários tipos de doenças. Assim sendo, doenças e possessão estão ligados para vários grupos religiosos, principalmente neo pentecostais, como nos mostra Lara: “Tem sido cada vez mais apregoado pelos meios de comunicação, radio e TV por Igrejas neo pentecostais, que todo o mal, incluindo a doença, vem do diabo”¹⁹⁹.

Percebemos aí a crença antiga de que aquilo que é ruim ou negativo, tanto para o corpo, como para a alma e mente, vem do diabo. Logo, é também uma perpetuação de condições ligadas ao fenômeno, que vem desde a antiguidade.

Ainda hoje, para muitos, a doença é um sinal de que o diabo se apossou da pessoa e, para o processo de cura e restabelecimento das “doenças de possessão”, recorre-se ao ritual de exorcismo. No próximo capítulo veremos então como o fenômeno é entendido por estudiosos da modernidade.

¹⁹⁶ LARA, Aroldo. **Possessão e exorcismo**. São Paulo: Biblioteca 24 Horas, 2011, p. 55.

¹⁹⁷ SAMPAIO, Fernando G. **A história do demônio da antiguidade aos nossos dias**. Porto Alegre: Garatuja, 1976, p. 100.

¹⁹⁸ LARA, *op. cit.*, p. 57.

¹⁹⁹ *Idem, ibidem*, p. 57.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DO FENÔMENO DA POSSESSÃO E EXORCISMO NA TEOLOGIA CRISTÃ

Como percebemos nos capítulos anteriores, o imaginário popular foi um grande aliado das forças demoníacas, tanto para sua propagação como para sua consolidação. Como afirma Irineu Rabuske²⁰⁰, apesar de os textos chamados sinóticos afirmarem a vitória de Jesus sobre Satanás; essa ideia não teria conseguido atingir as crenças populares na qual o demônio continuava atuante no dia-a-dia das pessoas, tentando fazer com que as mesmas fossem seduzidas e desviadas do caminho de Deus por legiões de demônios.

Assim, o fenômeno da possessão pode ser visto e entendido como uma prova da influência do “diabo” sobre o corpo humano. Nas culturas antigas, acreditava-se que os espíritos malignos “entravam” no corpo humano sob as mais variadas formas e aspectos; dentre eles, falta de fé, acúmulo de pecado, alimentos “tocados” pelo diabo, etc. Logo, a possessão poderia se dar sobre os indivíduos das mais diferentes classes sociais, que têm como principal elo seus dramas e complexos pessoais.

Segundo Fernandes, Hans Sachs afirma que no caso do corpo masculino o chamado “saco de vícios” é mais notado, como por exemplo o “diabo” poderia atuar livremente sobre um homem que bebe em excesso, levando-o a praticar atos que seriam “contrários a Deus”, e conseqüentemente o levando mais próximo da perdição²⁰¹. Percebemos que a influência do meio social é bastante nítida em casos onde as pessoas julgam estarem realizando tais atos sob a orientação de forças malignas, o que coloca o indivíduo em um conflito entre o bem e o mal interior.

No entanto, esses conflitos poderiam ser observados e compreendidos desde o século X, por volta de 950, na Bulgária por Bogomil. De estrutura dualista, a figura do diabo, nesta heresia chamado de satanael²⁰², temos um ser que na verdade seria uma versão distorcida do Deus criador do Antigo Testamento, pois para Bogomilitas, o universo e o mundo em que vivemos era essencialmente má, ou seja, este mundo material seria uma porção grosseira de

²⁰⁰ RABUSKE, Irineu José. Possessão e exorcismo: da prática do Jesus histórico à atualidade. In.: **Revista Cultura e Fé**. v. 129, ano 33, 2010

²⁰¹ FERNANDES, José Lucas Cordeiro. **As marionetes do diabo**: as representações de satã no corpo na Idade Média. Universidade Federal do Ceará, 2009. Disponível em: <http://www.ce.anpuh.org/1342121799_ARQUIVO_TrabalhoANPUH.pdf>. Acesso em: 15 set. 2014, p. 07.

²⁰² *Idem, ibidem*, p. 06.

miséria e sofrimento, onde satanael, atuava sobre a mente e o corpo de seus habitantes²⁰³.

Embora visto e entendido como uma visão herética, o bogomilismo irá colocar sua influência em alguns textos deste período; mostrando que, para os mesmos, os espíritos malignos agiam de forma com a vontade do diabo e atacavam com cautela, pois os mesmos teriam medo da prática do exorcismo²⁰⁴, e procurariam abrigo no interior do corpo humano. Na Idade Moderna a chamada Teoria dos Humores de Hipócrates, assim como os estudos desenvolvidos por Eduardo Galeno irão alertar os médicos e especialistas para associar alterações de humores e doenças a possíveis casos de possessão.

Segundo Fernandes, apesar de nos encontrarmos em um mundo onde as ciências médicas evoluíram, porém sem um grande conhecimento físico que proporcionasse quebras com os mitos antigos, o diabólico ainda despontava como sendo o princípio de diversos males. O ar contaminado pela sujeira crescente era vistos como ameaças diabólicas, assim como outras causas em nosso dia-a-dia, o que possibilitava uma crescente “diabolização dos sentidos”.

Neste processo, o olfato, era muitas vezes, segundo Ambrose Paré, o sentido mais diabolizado, pois contava com a contribuição da Igreja e da própria medicina moderna para uma pré disposição a “malignidade oculta e invisível”. Segundo Fernandes, para Ambrose, o ar poluído ou pestilento não era um ar pútrido, mas sim um ar venenoso, que trazia consigo forças malignas que adentravam pelas narinas. Ainda no início da Idade Moderna, observamos que o diabo aparece fortemente expresso a práticas do corpo, sendo essas práticas as mais diversificadas possíveis. Assim sendo, da mesma forma que a bebida e o vício, a falta de fé e a prática de pecados, a prática sexual, também eram consideradas uma porta para a possessão²⁰⁵.

Segundo Fernandes, a prática sexual que era pregada na Igreja, era vista apenas para a multiplicação dos homens e deveria ser realizada apenas depois e dentro do casamento. Longe desta regra, o chamado “sexo desregrado” ou com propósitos de realização prazerosa pessoal poderia ser um atrativo pecado e conseqüentemente algo chamativo para demônios. Mais uma vez temos a influência do imaginário popular e de um conjunto psicossocial, onde era comum afirmar que as feiticeiras, bruxas, prostitutas, amaldiçoados, hereges, dentre outras figuras

²⁰³ FERNANDES, José Lucas Cordeiro. **As marionetes do diabo**: as representações de satã no corpo na Idade Média. Universidade Federal do Ceará, 2009. Disponível em: <http://www.ce.anpuh.org/1342121799_ARQUIVO_TrabalhoANPUH.pdf>. Acesso em: 15 set. 2014, p. 06

²⁰⁴ *Idem, ibidem*, p. 06.

²⁰⁵ *Idem, ibidem*, p. 09.

marginalizadas, praticavam sexo para atrair o diabo, e desta forma levavam suas vidas para a “imundície através da luxúria”²⁰⁶.

Sabemos que na teologia, considerada tradicional, foram aceitos os enunciados da escritura e da tradição eclesiástica que apontam as figuras do diabo, das hordas infernais e dos “principados e potestades” do mal²⁰⁷; sendo esses mesmos enunciados colocados em posição de duvidosos para os pensadores do Iluminismo.

Para os pensadores iluministas, a crença no diabo, em sua forma tradicional, é suspeita e considerada de pouca credibilidade por causa de inúmeras mesclas e influências de superstições e folclore, assim também, como outras formas duvidosas consideradas ultrapassadas ou superáveis como o pensamento mágico ou místico. Apesar da vitória da ciência sobre a crença é impossível uma negação total da doutrina tradicional a respeito do mal, pois o fenômeno do mal, ganha grande importância se comparado a outras questões que também são consideradas abstratas; assim é algo extremamente relevante no plano ideológico, crítico e filosófico quando abordamos a problemática de Deus.

Para Walter Kasper:

A experiência do mal pode constituir tanto um argumento a favor da esperança da salvação na redenção operada por Deus, como um argumento contra Deus. De fato, que Deus é esse que cria um mundo no qual o mal assume entre os homens não apenas a forma de certa fragilidade de algum modo amável, mas muitas vezes a forma da malícia e perversidade, uma malícia que poderá assumir contornos estruturais e institucionais, um mundo no qual encontramos diretamente a vontade demoníaca, de poder, de prazer e de posse, uma crueldade diabólica e um furor destrutivo? Um discurso sobre Deus que não é capaz de confrontar-se com tais questões permanece abstrato e perde toda a seriedade e todo o significado concreto

²⁰⁸

Diante desses problemas e questionamentos a resposta pode estar não na especulação filosófica, mas, para os teólogos, as respostas para a problemática do mal estão nas próprias escrituras do Evangelho. Para os teólogos, o mal encontra grande desenvolvimento mais precisamente na doutrina da criação²⁰⁹, porém, a ação fundamental, que todo o cristão deve apresentar diante dessa experiência, não é de medo, mas de esperança, em sua superação

²⁰⁶ FERNANDES, José Lucas Cordeiro. **As marionetes do diabo**: as representações de satã no corpo na Idade Média. Universidade Federal do Ceará, 2009. Disponível em: <http://www.ce.anpuh.org/1342121799_ARQUIVO_TrabalhoANPUH.pdf>. Acesso em: 15 set. 2014, p. 10.

²⁰⁷ MISCHO, Johannes. A “possessão diabólica” – sobre a psicologia das reações irracionais. In.: KASPER, Walter; LEHMANN, Karl; KERTELGE, Karl; MISCHO, Johannes. **Diabo, demônios, possessão**: da realidade do mal. Tradução de Silvino Arnhold. São Paulo: Loyola, 1992, p. 45.

²⁰⁸ *Idem, ibidem*, p. 47.

²⁰⁹ *Idem, ibidem*, p. 55.

diante do fator apresentado. Para Kasper, a fé na criação afirma que todo o existir só é possível pelo fato que Deus o permite e faz deste mesmo existir por amor de seu próprio ser.

Partindo deste raciocínio da doutrina cristã, percebe-se que ocorre toda uma evolução sobre o mal e suas causas. Assim, a doutrina tradicional apoia-se na refutação do dualismo e do monismo²¹⁰. O primeiro explica o mal ao lado de Deus, um princípio do mal independente de Deus. O segundo não atribui nenhuma culpa em relação a criatura em se tratando da sua autonomia, o que obriga o monismo a colocar o mal no próprio Deus e, assim, demonizá-lo. Logo, ao se excluir o dualismo e o monismo, resta a resposta clássica para o mal, onde o mesmo é determinado pela história, como afirma Kasper: “No fato em que a realidade foi criada por Deus, e que o mal é resultado das decisões tomadas pelas criaturas ao longo de sua trajetória por serem dotados de liberdade”²¹¹.

Finalizando, assim, essa análise, vemos que o mal não deriva da fragilidade da criação, porém, ao contrário, deriva de sua grandeza e plenitude; assim como o que dela é o mais perfeito: a realidade da liberdade perfeita. Percebe-se então que ao se praticar o mal o ser ou criatura opta por ensejar a possibilidade que Deus excluiu na realidade de sua criação, ou seja, o fator de acabar com a ordem e desencadear o caos no cosmos.²¹²

Do ponto filosófico, o mal pode ser interpretado como sendo algo não categorial, uma vez que, o referido conceito se coloca anterior ao do polo transcendental da consciência humana. Logo, teologicamente falando, o mal permanece um mistério aos olhos de nosso intelecto como afirma Kasper:

Discorrendo sobre o mal, do ponto de vista teológico, não se pode prescindir de enunciados de tipo pessoal, porém estas determinações de tipo pessoal não podem ser considerados como pontos de partida para uma determinação ontológica do mal, por que, com isso, o diabo e os demônios seriam representados mais uma vez fundamentalmente como figuras concretas e indeterminados do mal.²¹³

Assim, percebe-se que a figura do diabo não é pessoal, porém torna-se uma personificação que se dilui em qualquer coisa ou objeto anônimo, ou seja, um ser que se

²¹⁰ MISCHO, Johannes. A “possessão diabólica” – sobre a psicologia das reações irracionais. In.: KASPER, Walter; LEHMANN, Karl; KERTELGE, Karl; MISCHO, Johannes. **Diabo, demônios, possessão: da realidade do mal**. Tradução de Silvino Arnhold. São Paulo: Loyola, 1992, p. 56.

²¹¹ *Idem, ibidem*, p. 57.

²¹² *Idem, ibidem*, p. 58.

²¹³ *Idem, ibidem*, p. 65.

perverte e torna-se maligno no “não ser”. Para Kasper é a pessoa na maneira de negar a pessoa.²¹⁴

Ao longo da história moderna, várias pessoas que possuíam comportamentos estranhos foram erroneamente ligadas à figura de Lúcifer, bem como à prática da magia ou bruxaria. Segundo Rabuske: “O pano de fundo para isso é fornecido pelas cenas bíblicas, com as quais o imaginário popular tende a interpretar essas pessoas que se desviam do que se tem por ‘normal’”²¹⁵.

Saindo do campo imaginário, apenas no século XIX o chamado fenômeno da possessão começou, de fato, a ser objeto de estudo e de investigação por outras ciências. A psicologia foi uma das principais interessadas nos supostos casos de possessão, o que para Rabuske²¹⁶, não foi muito bem aceito pelos religiosos, uma vez que essas análises e estudos fora da teologia, soavam para a Igreja como uma tentativa de materializar o espiritual, sendo assim considerada uma manobra de pesquisadores ateus.

Muitos pesquisadores tratam atualmente a possessão ou manifestação como um fenômeno de fronteira²¹⁷; ou seja, um fenômeno no qual a dificuldade de se estudar está no fato de que os principais elementos de investigação estão presentes justamente nos relatos de pessoas ditas como “possuídas”, assim como a própria observação externa do posseso.

Apesar disso, existem várias obras consideradas importantes para o entendimento do referido fenômeno, como por exemplo a obra de Traugott Oesterreich²¹⁸. Para Oesterreich, um dos pontos fundamentais de identificação da manifestação do fenômeno ocorre quando podemos constatar que a pessoa atingida pelo referido mal passa a manifestar em si uma segunda ou nova personalidade²¹⁹. Muitas vezes, como afirma Rabuske²²⁰, essa dupla

²¹⁴ MISCHO, Johannes. A “possessão diabólica” – sobre a psicologia das reações irracionais. In.: KASPER, Walter; LEHMANN, Karl; KERTELGE, Karl; MISCHO, Johannes. **Diabo, demônios, possessão**: da realidade do mal. Tradução de Silvino Arnhold. São Paulo: Loyola, 1992, p. 68.

²¹⁵ FERNANDES, José Lucas Cordeiro. **As marionetes do diabo**: as representações de satã no corpo na Idade Média. Universidade Federal do Ceará, 2009. Disponível em: <http://www.ce.anpuh.org/1342121799_ARQUIVO_TrabalhoANPUH.pdf>. Acesso em: 15 set. 2014, p. 196

²¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 196.

²¹⁷ Cf. TRUNK, Dieter. **Der messianische Heiler. Eine redaktions- und religionsgeschichtliche Studie zu den Exorzismen im Matthäusevangelium**. Freiburg; Basel; Wien: Herder, 1994, p. 14
Cf. KERNBERG, O. F.. **Borderline**: Starungen und pathologische Narzissmus. Suhrkamp: Frankfurt A. M., 1996, p. 44-55.

²¹⁸ Cf. OESTERREICH, Traugott K. **Die besessenheit**. Lanzensalza: Wendt und klauwell, 1921.

²¹⁹ Cf. OESTERREICH, *op. cit.*, p. 16.

Cf. MURPHY, G. Pernality *apud* MISCHO, Johannes; NIEMANN, Ulrich. Die besessenheit der anneliese Michel in interdisziplinärer sicht. **Zeitschrift fur parapsychologie und grenzzehete der pyschologie**, v. 25, 1983, p. 107.

personalidade ou até mesmo, múltiplas personalidades, podem ser chamadas de parasitismo intrapsíquico²²¹, com o que a pessoa é levada a uma situação de desgaste extremo e perde o controle.

Através justamente da observação externa podemos perceber vários sintomas no indivíduo tomado pela personalidade que aflora, muitas destas já descritas no capítulo anterior, porém três são fundamentais e por isso irão receber menção especial nesta análise. Elas são frequentemente mais comuns em casos que caracterizam uma possessão²²².

Em primeiro lugar, temos o fator da fisionomia modificada, ou seja, semblante alterado, o que demonstra drástica modificação nos traços faciais do indivíduo possesso. Em segundo lugar, a modificação da voz, essa modificação ocorre em consonância com a nova personalidade que emerge do indivíduo possesso, e, por último, temos a característica de que a nova voz que emerge do indivíduo não fala em nome do mesmo: sendo assim, ela passa a ser a marca principal de um possesso segundo T. Oesterreich²²³.

Essas características, assim como outras descritas no capítulo dois, apenas afloram em um momento de transe que caracteriza a possessão. Passado este estado, o indivíduo retorna ao seu estado de psique normal, desaparecendo, dessa forma, os traços característicos de possessão. Ao longo da história a medicina e a psicanálise tentaram enfocar o fenômeno da possessão como uma doença psíquica, contando com a ajuda da Parapsicologia, da Antropologia Cultural e das Ciências da Religião para diagnosticar e entender esse fenômeno complexo.

Geralmente a possessão era, ao longo deste período, diagnosticada como sendo neurose histérica, podendo então ser compreendida de forma física e orgânica²²⁴. Com essas observações médicas, inúmeras doenças passaram a servir de explicação e forma de análise para o fenômeno da possessão, porém, embora as doenças como a esquizofrenia sejam a forma mais comum de diagnóstico para o fenômeno, a mesma pode causar um dos três pontos principais que caracterizam uma possessão, a separação ou a transformação da personalidade.

As primeiras interpretações são ou podem ser descritas como “análises tradicionais”,

²²⁰ RABUSKE, Irineu José. Possessão e exorcismo: da prática do Jesus histórico à atualidade. In.: **Revista Cultura e Fé**, v. 129, ano 33, 2010

²²¹ Cf. ELLENBERGER, H. F. Entdeckung *apud* TRUNK, Dieter. **Der messianische Heiler. Eine redaktions- und religionsgeschichtliche Studie zu den Exorzismen im Matthäusevangelium**. Freiburg; Basel; Wien: Herder, 1994, p. 10

²²² RABUSKE, *op. cit.*, p. 197.

²²³ OESTERREICH, Traugott K. **Die besessenheit**. Lanzensalza: Wendt und klauwell, 1921.

²²⁴ RABUSKE, *op. cit.*, p. 199.

pois partem da observação e do estudo de um indivíduo, uma vez em que o fenômeno era visto como algo que atacava única e exclusivamente uma pessoa. Com a contribuição da Antropologia e das Ciências da Religião, as análises passam a ser feitas em cima também do ambiente social e do grupo social ao qual o indivíduo, denominado de possesso, se encontra. Aqui, Rabuske, chama a atenção para o fato de que apesar do estudo social ser realizado, a sociedade não é analisada dialeticamente²²⁵.

Com essas contribuições podemos entender como a realidade social de um Indivíduo pode estar ligada ao fenômeno da possessão. No século XIX surgiram as tentativas consideradas mais racionais de explicar ou tentar colocar os fenômenos de possessão como doenças mentais de diversos graus, como foi colocado primeiramente neste capítulo. Assim, problemas como distúrbios epiléticos, histeria, esquizofrenia, doenças consideradas maníaco-depressivas eram colocadas e interpretadas como sendo próximas dos sintomas observados no fenômeno.

Em considerações da parapsicologia²²⁶ o fenômeno da possessão pode ser interpretado e estudado além dos rigores patológicos ou do racionalismo médico. Assim sendo, a prática da feitiçaria, realização de rituais mágicos, maldição, etc; são vistos como objetos de estudo no mundo moderno para os parapsicólogos; que costumam dividi-los em dois pontos: a Teoria Espiritista e a Teoria Animista. Estas duas teorias ajudariam a entender o fenômeno da possessão.

Segundo Rabuske:

[...] a Teoria Espiritista, só é levada em consideração por poucos autores; razão pela qual é muito pouco estudada. O uso descuidado da teoria espírita pode trazer sérios perigos para o equilíbrio psicológico das pessoas, por que as pessoas estão lidando com complexos inconscientes que acabam por fugir ao seu controle²²⁷.

Se por um lado a teoria espiritista é pouco estudada, a animista tornou-se um contexto mais aceito para se explicar os fenômenos da possessão. Embora as teorias animistas afirmem

²²⁵ RABUSKE, Irineu José. Possessão e exorcismo: da prática do Jesus histórico à atualidade. In.: **Revista Cultura e Fé**. v. 129, ano 33, 2010, p. 198.

²²⁶ A Parapsicologia, segundo Valter da Rosa Borges, é a ciência que tem por objeto o estudo e a pesquisa dos fenômenos paranormais. Esses fenômenos são vistos como eventos incomuns de natureza psíquica, biológica e física atribuíveis a uma aptidão especial do ser humano, denominada de paranormalidade. Ao mesmo tempo, é considerada uma ciência humana e da natureza, investigando as manifestações incomuns do psiquismo humano nas suas relações com os seres vivos e a matéria em geral. Atualmente, é considerada uma ciência bastante contestada pela maioria dos especialistas e cientistas.

BORGES; Valter da Rosa. **Manual de parapsicologia**. Recife-PE: Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas, 1992, p. 03.

²²⁷ RABUSKE, *op. cit.*, p. 200.

que demônios não existam, a mesma propaga que existem poderes que as pessoas erroneamente ligaram ao diabo²²⁸. Por esta causa a parapsicologia coloca o fenômeno da possessão em um conjunto de manifestações “paranormais” bastante complexo e muito próximo a outros fenômenos encontrados nos estudos parapsicológicos, como por exemplo a chamada percepção extrassensorial, ou seja, casos como a telepatia, clarividência, etc.

Alguns desses fatores também são utilizados como explicação para possíveis aparições de vultos e assombrações²²⁹. De acordo com Rabuske²³⁰, as observações, a partir da parapsicologia, são consideradas importantes para compreendermos supostos casos de possessão nos dias atuais; porém, J. Mischo acredita que não se espera que por detrás de fenômenos supostamente “explicáveis” para a parapsicologia exista a ação de seres malignos²³¹. Estudiosos como W. M. Pfeiffer²³² direcionam o fenômeno da possessão e do exorcismo para o campo sociocultural, onde o mesmo seria nada mais nada menos que uma expressão psicopática.

Segundo Pfeiffer: “O conceito de possessão é a expressão de uma fundada concepção cultural que explica fenômenos psíquicos incomuns, dizendo que um espírito toma posse da pessoa em questão”²³³.

Conceitos como esse só foram possíveis graças ao avanço da Antropologia Cultural, que refletia estudos principalmente sobre povos considerados “primitivos” de outros continentes. Outro campo de investigação é a Sociologia, que afirma, por exemplo, que as pessoas são levadas sempre a criarem seus próprios sistemas de crenças dentro da realidade onde vivem. Sendo assim, o fenômeno da possessão seria nada mais do que um desses sistemas de existência dentro do horizonte do próprio possesso²³⁴.

Assim sendo, percebemos que a possessão é um fator que não está apenas presente em casos isolados, mas se trata de um fenômeno que apresenta uma interação entre indivíduo e sociedade, onde ambos são afetados; ou seja, se o sistema político interfere negativamente nas condições reais de um povo, sua economia, isso irá atingir diretamente a sociedade, podendo

²²⁸ RABUSKE, Irineu José. Possessão e exorcismo: da prática do Jesus histórico à atualidade. In.: **Revista Cultura e Fé**. v. 129, ano 33, 2010, p. 200.

²²⁹ *Idem, ibidem*, p. 201.

²³⁰ *Idem, ibidem*.

²³¹ MISCHO, Johannes; NIEMANN, Ulrich. Die besessenheit der anneliese Michel in interdisziplinärer sicht. **Zeitschrift für parapsychologie und grenzzehete der psychologie**, v. 25, 1983, p. 109.

Cf. CARDIAL; MEDINA, *apud*. RABUSKE, Irineu José. Possessão e exorcismo: da prática do Jesus histórico à atualidade. In.: **Revista Cultura e Fé**. v. 129, ano 33, 2010, p. 201.

²³² PFEIFFER *apud*. RABUSKE, *op. cit.*, p. 201.

²³³ *Idem, ibidem*.

²³⁴ RABUSKE, *op. cit.*, p. 202.

afetá-la psicologicamente²³⁵. Voltando ao caso de Cristo para finalizarmos esse aspecto, temos a convicção de que através desta análise os exorcismos realizados por Jesus e os seus efeitos procuravam atingir um âmbito muito mais elevado do que o de um simples indivíduo, mais toda a comunidade pobre da Galiléia do século I.

Apesar da temática ser um fenômeno atual, alguns pesquisadores afirmam que tal acontecimento já é um estudo superado para a Teologia, principalmente para a Igreja Católica como afirma Cesar Kuzma. Para Kuzma²³⁶, o fenômeno da possessão deve ser entendido a partir do quadro cultural que foi específico de uma determinada época, ou seja, do ano I da era cristã até o final da Idade Média, estendendo-se um pouco para a era moderna. Como já fora analisado, no ano I da era cristã encontrava-se um ambiente psicológico e social totalmente favorável para o fenômeno.

No referido período, muitas doenças não possuíam explicação, os sintomas psicossociais nem eram cogitados, assim como os acontecimentos do dia-a-dia eram vistos e interpretados como uma intervenção religiosa/sagrada. Essa intervenção do sagrado na vida do homem moldava o seu ser, seu raciocínio, sua visão de mundo e por fim explicava sua ação no meio social.

Para Kuzma: “Há em todas essas expressões uma construção sociocultural e religiosa em cima disto, hoje, seguramente, temos outra interpretação”²³⁷.

Sabemos que dentro desta visão do fenômeno os exorcismos realizados por Jesus nada mais seriam do que um resgate dos chamados “possessos” ao seu meio social, anunciando assim a boa nova de seu Evangelho. Logo, o que Kuzma menciona é que devemos entender o fenômeno do exorcismo como algo ligado ao ambiente onde foi construído e não apenas como algo paranormal, pois apesar de existir o mistério do mal, podemos claramente observar no fenômeno todos os dramas internos do possesso. Ainda segundo Kuzma, não só a possessão e o exorcismo, mas também outros fenômenos ditos como “paranormal” podem ser entendidos e analisados dentro do contexto psicológico, antropológico, científico, cultural e social²³⁸. Kuzma afirma:

As pessoas estão num contexto de mundo complexo e se sentem complexas também.

²³⁵ RABUSKE, Irineu José. Possessão e exorcismo: da prática do Jesus histórico à atualidade. In.: **Revista Cultura e Fé**. v. 129, ano 33, 2010, p. 204.

²³⁶ KUZMA, Cesar. **Exorcismo**: como entendê-los? 28/06/2014. Disponível em: <<http://cesarkuzma-theology.blogspot.com.br/2014/07/exorcismos-como-entende-los.html>>. Acesso em: 15 set. 2014, p. 01.

²³⁷ *Idem, ibidem*, p. 01.

²³⁸ *Idem, ibidem*, p. 01.

Isso talvez explique alguns eventos que ocorrem atualmente. Não os vejo como possessões, para mim, isso é algo superado. Forçar a isso pode levar ao fundamentalismo e ao fanatismo, ambos ruins para a religião e para a sociedade²³⁹.

Em se tratando do campo da Ciência da Religião, acredita-se que o fenômeno da possessão possui, para os que acreditam, um caráter de sentido, tanto positivo, como negativo, gerando, assim, uma ambivalência. Para o aspecto negativo, temos a situação de uma “figura” ruim, o demônio ou um espírito mau, com intenções malévolas. Já no caso positivo, a figura trata-se de um espírito ou divindade benfeitora, que, segundo Rabuske, pode assumir papéis específicos de cura, ou outras funções de ajuda como ocorre, por exemplo, no Vodú do Haiti ou culto Afro-cubano²⁴⁰.

Desta forma, para a Ciência da Religião a possessão pode funcionar como um instrumento de organização para estados de caos ou inquietação interna, que o indivíduo procura se integrar, passando assim a conviver na sociedade onde habita²⁴¹. Percebemos que o fenômeno da possessão possui várias formas de interpretação a serem consideradas, o que leva o pesquisador do fenômeno a ter cuidado, pois não se deve, de maneira nenhuma, optar por uma única análise ou interpretação e rejeitar as demais ciências que se ocupam de tal acontecimento.

Irineu Rabuske ainda nos chama atenção para uma outra realidade que está envolvida na interpretação da possessão. Trata-se da realidade sociopolítica do indivíduo considerado possesso. Neste caso específico podemos perceber o fenômeno da possessão e do exorcismo de uma forma bastante ampla, e não apenas reduzido a um indivíduo. Esta é uma tentativa, segundo Rabuske, de interpretar e analisar a possessão e o exorcismo dentro de uma conjuntura sociopolítica; ou seja, nas relações sociais, na ideologia das pessoas, na economia, etc²⁴².

A Ciência da Religião e a Antropologia Cultural possuem a visão de que a possessão é algo que vai muito além do indivíduo em particular. Como sabemos, desde os tempos de Jesus, o fenômeno da possessão e em seguida a prática da expulsão possuem uma ligação extremamente forte com o caráter sociopolítico, onde um povo massacrado pelas autoridades romanas encontrava nos ensinamentos de Jesus o resgate para seus traumas psicológicos e

²³⁹ KUZMA, Cesar. **Exorcismo: como entendê-los?** 28/06/2014. Disponível em: <<http://cesarkuzma-theology.blogspot.com.br/2014/07/exorcismos-como-entende-los.html>>. Acesso em: 15 set. 2014, p. 01.

²⁴⁰ *Idem, ibidem*, p. 202.

²⁴¹ C.f. GOODMAN, F.. **Ekstase, Besessenheit, Dämonen:** die geheimnisvolle Seite der Religionen. Gütersloher Verl. Haus: Gütersloh, 1996, p. 25-56.

²⁴² RABUSKE, Irineu José. Possessão e exorcismo: da prática do Jesus histórico à atualidade. In.: **Revista Cultura e Fé**. v. 129, ano 33, 2010, p. 203.

consequentemente, o retorno sadio ao seu meio social.

Através de uma abordagem interdisciplinar entre a Ciência da Religião e a Psicologia Analítica, percebemos que a figura de satã pode ser considerada como um arquétipo, ou seja, um símbolo universal que se encontra dentro do próprio espírito humano juntamente com outros arquétipos distintos. Geralmente este arquétipo é visto e interpretado como algo maléfico representando e absorvendo para si todos os aspectos ruins do ser humano²⁴³.

Marcos Calba, define o conceito de arquétipo como:

Os arquétipos são estruturas ou matrizes inatas que habitam o inconsciente coletivo, presente em cada ser humano como depósito das experiências humanas através da sua existência e de seu desenvolvimento na Terra. Esses conhecimentos herdados e transmitidos durante longa jornada tem como base as necessidades do soma e as necessidades instintivas que impulsionam para a vida. Os arquétipos são estruturas poderosas que influenciam a experiência pessoal para determinados padrões, comuns a nossa espécie [...]. Os arquétipos estão presentes nos sonhos, nas fantasias interiores, nos mitos, nas lendas e na cultura popular. Carregam grande carga emocional, atualizando-se e estruturando as diferentes culturas²⁴⁴.

Assim sendo, satanás como arquétipo do “mal absoluto” influencia as pessoas diariamente, levando muitos a se julgarem possessos ou como sendo vítima de seus ataques. Não apenas no fenômeno da possessão e do exorcismo a figura do diabo é lavado ao fator de estereótipo digno de filmes de terror, mas este mesmo arquétipo influenciou em outras práticas e costumes modernos que apresentam o modo como algo latente entre nós, como é o caso das chamadas igrejas satânicas tradicionais.

Nesta prática religiosa percebemos que o satanismo tradicional, conhecido como satanismo gótico é, nada mais nada menos, que um reuso da chamada “anti-religião” criada em fins da Idade Média e que apresenta em sua essência um cristianismo às avessas²⁴⁵. Para Orestes Jayme Mega: “O satanismo gótico, simplesmente inverteu a orientação da adoração. Se no cristianismo (assim como nas demais religiões monoteístas) o bem deve ser adorado e o mal evitado, no satanismo gótico é o mal que deve ser adorado”²⁴⁶.

Um ponto importante nesta prática “satânica” é a revalorização do corpo e da carne. Podemos afirmar que o satanismo é a religião da carne e, de acordo com um de seus principais membros e fundador, Anton Szandor La Vez, o homem é um animal cheio de

²⁴³ MEGA, Orestes Jayme; SILVA, Antonio C. R. A. M.; MATOS, Lennon Oliveira. As metamorfoses de satã: as ressignificações do mal. **I Congresso Internacional de Religião e Magia no Mundo Antigo**. Rio de Janeiro, 2010, p. 257.

²⁴⁴ CALBA, Marcos. **Terra Brasilis: pré-história e arqueologia da psique**. São Paulo: Paulus, 2006.

²⁴⁵ MEGA; SILVA; MATOS, *op. cit.*, p. 259.

²⁴⁶ *Idem, Ibidem*, p. 259.

instintos que devem ser libertados e atendidos²⁴⁷. Assim, compreendemos como certas práticas realizadas em determinado grupo podem ser vistos como invocação e posseção do “diabo”, uma vez que no referido fenômeno, o principal vetor da manifestação é o corpo humano, ou seja, não há posseção sem um corpo ou objeto onde o arquétipo do “mal” possa atuar.

Para compreendermos esse problema, do ponto de vista filosófico, se faz necessário analisar quatro posturas paradigmáticas que apresentam, de forma racional, a realidade entendida sobre o mal; apelando para um conceito que varia desde relativizar o mal, o confronto do dualismo, a antropologização do mal e, em tendências mais modernas, a limitação da onipotência divina. A primeira postura, ou primeira linha de raciocínio, procura colocar ou como afirma Afonso Maria Ligorio Soares, enquadrar o mal na ordem natural das coisas, podendo considerá-lo como sendo parte da evolução humana, assim bem como do processo de desenvolvimento histórico²⁴⁸.

Para Agostinho, uma outra forma de visualização deste quadro é negar a entidade, colocando o “mal” na simples condição de “privação do bem”, ou seja, a desontologização do mal. Para Afonso Ligorio: “O objeto aqui é esvazia-lo de sua substância e reformula-lo como questão apenas epistemológica a ser solucionada quando olhamos o todo da realidade²⁴⁹”.

Assim sendo, correntes de pensamentos atuais procuram propagar a perspectiva apresentada, colocando o mal em um patamar inevitavelmente a própria natureza humana, como podem afirmar os chamados estoicos, os epicuristas e o próprio Nietzsche, que demonstram a sua compreensão de mal como algo sempre mesclado ao bem, não tendo o ser humano, alternativas senão a aceitação desta realidade²⁵⁰. Para R. C. Solomon, acontecimentos considerados ruins simplesmente surgem, tendo apenas o campo filosófico e o campo teológico posições que justifiquem, de forma racional, tudo o que acontece de negativo²⁵¹.

A segunda postura filosófica ou linha de raciocínio que tenta compreender e encontrar respostas e soluções para a atuação do mal em nossas vidas é a postura dualista. Nela a figura de Deus não é o responsável ou mesmo o causador do mal. Para seus seguidores o fato do mal

²⁴⁷ MEGA, Orestes Jayme; SILVA, Antonio C. R. A. M.; MATOS, Lennon Oliveira. As metamorfoses de satã: as ressignificações do mal. **I Congresso Internacional de Religião e Magia no Mundo Antigo**. Rio de Janeiro, 2010, p. 260.

²⁴⁸ SOARES, Afonso Maria Ligorio. **De volta ao mistério da iniquidade**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 128.

²⁴⁹ *Idem, ibidem*, p. 128.

²⁵⁰ *Idem, ibidem*, p. 129.

²⁵¹ SOLOMON *Apud* SOARES, *op. cit.*

ocorrer em nossas vidas deve ser procurada através da matéria, como afirma Platão, e que posteriormente será também entendida por Platino, ou no “criador do mundo”²⁵².

Esta postura filosófica é bastante semelhante ao modelo órfico explicado e proposto por Ricoeur²⁵³, onde a influência da tradição judaico-cristã é bastante latente. É possível ver essa linha da raciocínio desde situações que remontam as práticas pré-cristãs, onde em contextos originais apresentava Deus de quatro formas o Deus terrível, que pune a falta de louvores e os pecados cometidos pelos homens, o Deus providencia moral, que castiga e pune aqueles que são maus, o Deus transcendente e criador, que ameniza o sofrimento mundano e o Deus legislador, que recompensa o “bem” pós morte. Este modelo de entendimento do mal não encontrou muita aceitação, pois o mesmo colocaria em situação delicada a onipotência de Deus, em contrapartida de sua limitação diante de um suposto antagonista.

Além desta dificuldade, a proposta dualista, que pode ser vista na tradição judaico-cristã, no islã e no antigo zoroastrismo, ainda tem a prática de levar ou enquadrar possíveis soluções para a atuação do mal em nosso meio para situações extremas ao universo empírico, fazendo com que ocorram as teodiceias que são inaceitáveis para o tipo de ética ou propostas da religião bíblica²⁵⁴.

Para finalizar percebemos que, apesar das críticas, no entanto, a postura dualista sobre o mal possui pontos distintos que a tornam uma das linhas mais populares, ou seja, a própria experiência humana cotidiana que proporciona mesclas de bem e mal em nossos corpos. Corriqueiramente observamos casos de pessoas consideradas simples, pacatas, bondosas, que subitamente revelam ao mundo seu lado sombrio e perverso, envolvendo-se em escândalos das mais variadas formas possíveis.

Como terceira postura ou linha de raciocínio, encontramos uma forma ou uma maneira de procurar por o peso do mal no próprio ser humano, ou seja, a “antropologização do mal”.

Para R. Solomon:

As respostas mais poderosas para o problema do mal, mesmo que na teologia, centraram-se não na natureza de Deus e de seus meios ou em nossa insignificância, mas, ao contrário, no papel significativo que nós temos na geração do mal e do

²⁵² SOARES, Afonso Maria Ligoro. **De volta ao mistério da iniquidade**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 130.

²⁵³ RICOEUR *Apud* SOARES, *op. cit.*

²⁵⁴ BERGER, P. L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985, p. 85

sofrimento do mundo²⁵⁵.

Nesta visão, encontramos Agostinho como um dos principais sistematizadores e defensores, o mesmo porém sempre se precavia, com o intuito de não realizar generalizações. Já para Estrada, possui a visão de que pecado e sofrimento possuem uma correspondência em comum, sendo, desta forma, alguém ou até mesmo algo o responsável por ambos²⁵⁶; para Estrada fatores estruturais, históricos e sociais também se inserem neste parâmetro de interpretação de visão moralista do mundo.

Assim, percebemos durante essa análise que a onipotência divina é poupada como grande conivente do mal e, por isso, essa linha de interpretação ganha muito mais força e interpretação nas tradições religiosas do que propriamente nas crenças e concepções filosóficas. Uma vez o próprio ser humano seja apresentado como culpado ou causador de suas próprias mazelas cotidianas, isso já basta para nos saciar em busca por uma razão lógica por essas dores. Porém, apesar da tentativa de colocar apenas no homem a culpa de suas próprias dores e atos malignos, no entendimento abrangente, a proposta analisada não supera o modelo dualista já apresentado, pois, o terceiro modelo, se for colocado de maneira isolada, abraça novamente a ideia de um Deus cruel, que compactua com o mal e que castiga seus servos e servas, nesta vida e na próxima; pois se o mal, como afirma tal proposta é um fator da liberdade humana, que então a tentou? E como é possível explicar ou compreender uma criatura ou algo a altura de tentar o ser humano?

Para Peter Berger, o problema se encontra nas necessidades sociais. Berger, explica que o mundo socialmente demonstrado como realmente é prova de uma ordenação de experiências e vivências individuais. Logo, este mundo, prontamente, depende de ordem e de renúncias de “eu individual” que Berger demonstra através da noção do *nomos*²⁵⁷.

Para Berger: “É a voz desse Deus terrível que precisa agora ser tão acabanhadora que afogue o grito de protesto do homem atormentado, mais ainda, converta esse grito numa confissão de auto-humilhação [...]”²⁵⁸.

Assim, percebemos que, para Berger, o chamado “maniqueísmo religioso” é algo marcante na religião bíblica onde o caráter único da divindade se explicita. Como última

²⁵⁵ SOLOMON *Apud* SOARES, Afonso Maria Ligor. **De volta ao mistério da iniquidade**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 133.

²⁵⁶ SOARES, *op. cit.*, p. 133

²⁵⁷ BERGER *Apud* SOARES, Afonso Maria Ligor. **De volta ao mistério da iniquidade**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 135

²⁵⁸ BERGER, P. L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985, p. 32.

postura ou linha de racionalização temos a que aponta para a apologia da bondade de Deus, demonstrando, de certa forma, uma limitação de sua onipotência. Logo, a limitação da onipotência de Deus, demonstra-se de uma forma sedutora pós-moderna para o entendimento da problemática do mal. Para essa postura, Deus “respeita” e movimenta o que é formado tanto pelo bem como pelo mal, o que faria com que o mesmo não pudesse lançar sua onipotência indistintamente²⁵⁹.

Alguns estudiosos vão mais além nesta perspectiva, afirmando que a tensão entre bem e mal está presente no próprio Deus e ambos não podem ser separados do mesmo, como afirma Scheilling e H. Jonas²⁶⁰; ao demonstrar a tradição cabalista judaica, assim como a doutrina do zimzum²⁶¹. Através desta doutrina, Deus “abre” espaço na criação do mundo para suas criaturas, o que torna sua infinitude e onipotência limitada. Para Jonas, o Deus dos judeus não seria um Deus onipotente, mais sim um Deus limitado²⁶².

Analisando esta última postura, percebemos que, em se tratando da mente ocidental, é estranho um conceito ou teoria monoteísta que coloque a divindade de Deus em posição de falha em sua onipotência. Logo, sabemos que objeções são feitas em relação a essa postura, sendo a principal delas a objeção teológica que questiona a salvação da humanidade por um Deus que sofre e é impotente. Mediante esses questionamentos, tal proposta filosófica é considerada um fracasso, como afirma K. Rahner, J.B. Metz e X. Tilliette.

Para Metz:

Esse tipo de sugestão é apenas uma sublime duplicação do sofrimento humano e da importância humana, implicando desconhecimento da diferença de Deus ao transferir o “mysterium negativo” próprio e exclusivo da criatura, para, finalmente, levar a uma perpetuação eterna do sofrimento²⁶³.

Desta forma, ao demonstrarmos as quatro posturas filosóficas, entendemos que o conceito filosófico sobre o mal é resultado de um exercício da razão prática e teórico sobre um mundo injusto e que esta realidade coloca nossa capacidade de agir de forma ética, quase que de forma irrelevante. Para Neiman²⁶⁴, o que podemos fazer para compreender o mal de forma aprofundada é realizar tentativas repetitivas de análises filosóficas onde assim, será possível redefinir uma propriedade ou posicionamento intrínseco do mal e o que ele faz

²⁵⁹ SOARES, Afonso Maria Ligoro. **De volta ao mistério da iniquidade**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 136.

²⁶⁰ JONAS, H. **Pensar sobre Dios y otros ensayos**. Barçela: Herder, 1998, p. 195-212.

²⁶¹ Doutrina hebraica que afirma que Deus é maximamente humilde, sendo o mesmo uma humildade criadora.

²⁶² JONAS *Apud* SOARES, *op. cit.*, p. 138.

²⁶³ METZ *Apud* SOARES, *op. cit.*, p. 138.

²⁶⁴ NEIMAN *Apud* SOARES, *op. cit.*, p. 138.

CONOSCO.

Assim, Soares afirma:

Se chamar algo de mau é um jeito de dizer que aquilo abala minha crença no mundo, é esse efeito, mais do que a causa, que precisa ser examinado, pois as diferentes respostas para o problema do mal revelam “mudanças” em nossa compreensão de nós mesmos e de nosso lugar no mundo²⁶⁵.

Assim, vemos que o intuito do exorcismo é, nada mais nada menos que determinar diretamente os complexos numa personalidade profundamente perturbada, abgerada psiquicamente. Devido a essa análise do indivíduo, a prática do exorcismo, principalmente dentro do Ritual Romano, considera indispensável as perguntas sobre o número dos maus espíritos, além do nome deles, como e por que entraram no “posseço”, além do momento da possessão.

Apesar de ser a forma mais tradicional de exorcismo e de longe a mais conhecida, o Ritual Romano apresenta falhas que colocam o enfermo em situação delicada. Através dessas técnicas de persuasão o “posseço” se reprime, e esse reprimimento, muitas vezes é erroneamente interpretado como ação de um “espírito” ou “demônio”. Logo, a análise e o tratamento realizado em um processo terapêutico pode tornar o paciente aliviado, momentaneamente, o que demonstra uma falta de culpa ou como afirma Johannes Mischo, o “posseço” é eximido da responsabilidade por comportamentos estranhos dentro de seu próprio eu²⁶⁶.

De acordo com o manual de exorcismo católico, a Igreja crê que existe apenas um único Deus, sendo ele, o princípio de todo o universo e criador de todas as coisas, sendo elas materiais ou imateriais.²⁶⁷ A igreja afirma também que tudo que Deus fez é bom, e que originalmente o diabo e os outros demônios foram bons na sua natureza, mas que por si só tornaram-se maus.

Assim sendo, a igreja afirma que os demônios não se tornaram uma substância ou algo contrário, porém afastaram-se do bem, ao qual deveriam servir.²⁶⁸ Sabemos que Cristo deu aos apóstolos e seus discípulos, o dom de expulsar espíritos impuros; como aparece em Mt10,

²⁶⁵ MARIA *Apud* SOARES, Afonso Maria Ligor. **De volta ao mistério da iniquidade**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 142

²⁶⁶ MISCHO, Johannes. A “possessão diabólica” – sobre a psicologia das reações irracionais. *In.*: KASPER, Walter; LEHMANN, Karl; KERTELGE, Karl; MISCHO, Johannes. **Diabo, demônios, possessão: da realidade do mal**. Tradução de Silvino Arnhold. São Paulo: Loyola, 1992, p. 143.

²⁶⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Ritual de exorcismos e outras súplicas**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 7.

²⁶⁸ *Idem, ibidem*, p. 7.

1.8; Mc 3, 14-15; 6, 7.13; Lc 9, 1; 10, 17.18-20 afirmando-lhes que o Espírito Santo havia agido no mundo e que o príncipe deste mundo já fora julgado. Por isso, a igreja acredita que, desde o tempo dos apóstolos, exerceu o poder recebido de Cristo, ou seja, o dom de repelir ou expulsar os demônios.²⁶⁹

O manual de exorcismo católico nos mostra que: “Desde a mais antiga tradição da Igreja, observada sem interrupção, o itinerário da iniciação cristã ordena-se de tal modo que a luta espiritual contra o poder do diabo seja claramente significada e comece de fato a realizar-se.”²⁷⁰

Assim, os exorcismos menores que se fazem sobre os eleitos, são preces da igreja para que o homem se veja livre do pecado, isso está diretamente ligado ao batismo onde os recém nascidos passam a estarem livres da ação do diabo e de sua influência. Para a igreja, após o batismo, o homem se fortalece espiritualmente e abre seu coração para os dons do Espírito Santo. Por isso, através do chamado banho da regeneração, o homem passa a ser um vitorioso sobre o pecado, passando ao estado de graça e liberto da escravidão do mal.

O problema da focalização de um ritual é que o mesmo pode fazer elevar ou “despertar” no possesso figuras ou imagens de um imaginário típico da Idade Média. Por isso, do ponto de vista psicológico, é importante verificar em um enfermo de possessão uma indução entre os fatores que representam a figura do diabo, do exorcista e dos demais “demônios” que são verificados. Em seus estudos e análises realizados em 1922, Freud chama a atenção para uma “neurose diabólica” no século XVII. Para Freud, os demônios encontrados no fenômeno da possessão são apenas “descendentes de instintos não aceitos, reprimidos”; os quais o enfermo permite aflorar em determinados momentos da vida²⁷¹.

Nas práticas exorcistas, onde é comum, as mesmas se estendem por um grande período de tempo, e que geralmente os mesmos não são acompanhados por uma realização de terapia, percebe-se o acontecimento de um “assoreamento” entre os divergentes como demonstra Misco. Por isso, em linha de princípio, o risco de ocorrência de uma falsa conscientização pode haver se a proposta analítica não for verificada. Assim, confiando-se apenas nas representações do exorcista realiza-se uma tendência que se afasta da norma, o que coloca o enfermo ao ponto de risco quando esse não tem sua psique percebida e analisada

²⁶⁹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Ritual de exorcismos e outras súplicas**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 8.

²⁷⁰ *Idem, ibidem*, p. 9.

²⁷¹ FREUD *Apud* SOARES, Afonso Maria Ligoro. **De volta ao mistério da iniquidade**. São Paulo: Paulinas, 2012

para que se chegue ao ponto chave do distúrbio.

Ao analisarmos esse contexto, algumas perguntas surgem: o inquérito realizado pelos exorcistas não provocaria um processo de aprendizagem análogo através das indagações parapsicológicas nas práticas espirituais? E, além disso, seria desta forma possível introduzir ou colocar de forma “artificial” uma “psicose mediúnica”?²⁷². Podemos responder essas perguntas observando o caso de Gottlielin Dittus, ocorrido entre 1840 a 1843.

Gottlielin Dittus tinha 28 anos na época do ocorrido. Moça de família pobre, morava com duas irmãs solteiras e um irmão meio cego em uma pequena casa nas proximidades de Pforzheim. Atuava como empregada doméstica até ser obrigada a deixar o trabalho por apresentar distúrbios renais e erisipela facial. Foi justamente neste período de leito que se manifestou em Dittus a presença de um “espírito”, e que acometia a enferma a violentas convulsões. Gottlielin passa a ser acompanhada por um pároco local, que afirma que a enferma está possuída pelo diabo. Em seu acompanhamento o pároco passa a observar além das convulsões rotineiras, vozes estranhas que são pronunciadas por Gottlielin e quando pergunta sobre quem esta em ação, obtém a seguinte resposta da enferma em forma de sibilo: “o mais maligno de todos”.

O que se segue é uma verdadeira luta de oração, onde é mencionado em primeira instância, a atuação de 3 demônios, depois passam a ser 7, seguindo-se de 14, até o número final de 425 demônios. O exorcismo ocorreu em 25 de junho de 1842 e se estendeu das 20 às 5 horas da manhã. Finalmente Dittus desmaiou, abriu sua boca e de acordo com os relatos do sacerdote: “Parecia estar cuspiendo um demônio após o outro. Tudo acontecia sucessivamente, sem que da parte dos demônios fosse dita uma única palavra sequer”²⁷³.

Tudo parecia estar normalizado, porém mesmo tendo sido levada para a casa paroquial de Mottlingen em fevereiro de 1843 os fenômenos tornam a se repetir, nesta altura, testemunhas oculares afirmam que Gottlielin vomitara areia, pedacinhos de vidro, fragmentos de madeira, dentre outros objetos. É interessante notar que durante a segunda crise as irmãs da paciente e seu irmão meio cego também passam a apresentar sintomas análogos. É registrado que somente durante as festas natalinas de 1843 a luta chega ao fim, onde a irmã de Gottlielin chega a pronunciar “Jesus é o vencedor”. Posteriormente, as três irmãs passam a morar ali, na

²⁷² MISCHO, Johannes. A “possessão diabólica” – sobre a psicologia das reações irracionais. In.: KASPER, Walter; LEHMANN, Karl; KERTELGE, Karl; MISCHO, Johannes. **Diabo, demônios, possessão: da realidade do mal**. Tradução de Silvino Arnhold. São Paulo: Loyola, 1992, p. 144.

²⁷³ *Idem, ibidem*, p. 146.

casa paroquial, onde são aceitas como filhas²⁷⁴.

Diante da enfermidade apresentada podemos realizar uma análise sobre todo o contexto em que estes irmãos viviam. Chegando, assim, a explicações para o ocorrido. Ao se analisar os casos de Sandra e Gottlielin percebemos de imediato uma série de fatores que explicam o fenômeno, principalmente no caso Gottlielin, onde como já fora mencionado, se exaltam uma série de fatores psicossociais. Em 1838, em Mottlingen, a região contava com apenas 130 habitantes e fora alvo de um movimento organizado por um pároco chamado Barth, onde uma onda religiosa suprimia qualquer superstição mística ou práticas consideradas mágicas e de bruxaria.

Assim, além do fundo histórico-cultural, a realidade intrapsíquica de Gottlielin manifesta esses ou essas experiências e suas interpretações subjetivas. Até os 23 anos tinha o antigo pároco como exemplo, porém, ao experimentar o insucesso na condição de empregada, Gottlielin, de acordo com sua mãe, fora acometida, várias vezes de arrematações no sono por “forças desconhecidas”, o que comprova que a realidade intrapsíquica da moça era extremamente voltada a expectativas “mágicas” ambivalentes que emergiam de situações de dificuldade em que se encontrava, e se projetavam em sua mente em forma de alucinações. Sua educação cristã ampliava a superstição em espíritos malignos. Se analisarmos as misteriosas arrematações iniciais da moça, em seu plano de realidade psíquico, podemos notar sintomas que são comuns em outros casos de possessão. Essas arrematações soam para o possesso como se algo, ou alguma coisa quisesse penetrar na esfera da consciência, ou seja, na consciência do grupo social em que ela habitava. Esse sinal inicial pretende chamar a atenção para uma necessidade ou crise intrapsíquica e também material.

Para o psicanalista Benedetti: “O agravamento dos sintomas de possessão de Gottlielin pode ser comparado com o agravamento que se observa nos sintomas psicóticos em consequência na resistência oposta pelos pacientes”²⁷⁵.

Ou seja, segundo Benedetti, em casos de possessão, o paciente tenta dominar o terapeuta, que tem a obrigação de reagir, frustrando assim esses desejos. Para além da vigilância psicológica do exorcista, também tem o problema da contratransferência, onde muitas vezes, como no caso Gottlielin, o próprio exorcista elabora um “efeito terapêutico de indução”, onde se afirma a hipótese de uma presença demoníaca, que no caso específico,

²⁷⁴ BENEDETTI *apud* MISCHO, *op. cit.*, p.146.

²⁷⁵ BENEDETTI *apud* MISCHO, Johannes. A “possessão diabólica” – sobre a psicologia das reações irracionais. In.: KASPER, Walter; LEHMANN, Karl; KERTELGE, Karl; MISCHO, Johannes. **Diabo, demônios, possessão**: da realidade do mal. Tradução de Silvino Arnhold. São Paulo: Loyola, 1992.

atormetava a moça e seus irmãos.

Desta forma percebemos nitidamente o que podemos chamar de um contágio, histórico. Assim esses ataques visam um fim específico que no final deve ser superada, resgatando essas pessoas em sua própria consciência a comunidade ao qual pertencem. Desta forma deve-se atentar para o fato de que a “possessão diabólica” parece situar no homem uma espécie de dissociação de diferentes impulsos e sistemas de valores que se expressam através de valores sociais mais amplos e diversos.

No segundo caso: Véronique Donard, retrata, em seu artigo, Elementos sociológicos e psicanalíticos para compreender o discurso da possessão diabólica²⁷⁶, alguns casos ocorridos em Paris na época atual. Dentre esses casos, vale a pena destacar o ocorrido com uma mulher que Donard chama de Sandra, de aproximadamente quarenta anos de idade. De acordo com os relatos, Sandra teve uma infância marcada pelo terror e pela solidão; onde constantemente era exposta a humilhações e sofrimentos.

A mesma contava apenas com a mãe e dois irmãos, e viviam uma vida de grandes dificuldades financeiras. Passou boa parte de sua difícil infância em um barraco com os irmãos até sua mãe colocá-la em uma casa com uma tia, onde deveria ajudar a mesma nos afazeres domésticos. Aos seis anos de idade era acostumada com os afazeres diários, porém, aos poucos, a tia se revelou uma pessoa brutal e egoísta, fazendo da pequena Sandra um objeto onde descarregava sua ira e exercia todo o seu despotismo.

O tio, às vezes a protegia, porém, exigia em troca que Sandra realize suas pulsações e desejos pedófilos. Após os abusos constantes, começaram as alucinações. Essas mesmas alucinações eram seguidas de fortes ataques que colocavam em risco sua vida e a dos demais presentes.

Para Donard:

A capacidade da psique da criança de defender-se contra traumas e torturas psíquicas e físicas que lhes são infligidas é tão prodigiosa, que ela consegue apagar de sua consciência todo o rastro de violência para construir-se de qualquer jeito de uma infância massacrada.²⁷⁷

A mente de Sandra lutou contra seus traumas, ela acreditava na sua integração na sociedade, encontrou trabalho, casou-se, teve filhos. Porém, os traumas voltaram com força

²⁷⁶ DONARD, Véronique. Elementos sociológicos e psicanalíticos para compreender o discurso de possessão diabólica. In.: **Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP**. Recife, Ano IX, 2010, p. 117.

²⁷⁷ *Idem, ibidem*, p. 127.

duplicada. Alucinações fortes a perseguiram e logo a figura do diabo passou a ser mencionada; segundo a mesma, desejava a sua morte e a das suas filhas.

Casos modernos como o de Sandra ocorrem não apenas na França, mais em vários locais do mundo. Para Donard, este caso e outros semelhantes podem ser entendidos como traumas ocorridos em alguma etapa da vida, principalmente, infância, uma vez que em suas análises, todas as pessoas observadas tinham em comum fatores como a solidão, o medo, o desamparo, dentre outros problemas que levavam ao desespero.²⁷⁸

Segundo Donard:

Torno a insistir sobre o fato de que a convicção e a adesão à ideia de possessão não significam, forçosamente, uma organização psicótica, caracterizada por um delírio de perseguição no qual o agressor adquire os traços do diabo ou de um espírito maléfico. É verdade que tive a experiência de receber indivíduos esquizofrênicos ou paranoicos convencidos de estarem possuídos pelo demônio: essas pessoas, na sua maioria, já estavam sendo seguidas por um psiquiatra e a razão pela qual elas pediam ajuda ao centro era justamente o fato de a sua medicação não conseguir eliminar suas alucinações e sua angústia.²⁷⁹

Fica claro que, em casos como os de Sandra, a presença de um trauma indizível ou simplesmente reprimido em seu interior, e que retorna sob forma de uma alucinação ou “possessão”, reflete uma ocorrência ligada a uma violação, o que leva a pessoa a uma fase de terrorismo psíquico.²⁸⁰

Sabemos que o traumatismo é comumente apresentado como um afluxo de excitações, além de um transbordamento do ego, colocando o sujeito, segundo Donard, a uma descarga física ou uma elaboração de psique que pode conter sua violência. Assim, quanto mais precoce for o trauma, mais o ego, imaturo, será incapaz de enfrentá-lo. Devido a isto, encontramos em casos como Sandra, rastros de um pânico inqualificável que poderá perseguir a pessoa, logo, como a sensação de angustia, aflição, desamparo e alucinações; todos esses fatores qualificam um estado de desespero emocional.²⁸¹

Assim, Donard defende a tese que:

[...] o discurso de possessão demoníaca parece ter causa, na grande maioria dos casos, seja pela persistência psíquica da violação – seja qual for a sua forma – que continua, no presente, a ação destruidora iniciada no passado, apesar da clivagem ou do encapsulamento do trauma –, seja, no melhor dos casos, pelo retorno do

²⁷⁸ DONARD, Véronique. Elementos sociológicos e psicanalíticos para compreender o discurso de possessão diabólica. In.: **Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP**. Recife, Ano IX, 2010, p. 121.

²⁷⁹ *Idem, ibidem*, p. 120

²⁸⁰ *Idem, ibidem*, p. 120

²⁸¹ *Idem, ibidem*, p. 120

reprimido – no sentido, porém, da *neurótica* freudiana, ou seja, da repressão de um trauma real.²⁸²

Por isso quando há uma “repressão”, a problemática que abordamos, é normal aparecerem contrapontos, principalmente nas culturas religiosas, que podem se estender ao ponto de chegar a anormalidades. Um exemplo disso são violações que ocorrem nas práticas exorcistas motivadas por sentimentos de fanatismo religioso.

Esse não é apenas um caso isolado; mostrando que na longa história dos exorcismos, existem vários casos, muito bem comprovados, de excessos²⁸³ ou de abusos que foram denunciados. Porém, esses casos são uma exceção, definitivamente levado por atos individuais sobre uma visão distorcida e enganosa da fé sobre o fenômeno.

²⁸² DONARD, Véronique. Elementos sociológicos e psicanalíticos para compreender o discurso de possessão diabólica. In.: **Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP**. Recife, Ano IX, 2010, p. 121.

²⁸³ MISCHO, Johannes. A “possessão diabólica” – sobre a psicologia das reações irracionais. In.: KASPER, Walter; LEHMANN, Karl; KERTELGE, Karl; MISCHO, Johannes. **Diabo, demônios, possessão**: da realidade do mal. Tradução de Silvino Arnhold. São Paulo: Loyola, 1992, p.153.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, chega-se ao final deste trabalho, demonstrando um pouco sobre o fenômeno da possessão e do exorcismo. Para muitos, a possessão demoníaca é, em um amplo sistema ligado a várias crenças religiosas, o controle de um indivíduo por um ser maligno sobrenatural. Descrições de possessões demoníacas muitas vezes incluem memórias, personalidades apagadas ou convulsões e desmaios, como se a pessoa estivesse sendo tomada. Outras descrições incluem o acesso ao conhecimento oculto, chamado de *Gnosis* ou de *línguas estranhas*, o que podemos chamar de Glossolalia, além de mudanças drásticas na entonação vocal e estrutural facial; o súbito aparecimento de lesões e arranhões, marcas de mordida ou ainda lesões e força sobre-humana.

Como foi demonstrado na introdução, os demônios, em suas diversas formas e representações, são considerados os responsáveis pelo fenômeno da possessão e vários outros males que afligem a humanidade. Com o objetivo de procurar um início para essas crenças, foi verificado que em todas as culturas existe um princípio comum, ou seja, além do Judaísmo e do Cristianismo também existem fontes e referências para identificar o que são “demônios”. Esta pesquisa procurou abordar justamente esses relatos ao longo da história, nas mais variadas religiões e civilizações da antiguidade, podendo desta forma atingir o ponto onde a crença evoluirá para a formulação e compreensão das contravenções atuais.

O Judaísmo, foco do capítulo um, incorporou, ao longo de sua trajetória, diversas características da região em que se desenvolveu (antiga Mesopotâmia). Acredita-se que somente após a saída do Egito, os Hebreus passaram a acreditar na figura dos demônios. Para os Estóicos, a alma dos mortos poderia se tornar um demônio de acordo com cada ocasião, e é justamente esse conceito que dará forma à crença da possessão de um indivíduo pelos parentes ou por pessoas próximas na mitologia grega. Ainda falando na Grécia Antiga, que iremos aprofundar mais adiante, o sábio grego Heráclito acreditava que o espírito é o caráter que habita em um homem, e não uma entidade separada como muitos antigos afirmavam.

Sobre a origem da palavra grega *daímon*, ela é de origem erudita, *daímon*, *-onos* como sendo interpretada por “divindade”, “gênio”, “espírito”, “espírito supra-humano” ou ainda “infra-divino”. Posteriormente, no que se refere aos conceitos eclesiásticos, haverá interpretações como “espírito mau”, “gênio”, “desfavorável”.

Como afirma Lefrèvre²⁸⁴, os demônios desempenharam um papel muito importante na crença e religião cristã desde suas origens até os dias atuais. No entanto, a figura do Diabo nem sempre desempenhou o papel que desempenha atualmente. Será demonstrado aqui como essa personagem se tornou o senhor de toda a escuridão para os cristãos.

A figura de Lúcifer, também chamado por vários outros nomes, como “Belzebu” ou simplesmente de “A Besta”, tem tomado muitas formas estranhas e diferentes, além de assumir atuações diferenciadas ao longo da história. Viu-se como a história de Satanás tem início há mais de três mil anos, nos desertos e campos áridos do Oriente Médio, onde bocas desconhecidas começavam a ditar os primeiros capítulos da Bíblia Hebraica. O demônio teve como local de nascimento os primeiros livros que os cristãos conhecem como *Velho Testamento* ou *Antigo Testamento*. Mas essa figura inicialmente não é como o Diabo como é imaginado nos dias atuais. Uma das primeiras aparições de Satanás em uma das histórias mais conhecidas da Bíblia é na forma de anjo, no Livro de Jó. Nesta passagem, a figura de Satanás afirma que Jó, um dos servos mais íntegros e fieis a Deus, só lhe tem essa fidelidade porque Deus lhe confere uma existência repleta de bênçãos e proteção. Na história bíblica, Deus permite então que Satanás teste a Jó, atirando contra ele vários tipos de doenças e calamidades. No final, mesmo com todos esses sofrimentos terríveis, Jó continua a adorar Deus, e Satanás perde todo o argumento. Porém, pode-se afirmar com tudo isso, que a figura de Satanás, que fez da vida de Jó uma desgraça, não é um demônio, nem mesmo pode ser chamado de um anjo perverso.

A partir do instante em que a humanidade começou a escrever a sua história, em diversas partes do mundo, tem acreditado em demônios ou em outras espécies de espíritos do Mau. Em muitas lendas, esses seres compartilham de muitas características em comum com o Diabo que as pessoas conhecem, mas nenhuma delas é tão poderosa quanto à figura de Satanás.

Foi mostrado aqui como os mitos são narrativas de caráter simbólico-imagético, relacionadas a uma dada cultura, que procura explicar e demonstrar, seja por meio de uma ação, um modo, seja por meio de um herói, uma personagem, a origem das coisas. É justamente nas entranhas dos mitos mais antigos que se encontra a experiência humana de entender e combater o Mal. No mito encontra-se uma narrativa que pondera a experiência do sofrimento, da angústia, dos medos em suas dimensões mais profundas.

²⁸⁴ A. LEFRÉVRE apud HUXLEY, Aldous. **Os demônios de Loudun**. São Paulo: Círculo do Livro, 1952, p. 179.

Como explica Afonso Maria Ligório Soares²⁸⁵, os mitos são como manifestações primordiais da vivência e proporcionam, por sua vez, a junção do ser humano com o abstrato, com o divino absoluto, além de colocá-lo perante símbolos e ritos que representam esse mistério. Para Jung, o mito é proporcionado pelo inconsciente coletivo, ou seja, é proveniente das camadas mais internas da alma e representa uma espécie de manifestação psíquica que descreve o ser em sua essência. Seguindo esta linha, J. Campbell²⁸⁶ afirmava que o mito não constitui somente a busca ou a procura por um sentido em nossa existência. Para Campbell, os mitos são como ressonâncias no interior do ser humano que o leva a se integrar com a natureza e a sociedade que o cerca, superando assim o informe, o indeterminado, o caos.

Pelo mito, encontramos expressões religiosas que ajudam a entender um pouco o racional. Através dele, pode-se encontrar um elo com o intelecto, uma vez que a sua linguagem permite que ocorra uma transmissão de pensamento ou raciocínio, que se propaga por meio de rituais, orações, cânticos, relatos históricos, textos, etc. É justamente em cima desta tradição que o homem reflete sobre sua origem, destino, lugar no mundo e qual a razão para tudo isso.

Ricoeur²⁸⁷, com o intuito de observar e analisar a simbologia do Mal, busca, no contexto das religiões antigas do Oriente Médio, além de na Grécia, formas de como esses povos entendiam e procuravam se defender do Mal. Ricoeur sintetizou os seus resultados em quatro modelos de mito: o teogônico, o adâmico, o trágico e, por último o modelo órfico.

Na cultura helenística, percebe-se, no que diz respeito à cultura popular, um grande número de figuras que representam demônios, não necessariamente sendo estes maus. Porém, eles estão também presentes na filosofia grega, no pensamento de grandes filósofos, como Platão, que os imaginava fazendo o papel de intermediação ente humanos e deuses. Xenócrates, que foi posterior a Platão, seguiu os passos de seu mestre e elaborou uma teoria bastante detalhada sobre essas entidades.

Diferentemente destes pensadores, o estoicismo tardio admite que almas de pessoas mortas possam se tornar demônios, realizando assim tarefas iguais àquelas realizadas por entidades espirituais de origem sobrenatural. É importante notar que as ideias aqui demonstradas, segundo Rabuske²⁸⁸, não ficam somente no campo dos debates e discussões filosóficas, mas tiveram grande divulgação no contexto popular e encontraram um vasto

²⁸⁵ SOARES, Afonso Maria Ligório. **De volta ao mistério da iniquidade:** palavra, ação e silêncio diante do sofrimento e da maldade. Paulinas: São Paulo, 2012, p. 58.

²⁸⁶ CAMPBELL apud HUXLEY, Aldous. **Os demônios de Loudun.** São Paulo: Círculo do Livro, 1952, p. 179.

²⁸⁷ RICOEUR apud SOARES, *op. cit.*, p. 65.

²⁸⁸ RABUSKE, Irineu José. Possessão e exorcismo: da prática do Jesus histórico à atualidade. In **Revista Cultura e Fé.** v. 129, ano 33, 2010, p. 192.

campo para se expandir através do helenismo, alcançando assim várias partes do mundo.

Mas nem tudo era concordância sobre os demônios: Luciano de Samósata, em sua conhecida obra, *Amigo da Mentira*, chega a zombar de tais figuras, assim como a zombar dos processos utilizados para expulsá-las.

Há exatamente três mil e quinhentos anos, na antiga Pérsia, onde hoje se encontram os atuais Iraque, Síria e Irã, havia muitos deuses, sendo bons e maus. Um religioso chamado Zoroastro ou Zaratustra reduziu o complicado grupo de personagens ou o amplo panteão dos deuses Mesopotâmicos a apenas dois.

O pensamento de Zoroastro é bastante simples. Ahura Mazda é um deus que reúne a luz e a ordem, enquanto que Ahriman é um deus que reúne o Mau e o Caos, as Trevas e a Mentira. Elementos opostos que simplesmente poderiam ser escolhidos pelos seres humanos. A figura de Satanás, embora seja sempre associada ao Mal, também irá servir aos próprios cristãos como justificativa de poder. Quatro séculos mais tarde, o imperador Constantino, o Grande, irá se converter ao cristianismo, fazendo com que a religião que outrora fora perseguida se tornasse o credo oficial do mais poderoso império da Terra. As autoridades cristãs logo passaram a possuir grande poder, e logo eram aparadas pelo Estado. Eles usariam a figura de Satanás para ajudá-los a manter essa posição, gerando o medo pelo pecado e pelo acúmulo de bens materiais.

Ainda no mundo antigo, além da personagem de Lúcifer, é importante notar como outros deuses de povos distintos foram sendo demonizados pelo próprio judaísmo e, posteriormente, pelo cristianismo. Isso ajuda bastante no entendimento da evolução do fenômeno da possessão, no qual esses mesmos deuses seriam os causadores de tais males.

Conclui-se com isso os principais termos demonizados no AT, sejam eles representando supostos seres inferiores, assim como fenômenos naturais, animais, pessoas, ou seja, fatores que estavam no dia a dia de Israel e também no contexto das civilizações vizinhas. Uma vez compreendida a concepção do que era considerado demoníaco em Israel Antigo, vê-se agora com mais clareza o que era considerado demoníaco nas demais civilizações e grandes religiões destas mesmas regiões próximas a Israel, lembrando que serão justamente esses costumes que farão com que os hebreus antigos partam para uma melhor formulação de sua demonologia e práticas de expulsão.

No capítulo dois, foi demonstrado que o termo “exorcismo”, no sentido específico, não possui palavra na língua hebraica que possa ser utilizada com este mesmo significado. O que se tem presente muitas vezes é a palavra *Ashap*, com o sentido de “astrólogo”,

“encantador” ou até mesmo “necromante” como afirma Carlos Vailatti²⁸⁹. Pode-se analisar esse tipo de expressão em algumas passagens do AT, nos Apócrifos, nos pergaminhos do Mar Morto, nos Pseudepígrafos, o que contribui bastante para a compreensão da evolução do pensamento sobre o referido fenômeno.

Voltando ao termo *Ashap*, existe o exemplo da passagem de Daniel 1.20, onde o termo é citado. Acredita-se que o termo seja retirado da antiga Babilônia, cuja palavra inicial era “*Shiptu*”, ou conjuração, traduzindo literalmente. Nesse mesmo livro, em Daniel 2.27; 4.4; 5.7,11, existe também outro termo, como mostra Vailatti, o vocábulo “*Gazer*”, com o sentido de “adivinho”. Acredita-se que o termo *Gazer* também possa significar “decretar”, ou seja, decretar que espíritos impuros sejam expulsos com autoridade.

Pode-se constatar como era realizado um exorcismo em Israel antigo através de duas passagens que relatam tais feitos. Uma delas está contida em 1 Samuel, e outra no livro apócrifo de Tobias. O Diabo foi mostrado das mais variadas formas possíveis no mundo medieval. Para Sérgio Alberto Feldman²⁹⁰: “Desde a patrística grega e latina, e por todas as crônicas e relatos do mundo medieval, o diabo era onipotente e exercia uma influência notável no mundo dos vivos, sendo referenciado como atuante e proselitista”.

Neste período da história judaico-cristã não eram incomuns grandes debates entre teólogos e pensadores ligados à cristandade sobre os limites de sua influência e poder no mundo dos vivos. A finalidade era evitar que a religião cristã, então já a maior e a mais influente religião do mundo ocidental, ganhasse um ar de doutrina dualista.

A transição do Cristianismo para a Idade Média foi um processo gradual e localizado. Porém, foi com ele que ocorreram drásticas mudanças nas questões culturais, nas práticas das pessoas e principalmente no imaginário. Com os conflitos gerados, essa religião foi, aos poucos, moldando o ideológico medieval, e convertendo as pessoas e fazendo-as com que elas abandonassem práticas consideradas pagãs; esse medo do pecado, Jose Lucas Cordeiro Fernandes chama de “pedagogia do medo”.

Com esse pensamento, a Igreja passa a demonizar inúmeras figuras e as coloca sob a ordem ou comando do maior dos demônios, Satanás. Nascia, assim, as hordas demoníacas, e a figura de Satanás ganha notável destaque. Desse modo, percebe-se que o Cristianismo, em seu momento de afirmação dogmática, tornou possível a chamada “unificação do Mal”, pois

²⁸⁹ VAILATTI, Carlos Augusto. **Manual de demonologia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011, p.96.

²⁹⁰ FELDMAN, Sérgio Alberto. A presença do diabo no cotidiano medieval judaico: os ritos de passagem. *In Revista de História e Estudos Culturais Fênix*, v. 4, ano 4, n. 2, 2007, p. 1.

na antiguidade, como afirma Fernandes²⁹¹, “o mal era bem variado e havia apenas poucas representações de maldade”. Com a vitória do Cristianismo no Ocidente, a personificação do Mal deixa de ser algo atribuído a divindades distintas.

Foi demonstrado como no mundo medieval pouco a pouco houve um crescimento sobre a produção de obras que retratavam Satanás. Isso, no entanto, só foi possível devido a conversão de grandes reis e seus impérios, como, por exemplo, o de Clóvis I, do Reino Franco. Com a conversão de Clóvis, o Cristianismo se expandiu a regiões distantes, derrubando ou incorporando costumes pagãos em várias culturas. Logo, o Cristianismo pode colocar seus dogmas em prática nos processos de conversão.

Com a conversão, dois elementos considerados fundamentais eram utilizados para fincarem o crente recém-convertido à nova prática religiosa. Novamente entra em cena o medo do pecado e o fator demonizador. Através dessas duas práticas, o homem medieval cristão passava a direcionar sua vida para Deus, sempre em busca da salvação, e sempre fugindo das tentações e provocações do Diabo, responsável pelos malefícios terrenos, como a pobreza e as pragas. Assim, o homem medieval passa a ser uma figura fragmentada entre o pecado mundano e a salvação.

O diabo surge no Cristianismo primitivo como um adversário para Deus, que marca o dualismo responsável pelo firmamento da Igreja nos séculos III e IV. Por isso, o mundo medieval é marcado pelo grande conflito entre salvação e perdição. O homem medieval era um homem dividido entre a recompensa do paraíso e o Bem, aqui representado pela Igreja e suas fileiras de sacerdotes; e os prazeres mundanos, que seria a personificação das tentações, aqui representando o Diabo e suas hordas infernais.

Esse dualismo e confrontos eternos e contínuos entre Deus e o Diabo no período medieval, também eram retratados no belicismo, no simbolismo, e no contratualismo do mundo medieval. Para Hilário Franco, o pensamento medieval sobre as atuações do Bem e do Mal podem ser resumidos em uma simples expressão: “O sobrenatural se mostrando no natural”.

Percebe-se, assim, a presença de uma “hierofania”, ou seja, manifestação do sagrado no profano. A única diferença entre católicos e outros grupos religiosos era o simples fato de que, para os católicos, o Demônio não poderia jamais ser colocado no mesmo grau de poder para com Deus.

²⁹¹ FERNANDES, José Lucas Cordeiro. **As marionetes do diabo**: as representações de satã no corpo na Idade Média. Universidade Federal do Ceará, 2009. Disponível em: <http://www.ce.anpuh.org/1342121799_ARQUIVO_TrabalhoANPUH.pdf>. Acesso em: 15 set. 2014, p. 7.

Sabemos que os judeus eram associados ao Demônio no mundo medieval cristão. Eles eram relegados a camadas inferiores da sociedade e expulsos de determinados ramos da produção econômica. Para os cristãos medievais, o povo judeu estava sempre envolvido em artes consideradas profanas e ligadas ao poder do Diabo. Assim, temendo por seus fiéis, a Igreja levantou várias regras e leis que afastaram os judeus da sociedade cristã, sendo algumas das mais famosas leis fincadas no quarto Concílio de Latrão em 1215, por Inocêncio III.

A figura do Diabo sempre foi tema de bastante reflexão no mundo judeu, em sua rígida estrutura monoteísta. Percebe-se então que a crença nele e os meios de proteção utilizados para combatê-lo são devido ao meio circundante, ou seja, à grande influência, tanto do Cristianismo quanto do Islamismo, que acreditavam e lutavam para que as mencionadas “hordas demoníacas” não atacassem seus fiéis. Essas ideias também atingiram o Judaísmo.

Essas crenças no Diabo prevaleceram disfarçadamente em rituais, cerimônias e outras práticas enrustidas do povo simples, tanto judeu como cristão, em suas crenças de cunho místico. Deixando o mundo medieval e chegando à era moderna, percebe-se que muitas características se modificaram com o passar do tempo. No entanto, com o avanço das ciências, vários foram os questionamentos sobre o referido fenômeno religioso e seus métodos de defesa.

Como foi visto no capítulo três, o imaginário popular foi um grande aliado das forças demoníacas, tanto para sua propagação como para sua consolidação. Como afirma Irineu Rabuske²⁹², apesar de os textos chamados “sinóticos” afirmarem a vitória de Jesus sobre Satanás, essa ideia não teria conseguido atingir as crenças populares, sobre as quais o Demônio continuava atuante no dia-a-dia das pessoas, tentando fazer com que elas fossem seduzidas e desviadas do caminho de Deus por legiões de demônios.

Assim, o fenômeno da possessão pode ser visto e entendido como uma prova da influência do “Diabo” sobre o corpo humano. Nas culturas antigas, acreditava-se que os espíritos malignos “entravam” no corpo humano sob as mais variadas formas e aspectos; dentre eles, falta de fé, acúmulo de pecado, alimentos “tocados” pelo Diabo etc. Logo, a possessão poderia se dar sobre os indivíduos das mais diferentes classes sociais, que têm como principal elo seus dramas e complexos pessoais.

Apesar da evolução das ciências médicas, sem um grande conhecimento físico que proporcione quebras com os mitos antigos, o diabólico ainda desponta como princípio de diversos males. Até mesmo o ar contaminado pela sujeira crescente é visto como ameaças

²⁹² RABUSKE, Irineu José. Possessão e exorcismo: da prática do Jesus histórico à atualidade. In: **Revista Cultura e Fé**. v. 129, ano 33, 2010, p. 195.

diabólicas, assim como outros acontecimentos no dia-a-dia, o que possibilita uma crescente “diabolização dos sentidos”.

A prática sexual pregada na Igreja é vista apenas como multiplicação dos homens e devia ser realizada apenas depois e dentro do casamento. Longe desta regra, o chamado “sexo desregrado” ou com propósitos de realização prazerosa pessoal pode ser um atrativo do pecado e consequentemente algo chamativo para demônios. Mais uma vez, tem-se a influência do imaginário popular e de um conjunto psicossocial, onde era comum afirmar que as feiticeiras, bruxas, prostitutas, amaldiçoados, hereges, dentre outras figuras marginalizadas, praticavam sexo para atrair o diabo, e desta forma levavam suas vidas para a “imundície” através da luxúria.

Partindo deste raciocínio da doutrina cristã, percebe-se que ocorre toda uma evolução sobre o Mal e suas causas. Assim, a doutrina tradicional apoia-se na refutação do dualismo e do monismo. O primeiro explica o Mal ao lado de Deus, um princípio do Mal independente de Deus. O segundo não atribui nenhuma culpa em relação à criatura em se tratando da sua autonomia, o que obriga o monismo a colocar o Mal no próprio Deus e, assim, demonizá-lo.

Finalizando esta análise, vê-se que o Mal não deriva da fragilidade da criação, porém, ao contrário, deriva de sua grandeza e plenitude; assim como o que dela é o mais perfeito: a realidade da liberdade perfeita. Percebe-se então que ao se praticar o Mal, o ser ou criatura opta por ensejar a possibilidade que Deus excluiu na realidade de sua criação, ou seja, o fator de acabar com a ordem e desencadear o caos no cosmos.

Do ponto de vista filosófico, o Mal pode ser interpretado como sendo algo não categorial, uma vez que o referido conceito se coloca anterior ao do pólo transcendental da consciência humana. Ao longo da história moderna, várias pessoas que possuíam comportamentos estranhos foram ligadas à figura de Lúcifer, bem como à prática da magia ou bruxaria. Segundo Rabuske²⁹³: “O pano de fundo para isso é fornecido pelas cenas bíblicas, com as quais o imaginário popular tende a interpretar essas pessoas que se desviam do que se tem por ‘normal’”.

Com essas contribuições, pode-se entender como a realidade social de um Indivíduo pode estar ligada ao fenômeno da possessão. No século XIX, surgiram as tentativas consideradas mais racionais de explicar ou tentar colocar os fenômenos de possessão como doenças mentais de diversos graus, como foi colocado primeiramente neste capítulo. Assim, problemas como distúrbios epiléticos, histeria, esquizofrenia, doenças consideradas maníaco-

²⁹³ RABUSKE, Irineu José. Possessão e exorcismo: da prática do Jesus histórico à atualidade. In: **Revista Cultura e Fé**. v. 129, ano 33, 2010, p. 202.

depressivas eram colocadas e interpretadas como sendo próximas dos sintomas observados no fenômeno.

Em parapsicologia, o fenômeno da possessão pode ser interpretado e estudado além dos rigores patológicos ou do racionalismo médico. Assim sendo, a prática da feitiçaria, realização de rituais mágicos, maldição etc. são vistos como objetos de estudo no mundo moderno para os parapsicólogos, que costumam dividi-los em dois pontos: a Teoria Espiritista e a Teoria Animista. Estas duas teorias ajudariam a entender o fenômeno da possessão.

No campo da ciência da religião, acredita-se que o fenômeno da possessão possui um caráter de sentido tanto positivo como negativo, gerando assim uma ambivalência. Para o aspecto negativo, tem-se a situação de uma “figura” ruim, o Demônio ou um espírito mau, com intenções malévolas. Já no caso positivo, trata-se de um espírito ou divindade benfeitora que, segundo Rabuske²⁹⁴, pode assumir papéis específicos de cura, ou outras funções de ajuda, como ocorre, por exemplo, no Vodun do Haiti ou culto Afro-cubano.

Desta forma, para a Ciência da Religião, a possessão pode funcionar como um instrumento de organização para estados de caos ou inquietação interna, que os indivíduos procuram integrar, passando assim a conviver na sociedade onde habita. Percebe-se que o fenômeno da possessão possui várias formas de interpretação a serem consideradas, o que leva o pesquisador do fenômeno a ter cuidado, pois não se deve de maneira nenhuma optar por uma única análise ou interpretação e rejeitar as demais ciências que se ocupam de tal acontecimento.

Irineu Rabuske²⁹⁵ chama atenção para outra realidade que está envolvida na interpretação da possessão. Trata-se da realidade sociopolítica do indivíduo considerado possesso. Neste caso específico, pode-se perceber o fenômeno da possessão e do exorcismo de uma forma bastante ampla, e não apenas reduzido a um indivíduo. Esta é uma tentativa, segundo o autor, de interpretar e analisar a possessão e o exorcismo dentro de uma conjuntura sociopolítica; ou seja, nas relações sociais, na ideologia das pessoas, na economia, etc.

Logo, o intuito do exorcismo é determinar diretamente os complexos numa personalidade profundamente perturbada, abgerada psiquicamente. Desta forma, conclui-se o que foi proposto neste estudo: mostrar a conexão compreensível entre a origem de uma enfermidade complexa e sua interpretação como fenômeno de “possessão diabólica”. Percebeu-se que se trata de pessoas psiquicamente enfermas, ou seja, que apresentam uma

²⁹⁴ RABUSKE, Irineu José. Possessão e exorcismo: da prática do Jesus histórico à atualidade. In: **Revista Cultura e Fé**. v. 129, ano 33, 2010, p. 203.

²⁹⁵ *Idem, ibidem.*

trajetória de enfermidade que produz a suspeita de tratar-se de tipos neuróticos ou outros distúrbios não ignorados pelos estudos psicológicos.

Através dos estudos dos casos de Gottlieb Dittus e Sandra, foi possível estabelecer um confronto com a maneira narrada de suas enfermidades. Por isso, dificilmente se pode negar, em ambos os casos, processos psíquicos que apresentam um curso semelhante, com certas analogias em suas funções. Comum a ambos os casos é o fato de que a psique humana passa por um processo pelo qual não é mais capaz de estabelecer e integrar impulsos e tendências que são divergentes, mobilizando assim, processos opostos aos de socialização.

Logo, sobre o fenômeno da possessão, fica claro o conceito de enfermidade. No caso da psicopatologia, da psicologia do profundo e da psicologia diagnóstico-clínica, racionalmente se explica, através de um longo processo de experiência e diagnósticos sobre o assunto. Orientada pela totalidade psicossomática do ser humano, assim como pela história de desenvolvimento e seu contexto social no meio em que vive, foi possível analisar o modo de como se realiza a diagnose com a qual se estabelece a presença de uma “possessão diabólica”. Deve-se lembrar, por fim, que neste processo, o ritual se torna uma mitização personalizante, que estimula as faculdades parapsíquicas.

REFERÊNCIAS

- ALLEGUE, Jaime Vázquez La. **Regla de la comunidade de Qumrán**. Salamanc: Ediciones Segume, 2006.
- BALZ, Host; SCHNEIDER, Gerhnd. **Dicionário exezético del Nuevo Testamento**. [s.l.]: Salamanio, 2005, v. 1.
- BAUER, Johannes. **Dicionário bíblico teológico**. São Paulo: Loyola, 2000.
- BERGER, Klaus. **É possível acreditar em milagres?** São Paulo: Paulinas, 2004.
- BERGER, P. L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.
- BIETENHND, H. In.: BROWN, Coln. **New International Dictionary of New Testament Theology**. Grand Rapids: Zondervan, 1986, v. 1.
- BOND, Helen. Documentário. **History of the Devil**. 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1X-tMUaNpYA&index=21&list=FLZyXda330Fe9Mo-FVfTGbw>>. Acesso em: 14 ago. 2013.
- BORGES; Valter da Rosa. **Manual de parapsicologia**. Recife-PE: Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas, 1992.
- BRIAN, Nicholas Baker. Documentário. **History of the Devil**, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1X-tMUaNpYA&index=21&list=FLZyXda330Fe9Mo-FVfTGbw>>. Acesso em: 14 ago. 2013.
- CALBA, Marcos. **Terra Brasilis**: pré-história e arqueologia da psique. São Paulo: Paulus, 2006.
- CARVALHO, Flávio. **A origem animal de Deus**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.
- CHAMPLIN, R. **Dicionário de teologia, filosofia e história**. São Paulo: Agnos, 2000.
- _____. **Enciclopédia de bíblia, teologia e filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2001, v. 2.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Ritual de exorcismos e outras súplicas**. São Paulo: Paulus, 2005.
- CORREIA, Joana Paula Pereira. Maniqueísmo: religião, seita, ou heresia? **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História ANPUH, Brasil 2013**. Natal, 2013.
- CUPPIT, Don. **Depois de Deus**: o futuro da religião. Rio de Janeiro: ROCCO, 1999.

DELUMEAU, Jean. **A história do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DOBRINSKY, Herbert C. **A treasury of sephardic laws and customs**. New York: Ktav Publishing; Yeshiva University, 1988.

DONARD, Véronique. Elementos sociológicos e psicanalíticos para compreender o discurso de possessão diabólica. *In.*: **Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP**. Recife, Ano IX, 2010

FELDMAN, Sérgio Alberto. A presença do diabo no cotidiano medieval judaico: os ritos de passagem. *In.*: **Revista de História e Estudos Culturais Fênix**, v. 4, ano 4, n. 2, 2007.

FERNANDES, José Lucas Cordeiro. As marionetes do diabo: as representações de Satã no corpo na Idade Moderna. **XIII Encontro Estadual de História do Ceará**, 2012, Sobral. Anais do XIII Encontro Estadual de História do Ceará, 2012. v. 1.

_____. **As marionetes do diabo: as representações de satã no corpo na Idade Média**. Universidade Federal do Ceará, 2009. Disponível em: <http://www.ce.anpuh.org/1342121799_ARQUIVO_TrabalhoANPUH.pdf>. Acesso em: 15 set. 2014

GALLARDO, Carlos B. **Jesus, homem em conflito**. O relato de Marcos na América Latina. São Paulo: Paulinas, 1997 (Enciclopédia Mirador Internacional).

GARMUS, Ludovico. **Diabo, demônios e poderes satânicos**. Petrópolis: Vozes, 2002 (Série Estudos Bíblicos).

GOODMAN, F.. Ekstase, **Besessenheit, Dämonen**: die geheimnisvolle Seite der Religionen. Gütersloher Verl. Haus: Gütersloh, 1996.

GRAYLILL, John B. Septuagent. *In.*: TENNEY, Merrill C. **Zondervan's Pictorial Bible Dictionary**. Michigan: Zondervan Corporation, 1964.

GUIMARÃES, Filipe de Oliveira. Livro de Enoque: uma chave hermenêutica para a compreensão de crenças cosmogônicas do cristianismo primitivo. *In.*: Anais do IV Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH: Memória e Narrativas nas Religiões e nas Religiosidades. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá-PR, v. 5, n. 15, jan/2013.

HAMILTON, Vitor P. *In.*: HARRIS, R. Laird. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1998.

HARRIS, R. Loird. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1998.

HOLLADAY, William L. **A concise hebrew and aramaic lexion of the old testament**. Mich.: William B. Eerdmans Publishing Company, 1988.

HOLLOWAY, Richard. Documentário. **History of the Devil**, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1X-tMUaNpYA&index=21&list=FLZyXda330Fe9Mo-FVfTGbw>>. Acesso em: 14 ago. 2013

HUIZINGA, J. **O declínio da Idade Média**. São Paulo: Verbo Edup, 1978.

HUXLEY, Aldous. **Os demônios de Lordum**. São Paulo: Círculo do Livro, 1952.

JONAS, H. **Pensar sobre Dios y otros ensayos**. Barcela: Herder, 1998.

JUNG, Carl. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1983, v. 1

LEHMANN, Karl; KASPER, Walter; KERTELGE, Karl; MISCO, Johannes. **Diabo, demônios e possessão**. São Paulo: Loyola, 1992.

KEEL, Othmar. **La icanografia del Antiguo Oriente y el Antiguo Testamento**. Madrid: Trotta, 2007.

KERNBERG, O. F.. **Borderline-Starungen und pathologische Narzissmus**. Suhrkamp: Frankfurt A. M., 1996.

KITTEL, Gerhard. **Theological Dictionary of the New Testament**. [S.l]: Eerdmans Publishing Company, 1999. v. 2.

KUZMA, Cesar. **Exorcismo: como entendê-los?** 28/06/2014. Disponível em: <<http://cesarkuzma-theology.blogspot.com.br/2014/07/exorcismos-como-entende-los.html>>. Acesso em: 15 set. 2014.

LARA, Aroldo. **Possessão e exorcismo**. São Paulo: Biblioteca 24 Horas, 2011.

LAUTERBACH, Jacob Z. The ceremony of livro king a glass at weddings. In.: **Studies in jewish Law, customs and Folklore**. New York: Ktone, 1970.

LAZARINI NETO, Antonio. **Messias exorcista: combate aos espíritos imundos e a estrutura do Evangelho de Marcos**. (Exegese de Mc 1.21-28). Universidade Metodista de São Paulo. 2006.

LOOS, H. Vonsler. **The mirocles of Jesus**. Leiden: Brill, 1965.

MARCOS, Jacob Rodar. **Command sick core in the German Guetto**. Cincinnati: Hebrew Union College, 1947.

MARTINEZ, Florentino Garcia. **Textos de Qumran**. São Paulo: Vozes, 1994.

MEGA, Orestes Jayme; SILVA, Antonio C. R. A. M.; MATOS, Lennon Oliveira. As metamorfoses de satã: as ressignificações do mal. **I Congresso Internacional de Religião e Magia no Mundo Antigo**. Rio de Janeiro, 2010.

_____.; _____.; _____. As metamorfoses de satã: as ressignificações do mal. **IX Fórum de Debates em História Antiga**. Rio de Janeiro, 2010.

MISCHO, Johannes; NIEMANN, Ulrich. Die besessenheit der anneliese Michel in interdisziplinärer sichtsicht. **Zeitschrift für parapsychologie und grenzzehete der psychologie**, v. 25, 1983.

MISCO Johannes; KASPER, Walter; LEHMANN, Karl; KERTELGE, Karl. **Diabo, demônios, possessões**. São Paulo: Loyola, 1992.

MISCHO, Johannes. A “possessão diabólica” – sobre a psicologia das reações irracionais. In.: KASPER, Walter; LEHMANN, Karl; KERTELGE, Karl; MISCHO, Johannes. **Diabo, demônios, possessão: da realidade do mal**. Tradução de Silvino Arnhold. São Paulo: Loyola, 1992.

NOGUEIRA, Carlos Roberto. **O diabo no imaginário cristão**. Bauru: Uducs, 2000.

O’GRADY, Joan. **Satã, o Príncipe das Trevas**. São Paulo: Mercuryo, 1991.

OESTERREICH, Traugott K. **Die besessenheit**. Lanzensalza: Wendt und klauwell, 1921.

OPPENHEIM, A. L. The eyes of the lord. **Journ Am Or Soc**. v. 88, p. 173-180, 1968.

PFEIFFER, Charles F.; HARRISON, Eereerett F. **The Wycliffe bible commentary**. Chicago: Moody Press, 1987.

PIERRE, Mariel. Quando um deus se torna diabo. In.: **Revista Planeta**. São Paulo: Três, 1985.

PIKE, Edgar Rayston. **Dicionário de religiones**. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

POLLACK, Herman. **Jewish folkways in Germanic Lands**. Cambridge: Mit Press, 1971.

PROENÇA, Eduardo de. **Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

RABUSKE, Irineu José. **Jesus exorcista: estudos exegéticos e hermenêuticos de Mc. 3:20-30**. São Paulo: Paulinas, 2001.

_____. Possessão e exorcismo: da prática do Jesus histórico à atualidade. In.: **Revista Cultura e Fé**. v. 129, ano 33, 2010.

_____. **Jesus exorcista: estudo exegético e hermenêutico de MC 3, 20-30**. São Paulo: Instituto Ecumênico de Pós Graduação, 1999.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorger Zahar, 1993.

SAMPAIO, Fernando G. **A história do demônio da antiguidade aos nossos dias**. Porto Alegre: Garatuja, 1976.

SAYÉS, José Antônio. **El demônio, reslislool o mito?** Madrid: San Pablo, 1997.

SCHIAVO, Luigi. A apocalíptica judaica e o surgimento da cristologia de exaltação na narrativa da tentação de Jesus (Q 4.1-13). In.: **Revista Oracula**. n. 1, p.1-56, 2005.

_____. As três redes de satanás. In.: **Fragmentos de Cultura**, Goiânia - GO, v. 11, n.5, p. 849-858, 2001.

_____. Com Satanás ao redor da terra. As tentações de Jesus (Lc 4,1-13) como relato de experiência visionária de viagem. In.: **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo - SP, v. 19, p. 105-132, 2000.

_____. Jesus Taumaturgo: elementos interpretativos. In.: **Revista de interpretação Latino-Americana (RIBLA)**, Quito - Equador, v. 47, n.1, p. 74-85, 2004.

_____. O mal e suas representações simbólicas: o universo mítico e social das figuras de satanás na bíblia. In.: **Estudos de Religião**. v. 19, p. 65-83, 2000.

_____. O simbólico e o diabólico: a vida ameaçada. In.: **Phoenix (UFRJ)**, Rio de Janeiro, n.8, p. 230-243, 2002.

_____. **2000 demônios na Decápole**: exegese, história, conflitos e interpretações de Mc 5.1-20.. São Bernardo do Campo-SP: UMESP, 1999.

_____. Com Satanás ao redor da terra. As tentações de Jesus (Lc 4,1-13) como relato de experiência visionária de viagem. In.: **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo-SP, v. 19, p. 105-133, 2000.

_____.; SILVA, Valmor da. **Jesus milagreiro e exorcista**. São Paulo: Paulinas, 2000.

SENNA, Ronaldo Salles. Deuses antigos, demônios atuais. In.: **Revista Sitientibus**, Feira de Santana, 1986.

SMITH, Carlos R. **The New Testament Datrime of Demons**. v. 10, n. 2, 1969.

SOARES, Afonso Maria Ligoró. **De volta ao mistério da iniquidade**. São Paulo: Paulinas, 2012.

SOARES, Afonso Maria Ligoró. **De volta ao mistério da iniquidade**: palavra, ação e silêncio diante do sofrimento e da maldade. Paulinas: São Paulo, 2012.

STAUDENMAIER, L. **Die magie als experimentelle naturwissenschaft**. Leipzig: Akademische Verlagsgesellschaft, 1912.

STORMOLO, Irlo; BORTOLONI, José. **Como ler o livro de Tobias**: a família gera vida. São Paulo: Paulus, 2006.

TRACHTENBERG, Joshua. **Jewish magic and superstition**: a study in folk religion. New York: Behmmons Hause, 1939.

TRUNK, Dieter. **Der messianische Heiler. Eine redaktions - und religionsgeschichtliche Studie zu den Exorzismen im Matthäusevangelium**. Freiburg; Basel; Wien: Herder, 1994.

UNGER, Merril F. **Biblical demonology**: a study of the spiritual forcs belsinot the presente world unrest. Wheaton, IL: Scripture Press, 1973.

UNTERMAN; Alan. **Dicionário judaico de lendas e tradições**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

VAILATTI, Carlos Augusto. **Manual de demonologia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

VERMES, Geza. **Jesús, el judío**. Barcelona: Muclsnik Editors S.A., 1984.

VIDAL, César. **Jésus y los manuscritos del mar muerto**. Barcelona: Phaneta, 2006.

WRIGHT Documentário. **History of the Devil**. 2007. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=1X-tMUaNpYA&index=21&list=FLZYXda330Fe9Mo-FVfTGbqw>>. Acesso em: 14 ago. 2013.